MATHEUS DE ALBUQUERQUE

AS BELLAS ATTITUDES

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58—RUA GARRETT—60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

AS BELLAS ATTITUDES

DO MESMO AUTOR

Visionario (versos), primeira edição, Manoel Nogueira de Sousa, Pernambuco, 1908; segunda edição, Lello & Irmão, Porto, 1912; terceira edição, revista e augmentada, a sahir.

Sensações e Reflexões, primeira edição, Rio de Janeiro, 1916; segunda edição, Portugal-Brasil, Limitada.

Da Arte e do Patriotismo, primeira edição, Portugal-Brasil, Limitada.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

AS BELLAS ATTITUDES

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58—RUA GARRETT—60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

MESTRES E AMIGOS

OLAVO BILAC

Durante muito tempo Olavo Bilac foi o poeta que triumpha no Brasil com um livro escripto aos vinte annos. Alguns sonetos da *Via Lactea*, pela doçura do rythmo e delicadeza da inspiração, andavam de bocca em bocca, como a crystalização do seu genio poetico. O paiz parecia satisfeito com essas expressões da sua actividade mental e sentimental, consagradas pela voga dos salões e pela critica consuetudinaria da cidade. Mesmo nos circulos de mais reconhecida esthesia, onde se tem pelo vulgo constante e ingenua hostilidade, era raro sahir do *Ouvir Estrellas* e de outras composições seleccionadas pelo nosso gosto das syntheses commodas e prestadias, ou melhor, por essa

pressa de imaginação tropical que nos leva a dormir, definitivamente, sobre os primeiros louros conquistados. Olavo Bilac era un poeta mais que se celebrizava com o seu primeiro livro.

Em vão procuraria o grande cantor e incontentado estheta dilatar e aperfeiçoar a sua beila obra. Em vão as incandescencias da primeira mocidade, os arrebatamentos da carne insaciada, as surprezas deslumbradoras da sua iniciação nesse instante da vida em que o homem, mesmo sem graves possibilidades, offerece sempre o espectaculo de uma confiança commovente, cederiam, nelle, o logar ao soffrimento, á verdadeira dôr da arte, á gestação da grande Belleza unida á eterna Verdade. Todos os sonetos da ultima phase de sua vida artistica, cuja genealogia data, por assim dizer, do *Inania Verba*, occuparão sempre, na tradição oral, um plano secundario, máo grado o fundo idéologico, a elevação de sentimentos e a majestosa harmonia que lhes dão, em conjunto, o caracter de uma superioridade sem contraste.

As fórmas preferidas pela imaginação popular, as poesias desta poesia accessiveis e sufficientes ás necessidades sentimentaes da nossa gente, continuarão, sem duvida, a ser aquellas que o uso vulgarizou, com o apoio intellectual de duas gerações. Quando se compara o exito de umas e outros, não é, seguramente, para desmentir, neste ponto, a infantilidade da nossa cultura.

Olavo Bilac não podia escapar á regra. Em literatura, sempre fomos sensiveis aos meninos prodigios. O paiz gosta que o poeta e o escriptor se revelem, se dêem totalmente da primeira vez. E' uma prova da nossa lisonjeira capacidade para as grandes improvizações. Difficilmente se comprehenderia que alguem, entre nós, escrevesse, como Goethe, a sua obra prima aos sessenta annos. Quando um escriptor no Brasil, havendo passado dos quarenta annos, procura dar ao seu pensamento uma serenidade mais consentanea com o bom senso e á sua fórma uma simplicidade mais visinha da perfeição, não é raro que

delle se diga que está decadente. Transposta a quadra das comburencias lyricas, dos arroubos de imaginação e das audacias de linguagem, é difficil que um poeta brasileiro consiga interessar ao grande publico. Temos a paixão da mocidade com as suas esplendidas e faceis affirmações.

Pouco importa que essa juventude literaria, na maioria dos casos, seja apenas apparente. Porque a verdadeira mocidade intellectual não depende dos annos do escriptor, mas do seu espirito de renovação e progresso. Alvares de Azevedo foi proclamado genio com a *Lyra dos vinte annos*, e, entretanto, ha nesses cantos juvenis o travo de uma decadencia literaria, o cunho ou a obsessão de uma enfermidade mais de programma que physica ou moral. Decididamente, as glorias novas, pelo que encerram quasi sempre de extravagante ou morbido, têm para nós irresistivel e duradoura seducção. Uma vez, de passagem pela Bahia, ouvi de um literato local que alli não ha nem haverá gloria que supere á de

Castro Alves, outro genio morto aos vinte e quatro annos, e esse, felizmente, dos mais sadios, ainda que não dos menos imperfeitos: nem talvez mesmo a de Ruy Barbosa, apesar da sua immensa grandeza. Um critico, se bem me lembro, já affirmou que todo Coelho Netto, a despeito dos seus vibrantes sessenta volumes, está nas *Balladilhas*, livro de mocidade vertiginosa e fulgurante. Um outro, se me não engano, sustentou, com a maior tranquillidade, que o que ha de mais interessante em Eça de Queiroz são as *Prosas Barbaras*, que enfeixam, como se sabe, os primeiros folhetins e fantasias do grande romancista. E não foi decerto obedecendo á mesma corrente de opinião nacional que outro critico tentou, a proposito dos nossos poetas romanticos, arrebatados na flor da idade, crear ou explicar uma «escola de morrer joven», com uma precisão discutivel e um alcance ainda mais duvidoso?

Sei que as primeiras impressões são quasi sempre as que ficam. Nem eu pretendo rebel-

lar-me contra essa maneira de consagrar os grandes nomes das nossas letras. Cada povo tem o seu modo de amar e julgar os seus artistas e escriptores. Uns, cuidam carinhosamente, mas sem embevecimentos, da planta nova de que esperam melhores fructos; outros, só muito tarde, e ás vezes resmungando, se apercebem da existencia e excellencia desses fructos; e não poucos, guardam, a respeito de certos genios, uma attitude irreverente ou discreta. Nós nos contentamos com as primeiras manifestações das intelligencias novas, talvez porque neste, como no reino vegetal, a nossa precocidade e exuberancia são incoercivelmente desnorteantes.

*

Olavo Bilac não podia fugir á regra, apesar de ser uma figura de excepção. Durante muitos annos foi o poeta acclamado de um livro de mocidade. Como já se déra com outros, e como tudo indica que se dará com gerações successivas, o paiz parecia satisfeito, nada

mais devendo ou querendo esperar do seu brilhante cantor. Ninguem lhe exigiria novos esforços; ninguem lhe daria o estimulo da perfeição. Por incapacidade cultural? Para não augmentar a gratidão do seu povo? Pela necessidade de attender a outros especimens da nossa extenuante genialidade? E' possivel. O certo é que tres ou quatro sonetos decorados e repetidos e as linhas fugitivas de alguns discursos academicos, nos bastavam para servir de pedestal á gloria deste eminente brasileiro.

Não sei até que ponto chega a ser deprimente para um artista essa divulgação da sua obra ou essa fórma de popularidade. Se Olavo Bilac não fosse o temperamento integral de artista que possuia o segredo do seu destino, seria hoje um bello nome apenas, entre outros para os quaes o tempo vae reservando incognitas pouco tranquillizadoras. Elle continuou festejado com renovada sympathia; mas continuou trabalhando em silencio e desattento á vehemencia das nossas acclamações.

Não se annullou na febre de publicidade. Não teve a embriaguez das nossas glorias domesticas. E, cousa singular! apesar da sua extensa popularidade, nunca foi, mesmo de leve, attingido pelo ridiculo, uma das fórmas odiosas da celebridade, pela qual o excessivo favor publico ás vezes exprime, inconscientemente, a sua admiração.

Foi bello, como poeta, e equilibrado, como homem. Em face da vida não teve attitudes sobrenaturaes. O segredo do seu equilibrio artistico é uma resultante da sua conducta humana. Amou sem melodramas; soffreu sem imprecações. E nunca amor e soffrimento encontraram em nossa lingua expressão mais harmoniosa, lagrimas mais serenas, jubilos mais fecundos, hymnos mais perfeitos. Cheio de paixão pela vida, era um semeador de puras alegrias, um fecundador de espiritos e corações, no sentido da belleza e da felicidade. Ainda nos ligeiros turvamentos da sua razão clara e simples, quando a duvida, o desconsolo, a tristeza se alçavam para arran-

car-lhe accentos melancolicos, queria o seu grande coração

> «Ser de homem sempre e, na maior pureza,
> Ficar na terra e humanamente amar».

Essa eurythmia na arte e na vida foi a sua maior gloria e o mais gentil dos seus ensinamentos. Com Olavo Bilac aprendemos melhor a não separar o homem do poeta. Elle era um exemplo vivo e completo desse consorcio raro entre a cultura artistica e a cultura social. Em nosso meio e em nosso tempo, era, se me permittem a expressão, um poeta civilizado. Os romanticos, quasi todos os genios passados, deixaram-nos, no conjunto das suas existencias, a impressão um pouco confusa de umas tantas crispações, de uns altos e baixos deploraveis, de vôos á altura do sublime e de quédas quasi fataes. E' um contraste doloroso. Será, talvez, de alguma utilidade novellesca para romancear a vida caseira dos herões; mas resulta, no fim de contas, desconcertante para as almas equilibradas e sensi-

veis. Habituramo-nos a ver no poeta um ser desgarrado da sua orbita. O poeta era para nós assim como uma superfetação social. E, mais que qualquer outro, Olavo Bilac reintegrou-o na communhão humana. Participou, naturalmente, quando joven, da bohemia dourada do seu tempo; mas sahiu della inconspurcado, sem saudade ou desencanto. Não ha na sua obra vestigio desagradavel dessa época da vida, propicia á quéda inicial dos melhores temperamentos.

Por isso, a acção de Olavo Bilac entre nós foi, sobretudo, civilizadora. A sua obra poetica, a sua esthetica, o seu gosto, a sua inspiração, a sua technica, as origens da sua cultura literaria, a influencia dos seus processos artisticos nas generações que lhe succederam, já sufficientemente delineadas por outros, pertencem aos homens de letras, aos criticos profissionaes. Não aspiro a estudal-as, senão apenas salientar-lhes os aspectos que considero mais eloquentes. Dizer que Olavo Bilac foi um grande poeta, que a sua poesia tem o

encanto de uma mocidade permanente, como a sua vida particular, pelo pouco que della conhecemos, attesta uma saude d'alma perenne, sobre ser para mim, como para os que o conheceram e amaram, um dever muito grato, é, por isso mesmo, tarefa bastante facil. Mas este grande poeta, que para ser proclamado e reconhecido como tal, através das idades, prescinde em absoluto do meu voto, tem para mim, na sua singeleza, feições profundamente commovedoras.

*

Foi um artista excepcional. Foi um creador de belleza. Penetrou o segredo das grandes harmonias e padeceu a dôr silenciosa dos pensamentos culminantes. Teve as tristezas da abelha solitaria e derramou, como um consolo, o divino mel dos seus poemas. Elevou as almas simples com a melodia dos seus cantos, poliu os caracteres rudes com o exemplo da sua urbanidade sem artificio, suavizou a aridez dos sabios com a magia da sua pala-

vra: tornou, em summa, a belleza mais amada dos homens. Com elle cresceu a gloria da sua patria. Cumpriu a mais bella missão, fazendo da sua existencia uma obra prima vivida.

E, dentro deste invejavel destino, pôde ainda ser patriota. Ah! o patriotismo de Olavo Bilac é das cousas que mais me commovem. Não que vivamos na orphandade desse nobre sentimento. Temos, ao contrario, um patriotismo sempre vigilante, ainda que, por vezes, muito exaltado. Em nosso paiz, o patriotismo tem tido varias maneiras de manifestar-se, desde as prosperidades mirificas de certos governantes até ás cantatas ingenuas dos poetas de bairro. Esse phenomeno, simples e immutavel na substancia, aqui como em toda a parte, apresenta-se-nos, de tempos em tempos, sob uma fórma nova e complexa, ora evidenciando as vantagens do bom senso collectivo, ora resoante de odes e epinicios na exaltação de virtudes excepcionaes, esquecidas pelos deuses compassivos neste canto do

planeta, ora attrahindo, com excessos de hospitalidade, os detritos de todas as miserias sociaes desconhecidas, necessarios ao adubo da terra inculta, ora ardente de furioso e ephemero jacobinismo, variando, emfim, da megalomania para o desanimo, da abastança de emprestimo para a impotencia confessada, dos esplendores do triumpho facil para as surprezas tragicas da anarchia politica. Todas essas fórmas do patriotismo brasileiro, ou das suas reacções periodicas, devem ter a sua logica, neste logico universo, e é bem possivel que se harmonizem e completem ao fim de todos os disparates. Nada leva a duvidar que através dellas flúa, invisivel e sabia, a corrente mysteriosa, o idéal inaccessivel, o espirito superior que nos ha de conduzir ao seculo remoto da riqueza, da gloria, da perfeição.

Ser, porém, um grande poeta e ao mesmo tempo um patriota consciente, como Olavo Bilac, é missão extraordinaria. Ser, através da sua obra e da sua existencia, um grande escriptor e simultaneamente um devotado ci-

dadão, é devéras arriscado, porque se esta se eleva no conceito e na gratidão dos compatriotas, aquella póde perder o caracter de universalidade, sem o qual sobreviver é impossivel. É, realmente, necessaria muita superioridade para fundir uma na outra, sem prejuizo de nenhuma, e desse consorcio admiravel extrahir um poema unico e uma lição immortal. Olavo Bilac é o autor deste milagre.

A sua intuição dos nossos destinos nacionaes, sem traça de delirios messianicos, sahia, effectivamente, da vulgaridade. Através da sua obra poetica, ella attingiu o gráo maximo de expressão no *Caçador de Esmeraldas*, portico do poema nacional que está por escrever. Na reconstituição desse episodio da historia colonial do Brasil, traça-se, com visão perfeita, o caminho da nossa grandeza futura. E' a conquista da terra barbara, da terra hostil, da natureza tantas vezes decantada, em odes, em discursos, em symphonias, como um dom singular da providencia, e outras tantas, e sempre, desafiando a fragilidade do ho-

mem que esmorece, a cada passo, diante de um novo ardil. E' a epopéa desconhecida dos sacrificios que a terra immensa e bruta, desordenada e truculenta, nos reclama como preço de victoria. E' o appello quasi prophetico ás energias dispersas da raça, para que se não interrompa a *bandeira* dolorosa e salvadora.

Até hoje temos offerecido á terra opulenta e aspera mais hymnos do que braços, mais leis do que lavouras, mais excursões recreativas do que incursões civilizadoras. Dos nossos grandes poetas, Olavo Bilac foi talvez o unico que não alimentou com versos a illusão dessa pompa ornamental.

*

Muito devia ter elle soffrido com o espectaculo das nossas inferioridades. Mas não vociferou. Não perdeu tempo nem intelligencia com uma reedição caprichosa de Jeremias. Não o attrahiu jámais a musa dos nossos numerosos prophetas da desgraça. Viu o paiz sem instrucção, a sua pobre gente quasi anal-

phabeta, o nivel da nossa cultura intellectual baixando assustadoramente; e, em vez de pleitear uma cadeira de deputado para ir fundar, nas horas vagas do parlamento, ligas anodynas contra o analphabetismo nacional, deixou, por momentos, a sua nobre lyra e escreveu livros singelos para as escolas primarias, contos patrios, poesias infantis, fabulas encantadoras, onde o pedagogo atilado se serve da simples imagem literaria para incutir nas almas rudimentares, com o culto da patria, o amor ao raciocinio. Francamente, só por isto, Olavo Bilac se nos faz credor de um monumento. A gloria de João de Deus, em Portugal, não tem melhores fundamentos.

Viajou. Comparou. Viu a sua cidade retrograda, ainda colonial, sem hygiene, sem nobreza architectonica, renegada do turismo, mal tolerada pelo immigrante faminto, quasi desprovida desse sorriso hospitalar com que a civilização, mais do que uma natureza maravilhosa, recebe e captiva o estrangeiro. Bastante lhe doeu, certamente, a lenda negra,

ainda não de todo dissipada, que della fazia uma cidade cautelosamente evitada. E, em vez de pretender uma poltrona rendosa no Conselho Municipal, foi para o jornal, mal pago, e suggeriu medidas, esboçou planos, instruiu, ensinou, requereu aos governos, educou os governados. Ah! a campanha de saneamento de Oswaldo Cruz, os kilometros de nobre architectura de Pereira Passos, as visitas de Elihu Root, de Anatole France, de Ferrero e tantos outros peregrinos sem sobresaltos, devem a Olavo Bilac um pouco do seu exito.

Viu o paiz sem defeza, uma mocidade sem idéal, descrente e maxixeira, exaltada numa parodia de cosmopolitismo dissolvente. E— vem a proposito repetir palavras minhas numa pagina esquecida—«nesse grande deserto de idéal, nesse alegre e descuidado mundo de bailarinos, cahiu, como chuva de Deus, uma palavra inspirada. Era o appello da nação, pela voz do seu maior poeta, ás novas gerações amamentadas pelo tango, no sentido de se congregarem em torno do idéal de Defeza

Nacional, na hora, sobre todas, decisiva da civilização contra a barbaria. Tinha-se revelado, finalmente, o milagre de Damasco, num clarão que nos havia de guiar o espirito para destinos mais bellos. Logo energias esparsas, até então estereis, desaproveitadas, aggruparam-se á sombra da nova bandeira nacionalista, num movimento isochrono, racional e opportuno. Nunca a affirmação de uma vontade nacional surgiu, entre nós, mais completa.»

A campanha de Olavo Bilac em prol do serviço militar obrigatorio, de resultados já conhecidos, creio que tambem já está julgada. Fiz-lhe, opportunamente, alguns reparos, com a maior sinceridade e naturalmente sem consequencias, não tanto porque a discussão da idéa em si mesma me parecesse interesante (visto como as opiniões divergentes sobre o assumpto têm sido sustentadas por autoridades competentes, de tal modo que se póde considerar a materia esgotada), mas porque se me afigurou que alguns discipulos do poeta, num zelo quasi aggressivo pelo mestre, estavam a des-

virtuar-lhe os intuitos, pretendendo, talvez inadvertidamente, transformar a grande idéa patriotica em bandeira de escola literaria. Ora, isto, sobre constituir um monopolio condemnado pela morte no nascedouro, acarretaria o desprestigio, senão o ridiculo, de mais um movimento apontado como nacional e dirigido, na realidade, pelo espirito de *coterie*. «O genuino patriotismo—cabe-me ainda repetir—nunca foi privilegio desta ou daquella classe: ou existe naturalmente, e produz a porção de força indispensavel á felicidade e á gloria de uma nação, ou existe artificialmente, e só assim se comprehende que elle empreste toda a sua apparencia de vigor ao exclusivismo de uma seita ou de uma profissão, ao brilho exclusivo das baionetas e das odes.»

*

Afortunadamente, o grande poeta sahiu victorioso dessa campanha, tal era a força do seu verbo e a justeza do seu apostolado. O patriotismo de Olavo Bilac, que não conhecia

plataformas, nem media sacrificios, nem estudava occasiões para manifestar-se, nem escolhia solennidades para impôr-se, era o mais vigilante, sem ser em nada aggressivo. Agia singelamente, naturalmente, e não como quem cumpre uma obrigação a prazo fixo. Elle nunca empallideceu, em extase, diante da patria, para entoar-lhe dithyrambos, como o namorado que se ajoelha aos pés da sua amante, para devoral-a de beijos. Não havia no seu patriotismo nem vislumbre de calculo, nem sombra de obscenidade. Limpo de toda impureza e de todo exaggero, esse amor da patria não irritava, não fatigava—e deixava, portanto, de ser contraproducente. Transparecia, discretamente, nas mais bellas das suas attitudes.

Vêde, por exemplo, essa formosa conferencia sobre D. Quixote. Disse um critico hespanhol que todos os escriptores têm o «seu» Quixote. «Cada uno poseemos el «nuestro», y Dios el de todos». Sobre Cervantes e seu poema existe nada menos que uma bibliotheca. Todo o mundo tem commentado, escandi-

do, interpretado o livro sem igual. E ao penetrar no segredo, no mysterio, no esoterismo de D. Quixote, não pouca gente se tem deixado contaminar, insensivelmente, pelo que ha de ridiculo no Cavalleiro da Triste Figura.

O poeta brasileiro, que era tambem um prosador insigne, não tratou, sem duvida, de produzir sobre a novella immortal pensamentos originaes, maravilhas ineditas. Elle tinha o segredo do equilibrio nas idéas e do bom gosto na fórma, e era inaccessivel ao que Aristoteles chama «estar fóra de logar e tempo». Traçou, porém, de Cervantes e sua obra uma pagina vibrante e luminosa, talvez a mais bella que já se escreveu em lingua portugueza sobre assumpto de tanta responsabilidade. E poz a sua originalidade maior, ao rematal-a, nestas palavras inspiradas:

«Louco sublime! eu sou filho de uma patria moça e calida, continuamente aquecida pelo sol que cria miragens. Ainda não formada de todo, ainda hesitante e incompleta, a minha raça não será o que é: cada dia, que passa,

traz um novo elemento para a sua formação. Mas nós já temos, do passado, uma herança feliz!... Os nossos avós sahiram pelos mares, a descobrir mundos, a affrontar perigos, a fundar civilizações; os nossos paes, já nascidos aqui, internaram-se pelo sertão cerrado, sem bussolas e sem guias, combatendo as feras, e assentando entre brenhas selvagens as primeiras cidades. A tua alma estava com elles, D. Quixote! Não os animavam a prudencia, a bufoneria, o decantado bom senso de Sancho Pança; animava-os o teu impeto heroico, impellia-os a tua loucura divina! Sejam quaes forem as transformações, que hajam de mudar a nossa constituição organica de povo,—conserva-nos este anceio de gloria, esta ambição de subir, esta vontade de brilhar,—este «quixotismo» que está na massa do nosso sangue! Não queremos ser uma raça de Sanchos, adoradora do Estomago! queremos realizar grandes feitos, queremos ser, como tu, vingadores de iniquidades, protectores de orphãos, defensores de opprimidos,

justiceiros sem maldade, misericordiosos sem fraqueza! Não queremos ter a existencia quieta e ignominiosa de um pantano de aguas mortas: queremos ter, como tu, a existencia agitada dos rios e dos mares, correndo, vibrando, fulgindo, cantando, soffrendo,—vivendo! E, se formos apedrejados e vilipendiados como tu, não nos queixaremos: nem só os vencedores merecem respeito e carinho; e, ás vezes, um vencido, tal seja a causa que defende, é, na sua humilhação, mais glorioso do que todos os triumphadores...»

*

Mas onde esse amor da patria adquire em Olavo Bilac a expressão suprema é no seu culto carinhoso pela nossa lingua. Não quero repetir aqui as idéas ou opiniões correntes sobre a influencia da lingua patria na conservação do sentimento nacional. Desejo apenas referir-me a uma circumstancia estranha e que, a meu ver, concorre, entre nós, para afervorar esse culto. Olavo Bilac era um grande poeta,

era um escriptor primoroso, e não é de admirar que tratasse a sua lingua com a devoção que ella merece aos seus maiores expoentes. O que, porém, me parece mais certo é que no seu desvelado trato do «magico instrumento» actuavam razões de ordem mais sentimental que intellectual.

Amava tanto mais a sua lingua quanto a sabia menos conhecida, ou quasi ignorada. Todo homem tem naturalmente pelo seu idioma predilecção especial, ainda que o saiba classificado entre os mais barbaros. Entretanto, um inglez, ao sahir de Inglaterra, não sente crescer o seu amor pela lingua natal, porque a encontra falada no mundo inteiro, no mundo dos negocios, onde ella é considerada, justamente, como a mais concreta. Com o francez, no estrangeiro, dá-se, com maioria de razão, o mesmo facto, por saber que o seu idioma é o mais logico. Ao italiano espera a certeza universal de que a sua lingua é a mais doce. E para o hespanhol, o grande aventureiro, fecundador de povos, não é uma novidade que

o seu idioma seja acclamado como o mais rico, idioma que já foi imperial e nada perdeu do antigo esplendor e prestigio.

Nós, os lusitanos do Novo e do Velho Mundo, os unicos, ainda em numero relativamente pequeno, que falamos, que conhecemos a nossa lingua, sentimos, principalmente fóra da patria, augmentar o nosso amor por ella, ao verificarmos que das suas grandes virtudes não se tem, mesmo nas excepções eruditas, a devida noção. Vêde Joaquim Nabuco: já velho, tendo vivido tantos annos no estrangeiro, ainda fazia, nas Universidades dos Estados Unidos, conferencias sobre Camões e os *Lusiadas*. Dizer que a lingua portugueza é um carcere, que falal-a ou escrevel-a é falar ou escrever entre quatro paredes, é repetir um logar commum.«Todos os grandes escriptores dessa lingua — refere um delles — viram-se amesquinhados por igual motivo. Camões, mais do que ninguem, soffreu a terrivel consequencia dessa fatalidade. Prova-o uma circumstancia de pouco valor, mas expressiva

no caso: Victor Hugo, no seu capitulo de assombros—*Les génies*—não lhe dá a honra, tão merecida, de o incluir na excelsa dynastia. Colloca-o como um planeta de Homero, que foi como *le soleil*. E, assignalando ainda que Homero marca na civilização o fim da Asia e o começo da Europa, Victor Hugo dá a Shakespeare o papel de haver marcado o fim da idade media ou a transição para a nova idade. E distingue ainda Rabelais e Cervantes como representantes parciaes desse facto, de que Shakespeare é o total. E, comquanto Shakespeare seja um colosso, ninguem, como Camões, tem a gloria de haver assignalado essa transição. A que se deve isso? Certamente ao facto de Camões ter sido um pobre portuguez, filho de uma patria humilde, e haver escripto na ignorada lingua portugueza.»

Olavo Bilac prezava ainda mais a sua lingua como se preza a um objecto que se sabe admiravel e desquerido, esplendidamente generoso e frequentemente desdenhado. Amava-a mais com o seu coração de patriota do

que com a sua intelligencia de escriptor:

> «Ultima flor do Lacio,inculta e bella,
> E's, a um tempo, esplendor e sepultura:
> Ouro nativo, que na ganga impura
> A bruta mina entre os cascalhos véla.
>
> Amo-te assim desconhecida e obscura,
> Tuba de alto clangor, lyra singela,
> Que tens o trom e o silvo da procella
> E o arrulho da saudade e da ternura.
>
> Amo o teu viço agreste e o teu aroma
> De virgens selvas e de oceano largo!
> Amo-te, ó rude e doloroso idioma!
>
> Em que da voz materna ouvi: «meu filho!»
> E em que Camões chorou no exilio amargo
> O genio sem ventura e o amor sem brilho!»

Quando a expansão economica da nossa raça, mais do que a diffusão da nossa cultura literaria, conquistar o logar que o mundo novo nos reserva, então as bellezas e virtudes desta lingua ignorada se patentearão sem esforço, mecanicamente, provando, sem lyrismos, que ella, quando bem tratada, não é só concreta, ou logica, ou doce, ou rica, porque, na sua plasticidade, viço, vehemencia e fulgor, abrange todos esses predicados fundamentaes. Não desesperem os nossos escriptores. Assegura-

se que o mundo cada vez mais se rege por leis economicas. Assim, o futuro da lingua portugueza pertence, em grande parte, ao Brasil. Dizem que o mundo inteiro, o mundo culto, o velho mundo espera por nós. E nós devemos caminhar para elle serenamente, sem americanices, sem impertinencias de *parvenu*, mas seguros da nossa força nascente e, sobretudo, da nossa cultura espiritual. Não desanimemos. E não esqueçamos que, quando sôe, definitivamente, a nossa hora, o mundo nos receberá na plenitude das riquezas do nosso solo e no apogêo da nossa mentalidade, se desta, principalmente, não descurarmos, porque, em ultima analyse, «uma nação só vive porque pensa.»

*

Ha, finalmente no grande poeta uma outra qualidade a que sou levado a consagrar uma referencia especial. E' o seu caracter. Caracter na accepção propriamente moral. Não sei, ao certo, se houve ou ha quem lhe faça restricções por este lado. Em nosso paiz, talvez por in-

fluencia mesologica, de clima e educação, talvez por herança ethnica, poucos dos que emergem victoriosamente da massa anonyma, têm escapado á acção corrosiva de um labéo qualquer, gerado na treva dos subterraneos sociaes, soprado pelos ventos mortiferos da publicidade, azeitado e brunido na engrenagem das consciencias insondaveis... Na escola de muita gente, cuja sensibilidade moral resiste a toda a experiencia, quem não tem rabo de palha, prega-se-lhe!

Eu não pretendo demonstrar, com o estudo de leis infalliveis, com applicações irrefragaveis de laboratorio, que Olavo Bilac era um homem integro. Essa tarefa, se alguem a exige, está naturalmente reservada aos doutores da nossa chimica ou alchimia social. Se toco neste ponto melindroso, é por ver que, antes de mim, outros mais autorizados já o fizeram, e se o fizeram, foi certamente com o fim de aparar golpes contrarios. Heitor Lima, num dos seus formosos commentarios á *Tarde*, tem uma nota vibrante e commovente neste

sentido.

Outra affirmação deste genero, e essa ainda mais emocionante, coube-me a dita de testemunhal-a, com alguns companheiros, e vem-me agora, com maior fortuna, o ensejo de referil-a. A scena passou-se em Lisboa, á sombra da nossa casa consular, pouco depois da morte de Olavo Bilac. Todo compatriota que vive ou tem por alli transitado, conhece a ternura acolhedora, a intelligencia sem formalismos, aberta e generosa como o céo da sua patria, que debaixo daquelle tecto hospitaleiro, official e extra-officialmente, conta os seus admiradores e camaradas pelo numero dos clientes sempre renovados. Trata-se de um brasileiro antigo (porque os fundadores da sua familia, com brazões legitimos, chegaram ao Brasil ha mais de tresentos annos) e que, esquecendo o propio merito intrinseco, se resigna em ver no seu modesto cargo de hoje uma recompensa tardia aos muitos beneficios que espalhou na sua época de prosperidade.

Certo dia, quando os primeiros pardaes es-

voaçavam sobre as accacias reverdecidas da praça de Camões, estavamos nós em tertulia com Henrique de Hollanda, fóra das horas de expediente. Falavamos de Olavo Bilac. Certas passagens da sua vida, causas determinantes da sua obra artistica e da sua actividade social, aspectos não desvendados do seu espirito, detalhes não sabidos do seu coração, fragmentos de versos, successos de conferencias, eram contados, carinhosamente, pelo amigo do poeta, com um brilho que a saudade velava de quando em quando. De repente, Henrique de Hollanda, que viveu na intimidade deste grande homem, allude á pureza e grandeza do caracter de Olavo Bilac; e, ao chegar a este ponto, as lagrimas, abundantes, vehementes, glorificadoras, rebentaram-lhe dos largos olhos, cheios de dôr e de bondade. Um longo e respeitoso silencio acolheu, na nossa reduzida companhia, essas lagrimas justiceiras.

Mestre querido! Por mim, só sei dizer que, se foste o poeta, o escriptor, o homem de so-

ciedade, o luctador, que todos em ti descobrimos e acclamamos, é porque tinhas, como alicerce da tua personalidade omnimoda e indivisivel, um grande caracter! Se assim não fosse, então seria para descrer de nós mesmos, da terra que tu serviste, da gente que tu honraste, do idéal que em ti perdura!

1919.

AUGUSTO DE OLIVEIRA

O mais bello
e o mais desventurado poeta
da minha geração.

Uma carta de Pernambuco, que por qualquer motivo, talvez mesmo por um vago presentimento, não abri no momento de recebel-a, traz-me, em curtas e sinistras linhas, esta noticia despedaçadora: «O poeta Augusto de Oliveira, teu amigo, foi assassinado em S. Bernardo das Russas, Ceará, onde era juiz de direito. O assassino, mascarado, penetrou no seu quarto, á noite, e, encontrando-o a dormir, subjugou-o e apunhalou-o no peito. Elle, no estertor da agonia, conseguiu arrancar a mascara ao miseravel. Não se sabe ainda o motivo.»

E nada mais! E agora, no silencio do meu quarto de expatriado, ainda no estupor dessa tragedia sertaneja, que nunca um Shakespeare indigena plasmará em toda a sua intensidade monstruosa, agora é que começo a comprehender, a medir, a penetrar as razões da minha grande dôr. Dôr de quasi irmão, e de irmão separado por um destino differente, talvez momentaneamente esquecido nessa mesma separação. E' um pouco do meu ser que se desprende para sempre. Meu desventurado Augusto de Oliveira! nunca saberás o meu sentimento da tua desventura, nunca saberei com elle, com a sua exteriorização, tornar mais querida tua a memoria!

Longe de tudo, longe dos nossos companheiros, é bem maior o meu soffrimento, por não poder ao delles associal-o. Sem mais noticias, sem mais palavras de esclarecimento e consolação que aquellas linhas rapidas e angustiadas, cresce em mim a sensação desta desgraça, augmenta em mim a ancia dolorosa de perscrutal-a e de exprimil-a, e vejo ape-

nas, muito longe, no fundo do quadro horripilante, extinguir-se, afogada em sangue, uma juventude esplendorosa. E vem-me, depois, nesta solidão da terra estranha, onde ouço, perto, vozes alegres de creanças a correr, sob o luar, ao longo de uma alameda maritima povoada de veranistas—vem-me, depois, uma tristeza immensa, ao pensar num recanto de sertão adusto onde acaba, ingloriamente, um poeta que se lembrou de ser juiz integro num meio de cangaceiros impenitentes!

*

Quando cheguei ao Recife (e aqui, leitores, ao falar de mim, recordo Calendal: «Pouco valho—diz o heróe mistraliano—mas não ha abrolho que não dê a sua sombra uma vez ao dia»); quando, no inicio das minhas peregrinações de estudante e trabalhador, aportei á velha cidade academica, em abril de 1900, fui encontrar o seu meio literario movimentado pelo espirito de uma geração nova, singularmente promissora, na florescencia dos seus

primeiros triumphos, cohesa e admirada. Já uma vez alludi a esse grupo de intelligencias em eclosão, talvez o mais forte e brilhante que nos ultimos annos appareceu naquelle centro de cultura tradicional. Não o caracterizava nenhuma idéa de reforma politica ou social: o paiz acabara de realizar as mais avançadas conquistas nesse sentido, e o terreno, ainda revolto, requeria trabalho mais de consolidação que de renovação. Nas regiões do direito, da historia e da critica, tampouco havia o que reformar, porquanto o espirito do ultimo movimento revolucionario iniciado por Tobias Barreto era o que ainda orientava, com pequenas variantes de fórma, o estudo dessas disciplinas.

A Escola do Recife é uma denominação ou um signal de origem que ainda hoje faz sorrir, com indulgencia, a certas pessoas desattentas e faz enraivecer, doutoralmente, a muitas outras, carregadas de preconceitos. Entretanto, a obra de affirmação nacional que dalli irradiou em fins do seculo passado, não só conti-

núa a resistir a negativas caprichosas, como finalmente começa a encontrar julgadores serenos e eruditos. Ronald de Carvalho, no seu bello ensaio *A Historia e a Critica no Brasil*, ensina: «Devemos em grande parte a Tobias Barreto e, depois, a Sylvio Romero, Arthur Orlando, e ao sr. Clovis Bevilaqua, todos intimamente ligados ao movimento *germanista* do Recife, uma comprehensão mais verdadeira e consciente da critica literaria, um sentimento mais claro e positivo das nossas possibilidades, uma razão mais penetrante dos nossos destinos. A obra de Tobias Barreto, que, infelizmente, ainda não foi devidamente considerada, pois, na sua biographia os exaggeros, no elogio ou na mofa, não lhe deixam perceber a physionomia completa e superior, é uma das que apresentam maior relevo ao observador imparcial. Tobias preparou uma geração de homens fortes, no mais bello sentido da palavra. Fortes porque eram sãos, porque, longe da intriga das facções politicas e da camaradagem partidaria, procuravam a razão das

nossas cousas, as bases profundas do caracter nacional e as intimas raizes da nossa raça, na sua poesia, nos seus costumes e na sua lingua.»

O Recife, de longa data a metropole intellectual do Norte, sempre attrahiu as intelligencias novas, surgidas entre o S. Francisco e o Amazonas, e preparou-as para o combate definitivo nas grandes capitaes do Sul, quando as não viu apartarem-se para outros centros, já em plena gloria. A geração, quasi toda de nortistas, que, de 1900 a 1905, alli se apresentava, em forte e merecido relevo, era composta, na sua maioria, de poetas. Havia, é certo, um germen, bem pronunciado, de philosopho, que se definiria, mais tarde, como historiador diplomatico e critico de historia religiosa— Araujo Jorge; havia, tambem, um outro que se ensaiava na polemica politica e na critica literaria, e se revelaria, annos depois, um poeta ascensional—Gilberto Amado; outro, que começava tentando pequenas fantasias de estylo biblico, não tardaria em transformar-se num

dos mais vehementes pamphletarios da nossa lingua—Mario Rodrigues; havia, finalmente, chronistas, tribunos, polygraphos, juristas em formação. Mas, quem inspirava nessa geração maiores esperanças, quem lhe dava mais alto e puro brilho, eram os poetas. Ou melhor: era a poesia desses rapazes que trazia para aquelle ambiente de cultura um encanto novo.

E o maior merito dessa poesia era que se não apresentava filiada a nenhuma escola em voga, nem tambem pretendia fundar novas divisas artisticas. Era livre e captivava por ser, sobretudo, poetica. Se se quizesse descobrir-lhe uma particularidade qualquer, para justificar a sua preponderancia sobre os demais ramos literarios de então, poder-se-ia dizer que a caracterizava uma especie de reacção lyrica contra o artificialismo das ultimas e innumeraveis escolas, entre as quaes não era a menos consideravel, naquelle meio, a influencia da chamada poesia scientifica de Martins Junior. Sómente, que esse alto lyrismo, proprio da nossa raça, além de revestir-se de uma fórma

admiravelmente trabalhada, era, no fundo, impulsionado por qualquer cousa de heroico.

Com effeito, um vago heroismo, um quer que fosse de transcendentalmente épico, um sõpro incoercivel de remotas batalhas, latejava nas veias sadias desse lyrismo. De onde provinha essa exaltação da belleza heroica? Influencias de leituras? Derradeiras emanações daquelle ambiente historico? Estremecimentos de almas novas? Prenuncios de intelligencias anciosas, abertas a novos idéaes, no limiar do novo seculo? Não sondemos as causas do phenomeno; vejamos, apenas, os seus effeitos.

Verdade é que Aristheo de Andrade, o rouxinol desse grupo, já emmudecido pela morte, compunha, idyllicamente, o seu *Noivado*, de preferencia ás *Canções do Tédio*, até hoje inexplicavelmente ineditas; e Alfredo de Maya, agora absorvido pela politica, firmava reputação de neo-parnasiano com as estrophes scintillantes da *Habitação Deserta*. Mas, se a musa de Paulo de Arruda tinha accentos pro-

fundos e dolorosos, á Anthero de Quental, o que verdadeiramente a tornava mais amada entre nós era, a par de outras, a *Scena Egypcia*, de linhas severas e heroicas; e se Celso Vieira era já o prosador que annunciava o poderoso estylista de hoje, toda a sua gloria adolescente se condensava, então, nos versos altisonantes da *Batalha Perdida*. O proprio Theotonio Freire, distanciado dessa geração de estudantes pela idade e circumstancias outras, punha de lado a chronica, o romance, e a «poesia scientifica» a que se filiara, e fazia-se acclamar com o surto de hellenismo heroico que anima os alexandrinos esculpturaes do seu *Bronze de Corintho*.

*

Entre estes e alguns mais, cuja citação nominal seria, talvez, impropria nas linhas fugitivas desta pagina de saudade, Augusto de Oliveira, essencialmente poeta, era o autor festejado do *Sonho Vermelho* e da *Conquista*: um «sonho» onde, longe de fantasmas anar-

chistas ou de crimes imaginarios, que o seu titulo poderia fazer suspeitar, o que se via eram, num *élan* de belleza heroica, tendendo para a unidade da belleza,

> «...Generaes, na peleja ingrata, a rude aljava
> De ouro vibrando ao sol e á luz irem vibrando,
> Como por claro campo em flor de seara flava
> Uma lamina de ouro em se desenrolando...»

e uma «conquista», sem sombra intrusa de Tenorios, mas por onde passava o mesmo ardente tropel de guerra, barbacãs desmoronadas, pendões flammejando no alto das ameias, uma selva de lanças ondulando em campos de mourama, cavalgadas, estrepitos, clangores, para glorificar um grande amor:

> «Amarellos torreões, esguias columnatas,
> Bellos parques em flor, flammivomos thesouros,
> Foi todo este paiz de ameias e cascatas
> Que eu sonhei, pela fé, reconquistar aos mouros.
>
> Povoei todo o mar de homens de longes terras,
> Armas lancei ao mar de flores e de espumas...
>
> . . . .
>
> A revolta venci: milhões de escravos mouros,
> Dama, para os teus pés, com que ancia se atiraram!
> Tudo, emfim, conquistei, palacios e thesouros,
> E o mais que só por ti meus olhos desejaram...»

O verso alexandrino, o verso heroico por excellencia, era por nós cultivado com paixão, e venciamos as difficuldades da sua perfeita adaptação á lingua portugueza, segundo o molde classico francez, dando-lhe uma plasticidade e uma vibratilidade bem peculiares ao sangue tropical que se injectou no nosso «rude e doloroso idioma», para renoval-o e enriquecel-o. Augusto de Oliveira tomara-lhe affeição preferente, e nas suas mãos o grande verso perdia a sua classica solennidade, a sua quasi rigidez hieratica, á moda dos parnasianos, para palpitar de nervos, sangue, vibração, calor, poesia—para ser, em summa, o canto de Carlyle.

Isso talvez se explicasse por uma singularidade que não sei se incorro em erro ou em parcialidade ao proclamal-a agora: entre todos os seus companheiros de geração, todos mais ou menos bellos poetas, Augusto de Oliveira era o mais fundamentalmente poeta. Dentro da nossa época prosaica e do nosso meio utilitarista, Augusto realizava ainda o ty-

po fascinante do poeta á maneira antiga: havia nelle, para quem o estudasse, para quem lhe perquirisse a organização interior, muito de bardo e de paladino. Sua mesma figura tinha um relevo estranho: uma inconfundivel, mascula, radiosa cabeça de artista, em que a propria fealdade se transfigurava ao brilho quente do ouro fulvo dos seus cabellos e do verde claro dos seus olhos. A voz era-lhe castamente musical, com tonalidades imprevistas, feita para um ambiente de sonho e de belleza, acariciando como plumas, brandindo como floretes, empolgando como um hymno triumphal.

E, entretanto, na vida civil, na vida quotidiana, não era, como talvez se imagine, um allucinado ou um rebelde. A vida se lhe desabotoara em messe de sacrificios, e para vencel-a, como luctador sereno, não possuia outros elementos mais que o seu talento e o seu caracter. Orphão e pobre, desde cêdo conheceu a adversidade, até mesmo, supponho, sob o duro aspecto da fome. Seu curso de huma-

nidades, em Alagôas, de onde elle era natural, foi um rosario de soffrimentos. Tinha uma ambição ingenua, como toda a gente, ambição talvez nociva—ser bacharel; e para manter-se no curso de Direito, no Recife, dava aulas particulares, fazia chronicas mal pagas, e era «censor» de collegio, que os collegiaes temiam e amavan ao mesmo tempo. Nunca lhe conheci manias de grandeza; e quando o vi partir contente, ao lado da mulher que o seu coração elegera, para occupar o seu primeiro posto de juiz municipal no interior do Ceará, não pude deixar de commover-me diante da sua alegria e simplicidade. Na terra lendaria de Iracema, que as seccas e os cangaceiros politicos assolam periodicamente, não tardou em crear fama de juiz incorruptivel, o que lhe valeu mais de uma remoção e de um desgosto, coroados, agora, por esse desfecho tragico do seu destino.

Toda a ambição de Augusto de Oliveira, o seu mais alto aspirar, era a sua arte. Augusto era um poeta raro e um estheta insaciavel.

Tinha, como qualidade primacial, o que se poderia chamar o instincto divinatorio da belleza: era dos que vão de olhos fechados e a descobrem onde mais occulta ella se ache. Mas, na sua sêde de perfeição, nunca sacrificava a uma fórma ricamente trabalhada o verdadeiro sentimento da poesia. Suas imagens, ás vezes, com serem intimamente delicadas, attingiam, exteriormente, a uma esthetica irreductivel. Para dizer, por exemplo, como no tumulto da vida se extinguiria o nome da sua amada, Augusto alcançava este extremo de delicadeza e de lavor:

> «Teu nome morrerá na acclamação, no ruido,
> Como sobre um lagedo um som gracioso e breve,
> Ou como num crystal translucido e polido,
> Sem rumor, brandamente, uma gotta de neve.»

Por ser um incontentado, de um culto quasi doentio pela sua arte, é que decerto nunca reuniu os seus versos em livro. Suas primeiras poesias andam esparsas, talvez perdidas entre a alluvião de sonetos que os debates da politica partidaria ainda não conseguiram eliminar

das columnas dos jornaes nortistas. E essa dispersão me é, neste momento, sobremodo sensivel. Na ausencia dessas paginas amadas, tenho de valer-me de fragmentos conservados pela memoria, como os acima citados. Que mão piedosa recolha essas joias inapreciaveis, talvez esquecidas entre os tristes despojos do poeta, e as salve de um possivel abandono definitivo.

*

Temperamento aristocratico, Augusto de Oliveira tinha um sentimento muito elevado da honra, do cavalheirismo e da bravura. E é assim que no poeta havia qualquer cousa de paladino. Seu ultimo gesto, arrancando, num esforço intensamente dramatico, a mascara covarde ao seu matador, dá ao occaso dessa existencia de sonho e soffrimento um traço ao mesmo tempo doloroso e bello de legenda. E' a sua melhor definição.

E' o mesmo Augusto que eu conheci, romantico, apaixonado, amando as bellas atti-

tudes por ellas mesmas, com assomos de leão no seu orgulho, para umas cousas, e ternuras quasi pueris na candidez da sua alma, para outras. Augusto era uma alma de artista a caminho da perfeição. Como espelho da sua delicadeza moral, como documento da sua evolução artistica, como commentario da sua vida, como resumo da sua aspiração de uma vida melhor, resta-me aqui, no estrangeiro, providencialmente, por um designio mysterioso do destino, uma pagina perfeita—*Post Mortem*—a unica que delle conservo, na minha existencia errante, entre os meus papeis mais queridos. São estes versos symbolicos, tecidos de luz astral, de lyrios pulchros e azas angelicaes:

«Quando a fórma tangivel que ora encerra
Meu ser, um dia, os vermes attrahir,
A alma farei com que de novo á terra
Baça, crespa e grosseira, possa vir.

E como um raio de luar que a neve
Doura e reflecte em lucidos crystaes,
Ella resplenderá, tranquilla e breve,
Dentro das suas fórmas immortaes...

Assim como em um valle castas rosas
Dão aroma ao paúl, perfume ao ar,
Sobre os homens e as cousas procellosas
Minha alma ha de luzir e fluctuar...

Ha de saudar na umbella que a circumda
De auroras fulvas e de fulvos sóes,
A saudade da terra moribunda,
Carregada de estrellas e arrebóes.

Na sua esguia clamyde de morta,
Branca, inconsútil, ousará então,
Como a luz no intersticio de uma porta,
Ir do palacio á lobrega prisão.

A fragrancia da rosa que se inclina
A's caricias do sol e á voz do vento,
Não será mais fragrante nem mais fina
Que a tenue teia do seu pensamento.

Então procurará, sombra erradia,
Fantasma, inanidade, cousa etherea,
Qual uma aranha que um casúlo fia,
Compor e descompor sua materia;

Seu ser jungir á dôr universal,
Ser aroma, ser lagrima, ser prece,
Ser cavatina quando o passaral
Nas frondes sussurrantes adormece...

Qual camponio que a terra, alegre e brando,
Lavra, ao volver a humida estação,
Como elle irá minha alma destillando
O mysterio da sua perfeição...

A's proprias cousas vis,contaminadas
De um ether doloroso, virá ter,
Imprimindo ás particulas pesadas
Dos fluidos a leveza do seu ser...

Assim, da escura terra ao verde mar,
Depois da morte, célere, incolor,
Irá meu claro espirito vasar
Por sobre ondas de fel, gottas de amor.»

A bella cabeça do poeta cahiu, sinistramente, numa poça de sangue; mas o espirito immortal, que traçou estas estrophes admiraveis, attinge, finalmente, á desejada perfeição. O homem desappareceu com um gesto de legenda, e o poeta renasce aureolado como um santo.

1919.

RAYMUNDO CORREIA

De Raymundo Correia, o grande e amado poeta que neste final de verão europeu acaba de desapparecer, quasi anonymamente, num remoto quarto de pensão em Paris, a saudade que ora nos acompanha é decerto mais duradoura do que talvez o supponha a nossa indole facil de promotores de manifestações expontaneas...

Extinguiu-se o querido e torturado sonhador num como abandono de si mesmo, longe da patria e das suas glorias domesticas; e a sua morte, que em outro paiz de proporções menos avantajadas nas cartas geographicas, porém de relevo mais consolador nas estatisticas de cultura da intelligencia, se produziria den-

tro de uma grande commoção nacional—como talvez o imaginasse o sr. Coelho Netto—teve entre nós a virtude commum de sacolejar os adjectivos gastos do noticiario. Apenas uma ou outra voz mais commovida, como a do sr. João Luso, teve para o triste caso uma vibração mais grata e sentida, neste Brasil opulento e perdulario, que tão babosamente se roja aos pés de quanto cabotino itinerante nos aporte. Vozes houve, vozes ponderadas, vozes entumescidas de bom senso, vozes interpretes das chamadas classes conservadoras, que, no elogio das raras qualidades de Raymundo Correia, collocaram a belleza suprema do poeta um pouco abaixo da honestidade innata do juiz. Glorificando, antes de tudo, a integridade immaculada do manuseador de autos, glorificaram e vingaram, ao mesmo tempo, a Justiça. Tanto vos tendes degradado, Senhora, que uma virtude, que nem mesmo em homens inferiores seria para louvar de preferencia (desde que todos têm a obrigação de cultival-a), se destaca entre as

virtudes mais estimaveis de um homem superior.

Não que o ser bello deva andar divorciado do ser justo; ao contrario, ambos se completam. Mas o juiz em Raymundo Correia foi tão accidental como poderia ter sido o millionario. Elle era, principalmente, fundamentalmente, visceralmente, um artista. E, por muito rico que fosse o homem que escreveu a *Ode Parnasiana*, não seria absolutamente digno de louvor que as gazetas alimentadoras da opinião publica, noticiando-lhe a morte, salientassem, depois de alguns elogios de complacencia aos seus volumes de poesias, a lacuna impreenchivel que vinha de soffrer a nossa praça com o desapparecimento prematuro de um dos seus capitalistas mais honrados...

Mais do que essa teimosia irritante em collocar o magistrado num plano superior ao do poeta, é, a meu ver, a perfidia estupida de espalhar-se o horror que elle proprio manifestava ultimamente pelos seus versos, considerando-os, talvez, como deslizes do seu genio

ou como antigas documentações das suas necessidades physiologicas de estudante de direito—proezas romanticas que todo candidato a bacharel commette, e de que, depois, na vida pratica, se lembra, entre envergonhado e envaidecido, dizendo:—a fonte Castalia era para mim uma *blague;* cessou, quando eu não tive mais para conspurcal-a corpos de mulheres núas a tanto por noite e sonhos de lascivia a titulo de inspiração.

Tem-se dito e repetido que Raymundo Correia era um exquisitão, um neurasthenico, inaccessivel á lisonja, quasi intratavel. Eu não tive a fortuna de conhecel-o pessoalmente, do que, aliás, me não lastimo, porque, se o contrario se déra, talvez dahi me resultara uma razão a mais para observar como a maioria dos grandes homens, vistos de perto, são pequenos, a despeito da conhecida observação de Jules Lemaitre no seu estudo sobre Renan: «Só para os tibios perdem os grandes artistas com ser vistos de perto; para os enthusiastas esta prova não os diminue a seus olhos. E

quelles ganham ao ser melhor conhecidos, em ser menos amados.» Todavia, quer-me arecer que essa exquisitice feroz, essa neu-asthenia aggressiva eram modalidades do udor. O que elle tinha em alta dose devia er esse recato melindroso, essa brancura de lma, essa innocencia de espirito que não per-iitte ao artista lidimo transigir «com as situa-ões da vida onde a Arte não triumphe por si iesma» e, ao contrario, precise, para vencer, o auxilio ás vezes humilhante, da mão cari-osa dos profanos.

Numa época em que o successo literario é iais o producto do reclamo organizado do ue o triumpho sereno da força que se impõe, omo no caso excepcional de Euclydes da Cunha; numa época em que os genios se insi-uam á admiração dos incautos com a habili-ade diplomatica das linhas curvas, quando e não proclamam com berros, á porta dos ditores e dos cafés; numa época de ridiculas omichões egolatricas, em que cada um pre-ara a *mise en scène* das suas obrinhas, e

não tarda que appareça quem deixe no seu testamento disposições as mais terminantes sobre o feitio da sua estatua—Raymundo Correia, com as santas revoltas do seu pudor offendido, devia parecer, realmente, um exquisitão, um urso, um neurasthenico—euphemismos mais ou menos infelizes com que sempre o distinguiu o bom humor anonymo das ruas.

Affligia-o, sem duvida, o artificialismo das rodas literarias e elegantes, em que se fala de tudo, menos de arte. E, como não tinha scepticismo bastante sorridente para receber elogios á queima roupa, nem bofes sufficientemente couraçados para supportar a apotheose que hoje em dia é moda cada um preparar-se com as proprias mãos, blindou-se naquella timidez e naquelle orgulho, que já constituiram a maior força de Flaubert. Isso, se lhe valeu o desgabo da maioria, manteve-lhe, em compensação, a consciencia do seu valor, conservando-o sempre a cavalleiro de certas influencias despersonalizadoras.

A estima, a ternura, a admiração, essas é que nunca lhe negaram os espiritos serenos. Quanto maior era a distancia em que permanecia o delicado e puro artista, tanto mais avultava o seu perfil de nazareno na imaginação dos que lhe amavam e amam a obra resumida, mas perfeita. Certo, está nisso o segredo da sympathia unanime que nelle acclama, acima de tudo, a sua pureza de homem a reflectir-se limpidamente na sua pureza de artista.

*

Foi sempre dos habitos da critica indigena, que tem a mania das classificações e dos confrontos, entroncar Raymundo Correia na pequena familia de artistas que ha mais de vinte annos culmina na poesia brasileira. Abstrahindo mesmo das figuras secundarias do grupo, que a critica, entretanto, ainda não rotulou definitivamente, era commum fazel-o formar, com dois dos seus companheiros de geração e de escola, a trindade poetica que se tornou

conhecida em todo o paiz. Apenas, para desespero do nosso máo veso das approximações, uma cousa não chegou a ficar claramente demonstrada: qual delles seria o maior. E' que todos são equivalentes. E de um artista, em casos taes, não se deve exigir que exceda outro, se não puder exceder-se a si mesmo.

Raymundo Correia, com effeito, teve a vantagem de surgir para a poesia no Brasil com a brilhante geração que nos veio falar uma lingua nova. Declamavamos bellicosamente, ainda besuntados dos restos de romantismo das tragedias intimas e das epopéas civicas, quando alguns moços academicos—seduzidos pela esthesia encantadora de Théophile Gautier e pela majestade olympica de Leconte de Lisle, diante dos quaes o retardado e funambulesco Banville, o picaresco e faiscante Catulle e o proprio Heredia, tão aristocratico e evocativo, são figuras subalternas—surgiram, aqui, dessa estagnação literaria, trazendo para a nossa poesia motivos e rythmos novos.

Elles tiveram a felicidade (que lhes não desnatura a gloria, antes a reforça) de apparecer num momento de transição, quando os farrapos mais sovados de Victor Hugo ainda davam o tom ao nosso titubeante aprendizado literario; e, alliando a um fundo humanamente mais simples uma fórma infinitamente mais perfeita, construiram esses pequenos monumentos de arte, que ainda não foram excedidos pelos seus continuadores.

Entre os seus companheiros de renovação literaria, Raymundo Correia occupou, naturalmente, um dos primeiros logares. Todos nós, os moços de agora, prosadores e poetas, que, em prosa portugueza e em verso portuguez, devemos confessar que aprendemos a ler em Eça de Queiroz e em Olavo Bilac, sempre assim o conhecemos e assim o acceitámos. Os seus versos são dos mais bellos e mais formosos da nossa lingua. Falta-lhes, porventura, um pouco mais de movimento e colorido, mas sobra-lhes a pureza, a serenidade, o equilibrio, a doçura. Não os atravessa, como de-

certo o desejara o nosso gosto pelos parallelos intellectuaes, aquelle surto pantheistico que anima a obra de Alberto de Oliveira e requintou na maravilha da *Aspiração*; tampouco o inflamma o ardor pagão das *Sarças de Fogo* e da *Alma Inquieta*, que é a feição dominante do grande artista do *Caçador de Esmeraldas*. Em compensação, os problemas, as duvidas, os desalentos que trabalham a alma moderna, essa crise de idéaes, esse doloroso conflicto do pensamento e do sentimento humanos, que Gevaert estudou em *La Tristesse Contemporaine*, encontraram nelle uma expressão sincera, que tem tanto de amarga quanto de artistica.

De resto, Raymundo Correia, como os poetas do seu tempo, não se marmorizou, rigidamente, dentro dos moldes severos da escola parnasiana. Aliás, parnasianos, rigorosamente parnasianos, eu só conheço Leconte e Heredia, ou melhor, *Les Poèmes Barbares*, *Les Poèmes Tragiques* e *Les Trophées*. O querido poeta, em cujo temperamento delicado tão

bem se apuraram os pendores lyricos da nossa raça, se conservou da famosa escola a maneira impeccavel, e ainda triumphante, de exteriorizar as concepções artisticas, soube, além disso, enriquecer a sua arte com a maior variedade de themas e de fórmas. Esta independencia, ou este salutar movimento de indisciplina, valeu-lhe, como aos outros, o triumpho sempre renovado dos seus versos, que ainda hoje expandem a mocidade e a frescura dos primeiros dias. E' que se não comprehende um verdadeiro artista senão em contacto comsigo mesmo.

A obra de Raymundo Correia, mercê deste sôpro de independencia que a vivifica, é, apesar da diversidade dos motivos, una e perfeita. O poeta imprimiu-lhe, com a complexidade dos problemas contemporaneos, o sentimento integral da sua personalidade. Assim, o romantico das *Pombas*, o pessimista do *Mal Secreto*, o psychologo do *Monge*, o parnasiano dos *Versos a um Artista*, o esculptor da *Plena Nudez*, o bucolico da *Missa da Re-*

certo o desejara o nosso gosto pelos parallelos intellectuaes, aquelle surto pantheistico que anima a obra de Alberto de Oliveira e requintou na maravilha da *Aspiração*; tampouco o inflamma o ardor pagão das *Sarças de Fogo* e da *Alma Inquieta*, que é a feição dominante do grande artista do *Caçador de Esmeraldas*. Em compensação, os problemas, as duvidas, os desalentos que trabalham a alma moderna, essa crise de idéaes, esse doloroso conflicto do pensamento e do sentimento humanos, que Gevaert estudou em *La Tristesse Contemporaine*, encontraram nelle uma expressão sincera, que tem tanto de amarga quanto de artistica.

De resto, Raymundo Correia, como os poetas do seu tempo, não se marmorizou, rigidamente, dentro dos moldes severos da escola parnasiana. Aliás, parnasianos, rigorosamente parnasianos, eu só conheço Leconte e Heredia, ou melhor, *Les Poèmes Barbares*, *Les Poèmes Tragiques* e *Les Trophées*. O querido poeta, em cujo temperamento delicado tão

bem se apuraram os pendores lyricos da nossa raça, se conservou da famosa escola a maneira impeccavel, e ainda triumphante, de exteriorizar as concepções artisticas, soube, além disso, enriquecer a sua arte com a maior variedade de themas e de fórmas. Esta independencia, ou este salutar movimento de indisciplina, valeu-lhe, como aos outros, o triumpho sempre renovado dos seus versos, que ainda hoje expandem a mocidade e a frescura dos primeiros dias. E' que se não comprehende um verdadeiro artista senão em contacto comsigo mesmo.

A obra de Raymundo Correia, mercê deste sôpro de independencia que a vivifica, é, apesar da diversidade dos motivos, una e perfeita. O poeta imprimiu-lhe, com a complexidade dos problemas contemporaneos, o sentimento integral da sua personalidade. Assim, o romantico das *Pombas*, o pessimista do *Mal Secreto*, o psychologo do *Monge*, o parnasiano dos *Versos a um Artista*, o esculptor da *Plena Nudez*, o bucolico da *Missa da Re-*

surreição, o desesperado sublime do *Nirvana* e o grande revoltado de *Job*, se se divorciam na apparencia, conservam no fundo de todos os seus poemas a mesma unidade de pensamento e de emoção. Emfim, o que eu mais amo e admiro em Raymundo Correia é a luminosa serenidade da visão artistica e o raro pudor esthetico, que nos seus versos se aprimoram.

Virtudes como estas, ainda que mal comprehendidas pela nossa minoria letrada, constituirão o melhor padrão de gloria para o nome de Raymundo Correia, sem prejuizo para os seus escrupulos de jurista, isolando-o sempre das vulgaridades circumdantes—neste Brasil opulento e perdulario, que ainda prima por desamar os seus artistas e que, por uma falsa comprehensão dos deveres de hospitalidade ou por basbaquice congenita, tão babosamente se roja aos pés de quanto cabotino itinerante lhe bata ás portas auriferas.

1911.

ARAUJO JORGE

A nova geração de escriptores brasileiros, que, a despeito de todas as hostilidades do meio ainda incapaz de comportal-os como uma funcção social, se affirma victoriosamente, não só pelo brilho da fórma e o movimento das idéas, como pelo estudo das questões nacionaes, tem em Araujo Jorge um dos seus representantes mais vigorosos. Com a publicação dos *Ensaios de Historia Diplomatica do Brasil*, no regimen republicano, o joven escriptor parece ter encontrado a feição mais adequada ao seu espirito de investigador intensamente moderno, servido por uma cultura exuberante e ao mesmo tempo disciplinada, e animado de uma paixão generosamente dis-

persiva pelas conquistas da intelligencia humana, nas suas expressões superiores da philosophia e da arte, e, particularmente, pelos multiplos e exasperantes problemas da actualidade brasileira, que, hoje mais do que nunca, interessam a nossa mocidade intellectual. Esse volume, o primeiro de uma série que Araujo Jorge emprehende, é o livro de um moço sobre um ramo abandonado da nossa historia, o que quer dizer que é um livro de interesse raro, e naturalmente bem feito.

Porque a verdade é que, actualmente, não poucos dos rapazes que entre nós publicam seus ensaios literarios, não só já se apresentam armados cavalleiros, escrevendo incomparavelmente melhor do que, na sua infancia romantica, escreviam os mestres sobreviventes da que se poderia chamar nossa minguada cultura classica, e até sobrepujando-os, em alguns casos, na idade de plena maturescencia intellectual—como tambem os anima, a esses moços, o desejo de intervir, collaborar, exercer uma parcella de autoridade efficaz na

marcha dos nossos destinos.

As gerações passadas, com rarissimas excepções, foram puramente literarias: collocadas num ponto de vista exclusivamente literario, praticando uma artesinha de miniaturas individualistas, sem um idéal superior, sem a visão perfeita do horizonte nacional, se assim me posso exprimir, a sua influencia foi quasi nulla, ou foi contraproducente, na formação de um paiz mal sahido da barbaria. O Brasil ainda não era uma nação, ainda não penetrara dignamente na Historia, e já tinha épicos. E' uma das mais alarmantes antinomias nacionaes. Depois, mesmo essa literatura postiça, que até fins do seculo passado aqui se perpetrava e que ainda hoje remanesce, delgadamente, em *soirées* mundanas, já sem disfarce algum, através do original francez—era, geralmente, mal feita. Ainda se escrevia vastamente mal no Brasil, quando o proprio Portugal, abandonando irreverentemente a ferula classica de Castilho, acceitava a renovação de processos que Balzac iniciara no começo do

seculo: de Coimbra desciam, entre 1865 e 1870, os barbaros divinos que haviam de remodelar, moral e intellectualmente, o pequeno paiz que é uma das nossas fronteiras moraes, quando os condoreiros aqui planavam, em plena gloria, sobre os nossos cimos truculentos.

As nossas mais fortes expressões literarias, quando não eram accidentes da politica, como Joaquim Nabuco, eram glorias de salão: as lagrimas do bom Casemiro fecundaram muitas gerações. Exceptuando Gonçalves Dias, na poesia, e José de Alencar, no romance, que pretenderam construir uma literatura nacional sobre a base falsa do indianismo, e mais esse grande lyrico dispersivo que foi Fagundes Varella, na intenção de cultura espiritual que se eleva do *Evangelho nas Selvas*, attenuando pela doçura persuasiva da catechese a brutalidade exterminadora e voraz dos conquistadores; exceptuando algumas paginas bem seleccionadas de Castro Alves, e a obra, expurgada de exaggeros, dos rebeldes da Escola do

Recife, não se descobre, através dos nossos grandes escriptores, essa documentação racional da realidade presente nos seus aspectos mais duradouros, como uma previsão elementar do futuro tragico da nossa raça, esse alcance remoto, essa antecipada penetração do genio no amago confuso de uma nacionalidade emergente. Trabalho de tamanha relevancia, só ha pouco o realizou o grande Euclydes, sósinho, inteiramente desajudado, sem outrôs elementos que não fossem o seu pobre genio solitario e o seu soffrimento inenarravel pelas nossas infelicidades latentes.

A nossa literatura de antanho é uma literatura de roça endomingada; dá a impressão de bandeirolas de aluguel, ou de philarmonicas suarentas, perturbando a paz de uma vasta fazenda; os proprios negros e caboclos se exprimem na linguagem dos velhos deuses de Homero. Taunay compunha o poema da hospitalidade sertaneja, quando os allemães, muito sentimentaes e com uma paixão enternecedora pelas nossas borboletas, ainda não ha-

viam attentado nas riquezas incultas, mas positivas, do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul. Macedo, que devia ter sido uma excellente creatura, mas que não aprendeu a escrever com um rythmo que corrigisse a sua fecundidade, encarregava-se de arranjar casamentos para as meninas namoradeiras, esticando interminavelmente historias ingenuas que o sr. Medeiros e Albuquerque, por exemplo, com o seu leve estylo de noticiario, com a sua promptidão informativa, seria capaz de condensar em uma columna de chronica. E, emquanto as meninas namoravam, os poetas tangiam as lyras. Todo o paiz era um hymno langoroso. O Imperador, paternal e ironico, era o primeiro a dar o exemplo, rimando sentimentos delicados e subtis, até então desconhecidos, sob a fórma literaria, na Casa de Bragança.

Que nos ficou de tanta prosa idyllica e de tanto verso tumultuoso? Ficou-nos, ao certo, a convicção, talvez humilhante, mas consciente, de que se os genios mais moços da nossa

poesia, de Alvares de Azevedo a Castro Alves, resuscitassem hoje na gloria faiscante da Avenida, teriam de envergonhar-se honradamente das innumeras tolices que rimaram. Não, meus amigos; deixemos em paz os nossos grandes homens...

*

Eu disse que os moços de agora começam a escrever muito melhor do que era commum notar-se entre os estreantes das gerações passadas. E' escusado illustrar este asserto com exemplos fastidiosos. Nem a indole deste ensaio comportaria taes larguezas de demonstração. Todavia, é opportuno indagar, ao acaso: nos ultimos cincoenta annos, qual o menino que aqui debutou com o brilho e a firmeza do sr. Gilberto Amado? Que historiador de verdes annos se affirmou tão serenamente como o sr. Helio Lobo, esse benedictino delicadissimo que, na idade em que as deliciosas surprezas da vida mal concedem aos moços uma tregua fugaz para ensaiarem a oratoria ou a

ode, arqueja heroicamente sobre as camadas virgens dos nossos turvos archivos, para delles extrahir bellas paginas que são fructos sazonados da observação e da meditação? Que joven jornalista surdiu tão bem apparelhado como o sr. Joaquim Vianna, espirito eminentemente moderno, rico de idéas praticas, e com uma noção exacta do problema americano? E' inutil procural-os entre os meigos sabiás do periodo romantico.

E o mais interessante é que a nós, para o pouco que temos feito, só nos foi dado contar com os nossos proprios recursos; não encontrámos uma cultura nacional racionalmente organizada, nem sequer uma lingua disciplinada, com todas as suas maravilhosas facetas polidas; não se nos deparou, emfim, esse elemento principal que é a tradição. E o que mais nos recommenda, nesta jornada aspera, é que, para servir o Brasil com a nossa penna, não fomos lamber as botas dos francezes. O nosso heroismo, já que estamos em maré de desabafo, augmenta de valor, quando consi-

deramos que os nossos antepassados, se não tinham mais leitores do que nós, pelo menos possuiam um imperador amavel e culto, que lhes acaroçoava os devaneios literarios; ao passo que nós, se encontramos em nosso caminho um estimulo bastante forte, é o automovel que nos lança na vida vertiginosa e, despertando em nossa alma ingenua as fontes mais reconditas da ambição, está a nos ensinar constantemente que isso de literatura em paiz de analphabetos é uma excrescencia que aos pedagogos cumpre extirpar no nascedouro.

Araujo Jorge é uma figura singular na nossa geração. Elle se destaca, sobretudo, por uma energia volitiva inquebrantavel, um preparo intellectual perfeitamente equilibrado, e uma grande alegria psychica, que reflecte a posse tranquilla e o gozo racional de uma saude sempre victoriosa. Em uma sociedade de homens timidos, calados, incultos e bisonhos, o elogio de Araujo Jorge resume-se nisto: é um rapaz de talento, com uma larga somma de

conhecimentos, e sem as falhas da nossa bacharelice tumultuaria e incompativel com outra ordem de trabalho que não seja *cavação*; além disso, fala alto e, quando vem a pêlo, ri com um desassombro que não humilha nem vexa, mas irradia por tudo e a tudo se communica.

Conheci-o no Recife, o heroico «ventre espiritual», a que a gente se não póde referir sem saudade, e cujos partos illustres é preciso exaltar com fé patriotica, quando mais não seja, para manter a illusão das glorias nacionaes. Foi isso ha poucos annos. A' sombra da velha Faculdade florescia, entre centenas de estudantes avidos do diploma que entre nós é um passaporte para a felicidade, um grupo de rapazes, uma duzia se tanto, verdadeiramente dispostos a aprender a ler e já escrevendo mais ou menos bem, com todos os symptomas alviçareiros de uma geração cohesa e futurosa, a ultima realmente aproveitavel que por lá passou e que, entretanto, parece ter falhado. Augusto de Oliveira, Heliodoro Bal-

bi, Aristheo de Andrade, Alfredo de Maya, Carlos Pontes, Benjamin Lins, Francisco Alexandrino, Mathias Maciel, Anisio Jobim, Julio Auto, Rodrigues de Mello, o primeiro—uma estranha revelação de estheta insaciavel, e o ultimo —um caso typico de polygrapho fecundo, todos, de resto, prosadores e poetas, compunham essa phalange luzidia, hoje disseminada nas selvas paludosas da Amazonia, ou ancorada pacificamente na magistratura.

Araujo Jorge, que sempre foi o philosopho do grupo e que havia de assignalar os ultimos dias da sua passagem pela Academia com repetidos accessos de uma eloquencia facil e ruidosa, intercalada de um latim crystalino, mas aggressivo (a ponto de uma vez escandalizar o bispo da região, que assistia á sua conferencia sobre Santa Thereza de Jesus); Araujo Jorge foi, dos seus brilhantes companheiros, aquelle que, com uma acção mais lucida e continuada, melhor soube affirmar-se. Desde a sua chegada ao Rio, para onde já viera sobraçando os seus crespos *Problemas de Phi-*

losophia Biologica—a primeira etapa de uma individualidade que se consulta, se corrige e se define—o joven escriptor não mais repousa. As hostilidadesinhas anonymas, os indefectiveis safadismos do meio, de par com as solicitações da vida pratica, não conseguem annullal-o. Araujo Jorge é uma actividade febril e disciplinada, que busca serenamente um destino certo. Um dos seus maiores serviços ao Brasil é a creação da *Revista Americana*, a unica publicação que no genero possuimos, em condições de viabilidade, e que, tendo nascido já triumphante, desde logo se constituiu um expoente da cultura continental.

Com o apparecimento dos *Ensaios de Historia Diplomatica*, vem de revelar-se o historiador. No genero, ultimamente tentado com vantagem por Helio Lobo, o livro de Araujo Jorge, tanto pelo periodo que abrange, como pelos documentos que examina, é unico e inexcedivel. E' a «exposição imparcial, clara e systematica, de diversos episodios diplomaticos que preoccuparam a Chancellaria brasi-

leira nos doze primeiros annos do regimen republicano». O autor não teve, como elle proprio confessa, a preoccupação de applaudir ou condemnar. Mas, na sua obra, o exame das questões é tão claro e justo, e os elementos eruditivos consultados offerecem uma autoridade tão irrecusavel, que o applauso ou a condemnação dos factos estudados resalta da sua simples exposição. E, por felicidade nossa, no desdobramento desses episodios internacionaes—do reconhecimento da Republica á liquidação do litigio com a Guyana Ingleza—se condemnação existe, não é decerto para a conducta do Brasil.

Tal o merito do livro em que se condensam, desde os seus antecedentes historicos até a sua solução pacifica, as questões internacionaes que trabalharam os primeiros dias da nossa vida republicana, antes por nós conhecidas apenas em suas linhas geraes. Suas virtudes intrinsecas são realçadas por um estylo movimentado e seguro, de uma clareza simples e justa, que se não confunde com a bana-

lidade aquosa dos commentadores officiaes.

*

No livro—*Ensaios de Historia e Critica*—apparecido posteriormente, Araujo Jorge confirma, aprimorando-os, os seus dotes de investigador imparcial e critico justiceiro. Inspirado nas mesmas fontes dos estudos historicos e do amor ás idéas geraes, onde o autor desde cêdo educou o seu espirito; escripto no mesmo estylo vigoroso e de discreta eloquencia, que por vezes faz lembrar Euclydes da Cunha, sem as asperezas da terminologia scientifica, esse novo livro, sobre collocar em mais seguro e formoso relevo as nobres qualidades de Araujo Jorge, representa uma verdadeira conquista para um genero de literatura ainda tão pouco attrahente para a nossa lyrica intelligencia. E' um livro que se installa, definitivamente, nas bibliothecas eruditas.

Tudo nelle attesta saber multiplo, cultura agil, saude mental: já versando, á luz de um criterio independente de influencias officiaes ou

officiosas, um capitulo da sempre controvertida e não raro maltratada historia diplomatica americana; já estudando, carinhosamente, a figura singular, estranha, impressionante, do bravo escriptor dos *Sertões*, sob o triplice aspecto de sabio, artista e pensador; já fazendo a Guilherme Ferrero reparos conscienciosos á sua concepção romantica da Historia; e já, ao criticar as doutrinas escandalosas ou extravagantes de Binet-Sanglé, Emilio Bossi e outros exegetas maniacos sobre Jesus e o Christianismo, desenvolvendo uma tão larga somma de conhecimentos, um tão accentuado espirito philosophico, uma tão bella indole de humanista, que irresistivelmente faz pensar numa especie de Renan perdido na banalidade das modernas cidades industriaes da America, e sem certas seccuras de estylo biographico do autor da *Vida de Jesus*.

E não é tudo. Nesse livro, o patriota intelligente, sem emphase nem preconceitos, retrata-se ao estudar a figura interessantissima de Alexandre de Gusmão, que elle chama—*O avô*

dos diplomatas brasileiros. E', em torno do famoso secretario particular de D. João V, uma reconstituição historica perfeita da vida portugueza daquelle tempo, e das vicissitudes de um dado periodo da nossa existencia colonial, com origem na aventura admiravel das *bandeiras*, assim evocadas pelo joven historiador: «Fôra uma bohemia sublime. Mais do que isto, uma especie de loucura collectiva irresistivel, um delirio contagioso, do genero do que levantou a Europa, em massa, para a libertação dos Logares Santos. As bandeiras abalavam, feito grandes cidades ambulantes, em jornadas de annos, transpondo rios, vingando serras, atravessando desertos, abrindo caminhos através da espessura das florestas tropicaes, lutando, depredando, escravizando, violando a robusta virgindade da terra. Antonio Raposo, chefiando o troço mais singular de homens de que ha noticia na historia, vara o Continente, embate contra os primeiros esporões dos Andes, transmonta a Cordilheira e, com a espada desembainhada, defronta as

aguas do Pacifico, exclamando que «avassallava terra e mar para seu Rei.»

Através dessas paginas energicas, de um rythmo de oceano largo e de um colorido magistral, vive-se aquella época, sentindo-se o contraste de uma velha sociedade ás portas da decadencia e do novo mundo que surgia do esforço heroico dos seus filhos, por ella desattendido, quando não contrariado. Acompanhamos o estadista na sua brilhante ascenção e no seu occaso doloroso. Vemos desembarcar o adolescente, sahido do seu villarejo de Santos, e «cahir de chofre em Lisboa, que aos olhos coloniaes de um brasileiro do comêço do seculo XVIII devia apparecer como a realização mais perfeita da civilização e do progresso», e que Araujo Jorge descreve com grande sentimento pictural.

«A Lisboa dessa época, anterior ao terremoto e ao Marquez de Pombal, e que o velho Fernão Lopes, com ingenua indignação, já chamara «grande cidade de muytas e desvayradas gentes», era bem feita para provocar

uma impressão de pasmo e deslumbramento. A catastrophe de 1755 ainda não tinha apagado o caracter meio luso meio arabe dos seus vetustos quarteirões, onde torvelinhava a população mais pinturesca da terra, ou modificado a physionomia cosmopolita que lhe conferira a sua posição privilegiada de centro do vasto imperio colonial portuguez, emporio de todas as elegancias e ignominias nutridas com as riquezas das conquistas ultramarinas. E o omnipotente Ministro de D. José ainda não esquadriara a nova cidade, ao sabor da sua phantasia arida, delineando ruas symetricas e uniformes, bordadas de casarões massiços e quadrangulares e entrecortadas de campanarios com os seus coruchéus coruscantes e de blocos graniticos de torres, rompentes da massa parda da casaria, como trebelhos de pedra de uma gigantesca távola de xadrez.

«Havia grandeza nessa Lisboa do seculo XVIII, com todos os seus edificios publicos monumentaes, majestosos de velhice; os templos faiscantes de gemmas e pedrarias; os pa-

lacios sumptuosos pejados de riquezas carreadas de todos os recantos do mundo; as mansões patricias que dizian nos hieroglyphos armoriaes dos portões brazonados toda a epopéa heroica e brutal das conquistas de ultramar; a Côrte luxuosa e freiratica, com um cerimonial ridiculo mas pomposo, presidido por D. João V, especie de grande-lama perdido no officio de Rei de Portugal.

«Ainda mais: lá estava intacta a Lisboa medieval, com as suas casas de sotéas mouriscas, feitas contra as soalheiras, as janellas guarnecidas de adufas com reixas verdes, por traz das quaes se exercia a tradicional e incansavel coscovilhice lisboeta; as vielas soturnas, negras de lama e impenetraveis de escuridão, reentrando em beccos sinistros, colleando ao viez dos outeiros, abrindo-se sobre o Tejo em boqueirões lugubres, por onde se esgueiravam a deshoras, num deslizamento imperceptivel de sombras, vultos embuçados de rufiões incorrigiveis e de chichisbéus á cata de aventuras; as ruas lageadas, estreitas, irre-

gulares, tortuosas, pelas quaes embitesgava a berlinda dourada de D. João V, oscillando sobre os correões, tirada ao trote largo e certeiro de urcos nedios e possantes.»

Foi nessa Côrte espectaculosa — caricatura grosseira dos aspectos exteriores da Côrte de Versalhes—que, depois da sua peregrinação diplomatica em Paris e em Roma, viveu, agiu, scintillou, soffreu a figura fascinante de Alexandre de Gusmão, «annullado pelo meio hostil» e procurando, a golpes de satyra, «vergastar os vicios que não corrigiu, os symptomas denunciadores da dissolução que o genio de Pombal consegue apenas retardar de alguns annos.» E foi ahi que a clarividencia do estadista brasileiro, que conhecia a fundo as aspirações da sua patria alvorecente, rematou a sua fecunda e honesta carreira politica resolvendo, pelo tratado de 1750 entre Portugal e a Hespanha, uma das mais rudes e complicadas questões da nossa vida colonial, e «riscando, a distancia de quasi dois seculos, as fronteiras que deram ao Brasil a sua configuração ac-

tual.» Hoje, «perdido no recanto de um dos salões do Palacio Itamaraty, entre outras glorias mais vistosas e menos proficuas, um modesto busto de bronze, devido ao carinho de Rio Branco, perpetúa a physionomia do esquecido filho de Santos, o maior obreiro da grandeza territorial desse Brasil ingrato.»

Mais, muito mais do que «modestas contribuições aos estudos de historia e critica no nosso paiz», como delicadamente adverte o seu autor, *Ensaios de Historia e Critica* são um alto expoente da nossa capacidade pensante, da nossa moderna intelligençia constructora, do nosso idéal de perfeição. Araujo Jorge costuma dizer-me, convencido e sorrindo, que a literatura na sua vida é apenas um incidente. Eis aqui uma opinião particular, que reflecte um modo de sentir geral. Essa linguagem, em que ha um fundo de pudor ou de desconsolo, é a linguagem de todos nós. Mas essa convicção legitimamente dolorosa não nos deve isolar num perpetuo amúo improductivo —porque cumpre aos moços principal-

mente, imitando o exemplo do meu joven confrade, a missão sagrada, a missão patriotica de ensinar, ensinar sempre, ensinar a todo transe, até que um dia o Brasil se resolva a aprender a ler.

SYLVIO ROMERO

Com este suave expirar de dezembro, o alegre mez das férias e dos orçamentos, ficou-nos reservado o espectaculo das mais commovedoras despedidas.

E', por momentos, um apagar de luzes abstractas e um estancar de fontes tutelares. Sobre as ruidosas casas do Parlamento desce, providencialmente, o silencio fecundo das bancadas desertas, inimigo das secções humoristicas dos jornaes, mas profundamente reparador para os cofres publicos; e pelos escusos templos de Minerva, que a ironia dos acasos historicos installou, entre nós, em dependencias sordidas de conventos catholicos, cessa, como um hymno de esperança, a algazarra

feliz dos moços que são já projectos de doutores e de parlamentares. A escorrencia legislativa interrompe o seu fluxo tumultuario e, com um pensamento saudoso para os *cabarets* da Lapa e a saudade consolada pela certeza de nelles remergulhar com os primeiros frios de maio, transfere-se para o tombadilho dos paquetes do Lloyd, em busca da modorra provinciana, numa quebreira venturosa, fatigada e risonha, nesse doce estado de intelligente repouso, que entre os gregos se chamava ataraxia. Por sua vez, as têtas da sciencia, que, segundo Mephistopheles, vêm sabendo melhor de dia a dia, cessam de derramar sobre as cabeças dos seus filhos queridos as leis ponderosas e graves que regem a vida humana. As camaras se fecham; as escolas se despovoam. E nós, todos os annos, por este suave expirar de dezembro, assistimos, sem lagrimas visiveis, a essas commovedoras despedidas...

Este anno, um desses abraços de separação teve uma significação excepcional. Foi ha pou-

cos dias. Para celebral-o, organizou-se uma linda festa mundana. Era uma das collações de gráos de bacharelandos e a cerimonia effectuou-se num ambiente da mais distincta cordialidade. Os amplos e illuminados salões do Club dos Diarios faiscavam de elegancia e de snobismo, e ás pessoas de imaginação mais arbitraria davam a impressão de um templo grego, com a sua columnata branca, onde se reproduzisse, sob a luz electrica, o milagre da apparição de Minerva sahindo armada da cabeça de Jupiter. Os jovens bachareis estavam felizes; encerrava-se-lhes, numa apotheose, o cyclo da idade academica.

Certo, a sua sciencia não se deve reputar das mais completas. Bem poucos dentre elles terão, talvez, sahido dos titubeios infantis que entre nós coroam o curso de humanidades. A sua passagem pelo direito deve ter sido uma assimilação apressada de theorias seductoras. Isso, é claro, não por culpa delles, mas pelo gráo de aperfeiçoamento a que chegou o nosso apparelho de ensino.

Todos elles, porém, estavam resplandecentes de alegria e de esperança: eram felizes. E' que, para preencher as lacunas de instrucção ou de educação com que o ensino official lhes aggravou as possiveis falhas mentaes, elles se consideram na posse de outros elementos de triumpho na vida. Esses moços têm o seu logar marcado na politica rendosa e facil, na diplomacia de lantejoulas, na magistratura, na sociedade; cultivam as boas maneiras; jogam o *bridge* em mesas cosmopolitas; fazem do *one step* o supremo encanto dos chás dansantes; pimponeiam, com uma graça de adolescentes gregos, nos exercicios do *foot-ball*, que aqui substitue as excellencias rythmicas dos jogos olympicos; erigem essa biblia profana, que é o *Jardin d'Epicure*, em norma de conducta moral e intellectual, sem se aperceberem dos perigos que a leitura de Anatole France offerece a certa ordem de espiritos; cortejam os poderosos; são prematuramente scepticos; e, com a segurança das pessoas que se julgam na posse de todos os segredos

da vida, parecem desconhecer essa virtude maxima da mocidade, que são as opiniões extremas. Todos elles, já gozadores relativistas, honram a sua geração, o seu tempo e, sobretudo, o seu paiz.

Mas, no meio da sua festa deslumbrante, da consagração dos seus triumphos academicos, ergueu-se uma voz estranha. E, por signal, era a voz do seu paranympho; voz de septuagenario, em que os annos não conseguiram amortecer a fé nos destinos da nossa patria; voz que ainda hoje é o resôo poderoso de um arcabouço physico formidavel; voz de athleta, voz de gigante do pensamento, voz que, como se dizia de Camillo, ha quarenta annos é illustre na literatura brasileira.

*

A palavra rude de Sylvio Romero dévia ter soado aos ouvidos desses moços debilitados por um scepticismo precoce com accentos quasi selvagens. Estava alli um monstro a perturbar as louçanias de uma pequena socie-

dade requintada com doutrinamentos incommodos e extemporaneos, de mais a mais expendidos com toni-truancias asperas e incisivas. E tal devera ter sido o retrahimento daquellas almas, affeitas ao susurro macio de confidencias inoffensivas, aos sorrisos indecifraveis, por demais inexpressivos, ás palavrinhas entrecortadas por um francezinho de café-concerto, que a voz do gigante deverá ter-se confundido com o clamor longinquo de um propheta, pregando para um deserto de almas.

Entretanto, o velho Sylvio mais uma vez cumpriu o seu dever. Elle estava alli, não para dizer as cousas amaveis e frivolas que sabem gorgear os oradores de sobre-mesa, mas para pensar pelo futuro do seu paiz, para apontar os seus erros e necessidades.

Este homem, que fez a historia da nossa literatura; que estabeleceu em bases solidas o estudo da nossa ethnographia, da nossa ethnologia, da nossa sociologia; que, de par com Tobias Barreto e outros, produziu a mais nota-

vel revolução intellectual que aqui já se operou, renovando totalmente o estudo do direito, da philosophia, da historia e da critica literaria no Brasil; este espirito que nunca estacionou, cuja cultura se refaz constantemente, acompanhando, com o mesmo ardor dos verdes annos, a evolução intellectual dos povos mais interessantes; este infatigavel escriptor, que é bem um representativo, porque na sua obra condensa todas as virtudes e todos os defeitos da sua raça, as exuberancias do nosso temperamento irregular e *frondeur*, anceios um pouco desordenados de povo novo, esplendores, incoherencias, predicados raros dos que têm a fortuna de se contradizer, rugidos de leão em cujo coração as pombas fazem ninho; este grande homem, como acabamos de ver pelo seu discurso do Club dos Diarios, é a mesma grande arvore fecunda, de frondes opulentas, continuamente agitadas pelos «quatro ventos do espirito», a cuja sombra é grato recolher principalmente nas horas de maior desanimo nacional—arvore tão rica, tão farta,

tão seivosa, que muitos dos seus fructos andam por ahi, no mercado das idéas, conduzidos por mãos habeis, sem a indicação da fonte generosa.

O seu discurso é uma lição formidavel. Os nossos actuaes homens de governo, muitos dos quaes receberam os seus ensinamentos nos bancos escolares, e a quem, entretanto, a noticia dolorosa da velhice pobre de Sylvio Romero talvez não chegue a commover um instante, encontrarian nelle o mais logico programma de ensino para nos tirar dessa tenebrosa desordem mental em que aqui se preparam homens para a vida. Os moços, seus discipulos, a quem elle, no momento da separação, dirigiu palavras de tanta fé e de tanta energia, terão, talvez, sorrido com indulgencia sceptica, ou supportado com displicencia mal contida, os «destemperos» do mestre.

E, comtudo, ao apontar-lhes o caminho da verdade, o gigante mostrou-lhes ao mesmo tempo quanto podem a bondade intelligente e a fé patriotica num espirito de setenta annos,

tendo, no meio de todas as suas rudezas, expressões verdadeiramente apostolares, como estas, que devem servir de modelo aos chamados guiadores da opinião nacional: «Males existem, sim; nem eu vim aqui para os negar; seria passar nas ruas e não ver as casas. Ouso, porém, accrescentar que muitos dos que ahi andam imaginados não passam de méras fantasias morbidas da musa da diffamação. Em dias da Republica, a impudencia dos ataques tem excedido toda a qualificação em linguagem humana. O que se escreve assombra, o que se ouve cresta e mata todas as energias. Quando perderemos tão máo sestro? Nação que de si maldiz, que se macúla, é como individuo que se desrespeita. Façamos, sim, a critica dos nossos erros, sinceramente, patrioticamente, sempre com alevantados intuitos de melhorar. O empenho constante de denegrir é um triste privilegio, que, se não impede em absoluto o progresso, desnorteia o espirito nacional, amesquinha o merito, abate os animos, entibia as nobres aspirações, vela a justiça,

amollenta os caracteres, apaga os enthusiasmos, confunde os bons com os máos, escurece o idéal, enlameia as faces, aperta o horizonte de todos os talentos, afunda o paiz inteiro em um lodaçal sem termo e sem sahida.»

Quando, neste paiz, se dará ouvido aos grandes homens?

1915.

GILBERTO AMADO

Após alguns mezes de separação, que as suas cartas cortavam, de vez em quando, com lampejos de estylo e de humorismo, acabo de estreitar num longo e fraternal abraço o joven e scintillante Gilberto Amado. Com este encontro, além da alegria natural que experimento em rever o meu amigo, se me offerece ensejo de dizer da sua forte personalidade de homem e de escriptor algumas impressões que em mim de muito amadurecem.

Gilberto Amado está novamente nesta cidade de encantos, ainda que por alguns dias, gozando uma curta féria numa visita de saudades. Este nome, que o Rio literario e mundano conhece e admira, mercê da sua prosa

esculptural e da sua palestra fulgurante, é hoje, no Brasil, mais do que uma affirmação intellectual—é uma affirmação social. Não tem, é certo, para recommendal-o á consideração dos nossos mestres de obras feitas — em cujo criterio a quantidade ainda faz prodigios—uma bagagem numerosa de cousas realizadas. Em compensação, possue, a par de algumas paginas raras, que são sómente suas, porque em nada se parecem com as dos outros, muito brilho proprio, muita ambição serena, muito enthusiasmo generoso, muita saude psychica, muita mocidade no sangue e no espirito, e uma fé çommovedora no seu destino.

Para louvar este moço, se louvor se contém no desalinho destas expressões, eu mesmo preciso, antes de tudo, varrer de mim qualquer idéa de suspeição. A fraternidade das nossas relações não póde, aos olhos dos homens intelligentes, prejudicar a justiça, a pureza, a sinceridade das minhas palavras, embora reconheça eu que ellas cheguem a ferir ou turvar as vistas dos homens graves e seccos, aves-

sos a qualquer excesso, intellectual ou sentimental, incapazes de um movimento de sympathia, estorricados em vida, e que através dos seus ponderados e rectos oculos de ouro andam a ver homens e cousas sempre abaixo da inteireza do seu caracter ou da rectidão do seu juizo. A estes, se o seu aspero bom senso me preoccupasse, e se a tanto me impellisse o respeito ás suas convicções, eu os fulminaria com aquelle conceito paradoxal de Baudelaire, affirmando que a critica, para ser justa, deve ser parcial e apaixonada.

*

No meio em que appareceu, Gilberto Amado impressionou pelo contraste. Na idade em que os moços geralmente andam titubeando, sem orientação, sem destreza, sem rumo na arte e na vida, acolhendo-se, não raro, á sombra baptismal dos medalhões, ou enroscandose, parasytariamente, a velhos troncos de seiva equivoca—este rapaz, com os seus vinte annos plenos e sadios, affirmou-se com uma

galhardia tão rara, que faz honra á nossa época. Em contal-a, resume-se, porventura, a possivel belleza destas linhas.

Foi em principios de 1905, quando eu terçava as minhas primeiras armas na imprensa do Recife, que Gilberto Amado emergiu de um vago recanto de Sergipe para o meio arido e triste da velha cidade academica. Um discurso literario proferido na Faculdade, e a que a sua voz fogosa, ligeiramente tatibitate, dava um relevo singular; um artigo de critica publicado num massudo jornal da terra, em que o neophito ardoroso se apresentava com as mais brunidas armas nietzscheanas, attrairam para o seu nome, que antes parecera um pseudonymo, as attenções desconfiadas da culta capital e a evidencia escabrosa da sua imprensa, que a questão politica transformara numa calamidade chronica.

Conheci-o nessa época, em uma tarde propicia á confidencia dos nossos ingenuos idéaes literarios, quando a cidade repousava na doce paz de um dos seus domingos provincianos,

com o Capibaribe a lamber-lhe os paredões desertos e carcomidos. Já então Gilberto Amado era um temperamento exclusivamente literario e costumava dizer, com as velleidades naturaes nos neophitos de genio, que das suas aspirações literarias não abdicaria por cousa alguma deste mundo. O que logo me encantou neste rapaz foi, mais do que o seu talento, a sua paixão da vida.

Mas a nossa intimidade sómente começou ha pouco mais de dois annos. Elle andara a esgrimir valentemente pela politica, que me não attrahe, que o attrahira com promessas fallazes de sereia, e de onde voltara com as primeiras desillusões a robustecer-lhe o alegre scepticismo; viera ao Rio para o ambicionado baptismo da Avenida; e fôra a S. Paulo, numa ficção de parlamentarismo, chefiando a delegação pernambucana a um jovial Congresso de Estudantes. Tive, então, o prazer de recebel-o em minha obscura intimidade, e as horas que passámos juntos, naquella casinha de Fernandes Vieira, com arvores em derredor a

oxigenar-lhe o ambiente, e com a sua palestra de imprevistos brilhos a animar-lhe o silencio ditoso, foram daquellas cuja recordação é ao mesmo tempo um gosto e um estimulo. Porque ouvir Gilberto Amado conversar em roda intima, sem literatura, quando os conceitos lampejam através dos paradoxos e da abundancia comica da sua imaginação prodigiosa, tem sido um dos meus maiores prazeres intellectuaes.

Com pouco mais de vinte annos, este moço sobresahia já, o espirito agilizado por uma cultura nova e os musculos robustecidos pela gymnastica, na massa rachitica dos seus contemporaneos. Não direi que elle assumisse para a sua geração as proporções fantasticas de um Messias intellectual, mesmo porque naquelle deserto academico, com excepção de algumas individualidades esparsas e dispares, como Carlos D. Fernandes, Mario Rodrigues, Da Costa e Silva, Esmaragdo de Freitas, não havia logar para a sementeira das idéas. Fizera-se um vacuo na Faculdade, depois da dis-

persão da ultima turma de bachareis intellectuaes, ou de rapazes de talento e cultura, de que a figura mais completa (porque os outros «têm o aspecto de ter falhado») é, sem duvida, esse radiante e exuberante Araujo Jorge, de quem se póde dizer igualmente que é mais do que uma affirmação intellectual—é uma affirmação social, alegre e são numa sociedade incolor e bisonha, com a sua «clara alma onde a alegria repica de matinas a trindades.»

Foi naquelle meio então cansado e esteril que o joven prosador appareceu e bruniu as suas primeiras armas. De estatura baixa, a tez amorenada, os cabellos negros e abundantes, os olhos vivos e ardentes, o nariz levemente aquilino, a passada rythmica, o gesto prompto, este menino tinha uma vaga expressão de ferocidade leonina na bocca, onde ás vezes o riso perdia em sonoridade o que ganhava em violencia de sarcasmo ou em pungente ironia. Cuidava, como hoje, da sua *toilette* com requintes quasi femininos, mantendo em tudo uma linha irreprehensivel; possuia

uma imaginação opulenta, a palavra imprevista, o commentario surprehendente; e, homem fundamentalmente artista, que reduz tudo a emoções artisticas, punha a gravata com zelos dannunzzianos e não perdia occasião de collocar uma boa phrase, que lhe vinha, aliás, espontanea e facil.—D'Annunzzio — gostava elle de repetir ao vestir-se—quando foi fazer aquelle maravilhoso discurso de Veneza, poz a mais bella gravata para melhor impressionar as mulheres...—Divertia-se, não raro, em fazer desaffectos ou em inspirar antipathias passageiras, e não sabia contemporizar com essas curiosas creaturas que, com protestos de amizade e admiração, nos movem a sua hostilidade tacita, mas inutil; era rude no dispersar as innumeraveis pulgas humanas que negrejam pelo mundo; mas, quando o enthusiasmo, o verdadeiro enthusiasmo esthetico o assaltava, gerando-lhe os surtos magnificos da Belleza, era de vel-o em toda a exuberancia da sua mocidade luminosa, transfigurado, numa especie de exaltação dionysiaca, crescendo, prodiga-

lizando-se, transfundindo as suas emoções na alma dos poucos companheiros, com uma generosidade fraternal, uma paixão glorificadora. Ninguem, nestes ultimos tempos de moços praticos e accommodaticios, em cujos semblantes já se descobrem os traços do desembargador aposentado, passou pela Faculdade de Direito do Recife com um desempeno mais nobre, uma galhardia mais cavalheiresca.

Florescendo numa época de escassa cultura, no quasi apogeu do analphabetismo ramalhudo, Gilberto Amado, repito, impressionou pelo contraste. A sua cultura era ampla, e expurgada das excrescencias em que os moços quasi sempre se afogam. Sabia ler. Com poderosas faculdades de assimilação e de synthese, e uma distincção de gosto rarissima na sua idade, cêdo fizera a sua viagem intellectual através das literaturas, recompondo-lhes os periodos culminantes, onde se demorava a deslumbrar-se com as maravilhas eternas, creadas pelos typos fundamentaes desse ramo da evolução humana. Mergulhara fundo nos

semi-deuses da tragedia grega, em cujo contacto se lhe exacerbara a imaginação, e de lá sahira, illuminado e offegante, para descansar á sombra dos jardins do Lacio, embalado pela melodia da pastoral de Virgilio; curvara-se, com um fervor quasi religioso, diante da triade sagrada e monstruosa de Dante, Shakespeare e Cervantes, para, depois de conspirar com a geração demolidora do seculo XVIII e vibrar intensamente e desordenadamente com Balzac e Hugo, vir encontrar uma revivescencia dos hellenos nas almas cyclopicas de Frederico Nietzsche e Gabriel d'Annunzzio, a cuja imagem se modelava, porventura, o seu espirito, e de cuja grandeza tragica fugia, ás vezes estonteado, ebrio de claridades e rumores, para repousar, com doçura, na ironia sorridente de Anatole e Eça. No Brasil, os arroubos da sua admiração incontida eram, então, pela eloquencia ciceronica, pela prosa modelar, formidavel e inconfundivel, do sr. Ruy Barbosa.

*

Assim forte e confiante, com estas firmes qualidades, umas innatas, outras adquiridas, que o tempo tem vindo desenvolvendo e aperfeiçoando, entrou elle, ha pouco menos de dois annos, no meio literario do Rio de Janeiro, que ainda offerece ao provinciano as hostilidadesinhas de uma muralha chineza. E não tardou em conquistal-o. Gilberto Amado debutou nas nossas letras com um esplendor raro. Póde dizer-se mesmo que a sua lingua ou a sua arte, em que chispam e cantam *boutades* de pamphletario á Fialho, amaciadas pela finura atheniense do artista maximo da *Perfeição* e sonorizadas pela divina eloquencia do grande musico do *Fogo*, surprehendeu as nossas rodas intellectuaes mais illustres, oscillando, geralmente, entre a bastardia justificavel da prosa ligeira dos jornaes e a exhumação infeliz de perros classicos inuteis. Os seus artigos sobre Luiz Delfino, sobre D'Annunzzio, sobre Rostand, sobre Nabuco, sobre

Marcel Prévost, sobre Herculano, sobre Sylvio Romero (para não falar do brilho que prodigalizou, durante quasi um anno, na columna semanal do *Paiz*, a que elle deu, na expressão de um jornalista carioca, um prestigio literario que ella nunca teve), são ensaios magnificos, são pequenas obras primas. O maior elogio que se lhes póde fazer está naquellas palavras do sr. Paulo Barreto, que não cito textualmente porque as não tenho agora á mão, mas que se resumem assim: disse o illustre academico que por alguns artigos de Gilberto Amado muitos dos nossos escriptores trocariam, de bom grado, as suas brochuras copiosas, amarellecendo de tédio e solidão, sem publico, sem applauso, por sobre os balcões de editores desilludidos.

E o seu triumpho não foi um triumpho exclusivamente literario—foi, antes de tudo, a primeira etapa da vida vencida gloriosamente. Numa terra que é o céo aberto do medalhão, onde o medalhão tem todas as facilidades e commodidades possiveis e imaginaveis, de

modo que os moços, mal lhes nasce o dente do siso, engravecem e murcham, têm idéas e attitudes de medalhão, falam e *posam* como o medalhão—é uma alegria, é um desafogo, é quasi uma vingança ver um menino, com pouco mais de vinte annos, galgar, com a sua mocidade e o seu talento, uma cadeira de lente de uma escola superior. Porque a nomeação de Gilberto Amado para professor da Faculdade de Direito do Recife foi mais do que uma conquista intellectual—foi uma conquista moral.

Mas isso representa apenas uma etapa vencida. O joven homem de letras não vae, decerto, crystalizar-se nos primeiros triumphos da sua carreira: elle marcha serena e confiadamente para o futuro. E para a conquista desse futuro sempre vago e assustador, reune os melhores elementos. Gilberto Amado possue a visão remota, o lance de vista agudo, e a alegre coragem sceptica dos que já nascem mestres. Ama profundamente a vida, de que não perde ensejo de salientar os aspectos mais

bellos. Quer vencer pelo trabalho num paiz onde quasi sempre se vence pela inercia. E praza aos céos que as influencias deleterias, asphyxiantes, do nosso meio de surprezas desnorteadoras, não crestem essa promessa, em flor, de grande homem.

E' novo, é robusto, é ardente, é alegre, é são; é um artista vibrante e um mundano discreto. Vasa numa pagina a emoção da mais pura belleza e ás vezes, sem esforço, com duas palavras traça uma caricatura. Um dia, numa roda em que se discutia, sem crepitações ou desrespeitos, o valor de um romancista brasileiro muito lido e acatado, o seu estylo sobrio, a sua philosophia subtil; e de cuja obra Gilberto Amado sustentava que era uma arte magra de empregado publico que, mesmo escrevendo romances, nunca deixara de ser empregado publico, concluiu com esta *charge*:— Eis o seu estylo: «Chego, entro, e me sento; antes, porém, de me sentar, examino a cadeira: está perfeita; estou bem sentado.» Agora, a sua philosophia: «Na parede havia um re-

trato; no retrato, a sombra de um sorriso: o sorriso dos que se foram!»

Tem apparencias de vigor, de saude, de orgulho, de dominio, e junta ao gesto de força a palavra de harmonia. De resto, não sabe supportar as posições subalternas, e já uma vez lhe ouvi que, não podendo ser centro, nunca virá a ser satelyte de ninguem. No fundo, porém, é um sentimental. Nelle remanescem as fatalidades organicas dos da sua raça. E, contra as insidias do sentimento ou do sentimentalismo, procura um refugio nas bravuras pagãs do seu individualismo exterior. Porque ninguem possue um coração mais rico de ternura e piedade, uma sympathia mais irradiante e acolhedora.

Saudando com alegria o meu amigo, nestas linhas descosidas que a minha admiração lhe devia, e que a sua generosidade me relevará, ergo ao deus da Arte—da grande Arte que tem, no dizer de Ruskin, o dom evangelico de aperfeiçoar e approximar os homens—os votos mais vehementemente sinceros para que

os annos lhe corram fartos e serenos, fecundos e tranquillos em feitos e venturas, e possa o seu genio crystalizarse, para honra do Brasil, em meia duzia de obras primas.

1911.

COELHO NETTO

Venho de assistir á festa que um grupo de amigos e admiradores offereceu a Coelho Netto, para commemorar o seu regresso da Europa.

O banquete do Pavilhão Mourisco, que resplandecia mirificamente, compondo a gloria da noite nessa gloria da natureza e da arte que é a bahia de Botafogo, tem uma significação tanto mais elevada quanto o actual momento brasileiro traduz uma das phases mais criticas, e talvez a mais decisiva, da nossa evolução. O paiz parece ter entrado no periodo agudo da sua formação, luctando por adquirir a posse de si mesmo, do sentimento de nacionalidade, da grandeza do seu futuro, com o

surto dos novos elementos que lhe refizeram a vitalidade precocemente combalida, corrigindo erros, esboçando attitudes, definindo ambições. Somos hoje um povo que começa a aguçar a curiosidade dos estranhos, e, emquanto lhes acceitamos a collaboração efficiente na obra do nosso crescimento, nos expomos a todos os riscos que a sua concorrencia até certo ponto dissolvente nos possa acarretar. O Brasil começa a ser a patria do estrangeiro, terra de transito, que se ajuda a aperfeiçoar, mas onde quasi nunca se lançam raizes profundas, antes se revolvem e destroem antigos vinculos fundamentaes, porque o que a todos importa é o dominio da superficie.

Obedecendo á lei historica que faz a humanidade deslocar-se, periodicamente, de oriente para occidente, a America é hoje o refugio da super-população européa. O estrangeiro chega, sonda-nos, revela-nos riquezas de nós mesmos, seus donos, ignoradas, e nos ensina a trabalhar, aproveitando-as. De ingenuos e sonhadores que eramos, alimentando com

poemas a illusão da nossa pompa ornamental, emquanto os nossos vizinhos, mais avisados, lavravam suas terras, nos tornámos subitamente uma amalgama de povo que quer ser pratico a todo transe. Não mais o concerto de lyras descuidosas se quiz ouvir por estas ribas atlanticas. O sonho, a arte, o idéalismo, todo esse conjunto de belleza com que levámos a embalar o nosso somno de seculos, foi declarado em bancarrota. Todos nós agora nos esforçamos desesperadamente por fingir de homens praticos. E como o estrangeiro, ensinando-nos a trabalhar, nos revelou tambem novos prazeres—o *sport*, o club, o automovel, os requintes peccaminosos, as amantes caras, o luxo, o sybaritismo—eis que nos pareceu assentar exclusivamente sobre as vantagens temporarias do dinheiro a erronea concepção epicurista da vida—e á conquista delle nos atiramos com um fervor de fanaticos. O gozo immediato é tudo. *Carpe diem* é o grito horaciano com que entramos no mundo. De sonhadores que eramos, ficámos, da noite para

o dia, scepticos...

E' mais uma antinomia da nossa historia. O que em outros paizes só se explicaria como o producto de uma grande cultura accumulada, apparece aqui na phase ainda incipiente da nossa evolução. As ultimas gerações, para justificar a necessidade de ganhar dinheiro, fazem alarde de um scepticismo pittoresco, que é, na melhor hypothese, um indicio de preguiça mental. O patriotismo, os enthusiasmos creadores, a fé nos destinos da nossa nacionalidade, são cousas secundarias ou mesmo insignificantes para as cogitações praticas, estrictamente pessoaes, de cada um. O essencial é extrahir da vida a maior somma de prazeres immediatos. Estamos em face de um individualismo caricato.

Dahi, o espectaculo inaudito, a que os espiritos dados á meditação assistem com tristeza, offerecido por um paiz novo, com vitalidades tremendas, mas cultivando os luxos da ociosidade decadente, a graça alada, o espirito anecdotico, a ponta envenenada do epigram-

ma, a satyra aguda, todas as faces ditosas, mas intimamente carcomidas, do bysantinismo social. E emquanto isso, emquanto apressadamente ganhamos algum dinheiro para mais depressa ainda esbanjal-o, emquanto nos divertimos, o estrangeiro chega, arredonda o seu milhão, infiltra-se no nosso organismo, vence-nos, arreda-nos, e a indole nacional se dispersa num arremedo de cosmopolitismo dissolvente. E' um encontro decisivo. O Brasil —sabem-n'o todos—entrou, porventura, no periodo mais acceso da sua formação: ou assimila os elementos estranhos, de que carece, sem perder o caracter, ou continúa a divertir-se, e será fatalmente absorvido.

*

Felizmente, uma vez por outra, surgem attitudes de reacção, que valem por affirmações nacionaes. E estas, em que pese ao nosso scepticismo pratico e loução, é a arte que ainda as produz. Só a arte, pelo seu poder de interpretação, pela sua força divinatoria, pelo eter-

no encanto que desde Orpheu vem commovendo até as féras, é capaz desses milagres. Valha-nos ella. Hontem, era a glorificação de Olavo Bilac, o grande poeta da nossa raça, que só não é maior porque compõe os seus extraordinarios poemas em portuguez—lingua maravilhosa, mas tão pouco conhecida, que principia a ser renegada até pelas rodas elegantes e cultas do Rio de Janeiro, essa ardente S. Petersburgo americana. Hoje, é a de Coelho Netto, o rhapsodo vibrante, cujo temperamento e fantasia tão bem resumem a exuberancia e formosura da nossa terra.

Coelho Netto foi o romancista da minha adolescencia. Eu sahia, extenuado, das truculencias dos nossos romanticos, quando se me deparou esse rhapsodo amavel, falando uma lingua nova. Outros livros seus, da maturidade, plenos, fortes, tragicos, vigorosos, revelando feições barbaras da terra e da gente, como *Sertão*, commoveram-me, decerto, mais tarde. Mas o que ficou indelevel na lembrança dos meus dezeseis annos foi o Coelho Netto

das *Balladilhas*. E se é certo que as primeiras impressões são as que ficam, bastaram esses poemas encantadores para que eu ficasse amando, através dos annos, essa figura singular da nossa literatura, que tem mais livros do que cabellos brancos, e cuja inesgotavel fantasia creadora é como «um vinho exquisito que delicia, sem nunca embriagar.»

Coelho Netto será sempre o escriptor dos moços. Aliás, elle timbra em jámais envelhecer. Essa virtude, tão amada pelos deuses, é sufficiente para assegurar-lhe o prestigio intellectual, politico e social, através da nossa evolução. Como elle mesmo declarou no discurso de agradecimento á festa com que seus amigos e admiradores acabam de assignalar o seu regresso ao Brasil, foi com essa força juvenil que elle ajudou a José do Patrocinio a realizar o poema da Abolição e a Silva Jardim a fixar o sonho da Republica; e é graças a ella que todos os annos as nossas letras recolhem novos fructos do seu fecundo pomar.

Convictos do papel messianico da arte, os

moços comprehenderam isso, e, festejando o mestre querido, que é ao mesmo tempo o seu irmão mais velho, acclamaram nelle não só um dos vultos mais representativos da nossa cultura literaria, como tambem, e principalmente, uma das mais vigorosas e efficazes parcellas de resistencia nacional contra a invasão que ameaça os fundamentos da nossa personalidade, como povo que se vae definir e affirmar, ambicioso de glorias e com grandes responsabilidades no futuro.

1913.

HELIO LOBO

Quando cheguei ao Rio, ha tres annos, e comecei a desencantar-me no contacto material das suas glorias favoritas, fui encontrar, entre a pleiade illustre que no Itamaraty conserva carinhosamente as tradições de intelligencia, de saber, de generosidade e de cavalheirismo, filhas daquella casa tutelar, um moço que se destacava pela austera serenidade do porte e por uma rara capacidade de trabalho. Posso dizer que esse encontro foi, pela sua imprevista espiritualidade, uma das reaes compensações com que desde logo me forrei aos primeiros dissabores da minha iniciação. Aquella figura joven, calma, robusta, bem proporcionada, com a sua bella cabeça

feita para a medalha, o passo firme, o gesto lento, mas natural, a palavra esquiva, sem ser preciosa, tinha no semblante, como traço principal, o vinco precoce da meditação. Era um solitario, pensei. E para logo, da minha solidão, elle se fez amavel companheiro.

Era de vel-o, todos os dias, na sua faina paciente e silenciosa de benedictino da nossa historia diplomatica. Tal era o seu afinco na pesquiza de dados para recompor, com estylo, pontos obscuros de passadas relações entre chancellarias americanas, que nos primeiros momentos elle me deu a impressão de um desses seres, já agora, e principalmente entre nós, absurdos, que, pela natureza especial dos seus estudos, como que se collocam fóra do nosso mundo. O joven discipulo de Rio Branco era já um dos fructos mais bellos e sadios do grande semeador. No seu contacto, entre livros, através de uma palestra erudita, poliam-se as arestas, sofreavam-se as impaciencias, refaziam-se os espiritos, adoçavam-se as canseiras. Do seu retrahimento espiri-

tual, elle tinha sempre, para tudo e para todos, uma palavra que era ao mesmo tempo um consolo e uma lição. Guardo do convivio desse delicado anachoreta, numa quadra tormentosa de desordem sentimental, a lembrança do mais fino refrigerio...

Um dos maiores serviços de Rio Branco ao Brasil foi ter procurado cercar-se de gente nova para o ajudar na realização da sua grande obra. Havia ainda aqui o preconceito anachronico que exigia, para o bom desempenho de certas funcções, os cabellos brancos, a rabona prehistorica, o lenço de rapé e um pouco de rheumatismo. Imagens veneraveis do bom senso nacional, diante desses attributos externos da competencia a pobre juventude se curvava, anniquilada, vencida, inutil, como em face de uma fatalidade. Que cada um dentre o bando jovial, por mais evidentes que fossem os seus meritos, tratasse, quanto antes, de apparentar, á força de mortificações, a carantonha professoral do medalhão.

Rio Branco, louvado Deus, acabou com

isso. Foi uma das suas maiores contribuições para a modernização do Brasil. E' que elle mesmo provinha já de uma geração inquieta e irreverente; e graças, decerto, ao seu longo afastamento desta terra que quer ser sisuda e resulta hypocrita, o seu espirito conservou, até ao fim de uma carreira singularmente fecunda e fulgurante, aquella salutar independencia que já tivera os seus momentos de gloria nas chronicas vibrantes do Alcazar.

Os moços, por sua vez, souberam honrar o mestre. Rio Branco teve nelles os seus melhores auxiliares. E' preciso conhecer de perto as ultimas reaes conquistas da diplomacia brasileira, ainda mal divulgadas e já intencionalmente esquecidas, para avaliar do papel que nellas representaram e vêm representando os moços.

*

Entre elles, Helio Lobo é uma figura de relevo. Escriptor e diplomata, dotado de uma intelligencia que se retempera no culto do

passado e se apoia num caracter sem macula, a sua carreira será uma serena linha recta entre a paz e a gloria, entre a paixão da historia e a conquista da belleza. Elle não conhece as inquietações do presente e o futuro lhe apparece já qual a mansão risonha que é assim como uma idéalização da realidade. E' um predestinado que vae direito ao seu fim.

Conheci-o, ha tres annos, no Itamaraty, entre alfarrabios, chronicas, foraes, in-folios, miscellaneas, relatorios. Era um desvirginador pudico de archivos impenetraveis. Dava-me a impressão de um monge infante, com a sua moderna blusa de seda amarella, a revolver montanhas de preciosidades esquecidas. A historia da diplomacia imperial, que, como elle diz, ainda está por fazer, animava-se ao toque das suas mãos escrupulosas. E a sua actividade, a pertinacia do seu esforço, o seu gosto pela resurreição de cousas hoje consideradas sem interesse immediato, encantaram-me, sobretudo, porque partiam de um mo-

ço que parecia estar fóra do seu tempo. Helio Lobo, com os seus estudos martyrisantes, a sua serenidade acolhedora e imperturbavel, os seus fracks irreprehensiveis, o seu monoculo quasi timido, era um anachoreta da historia, forrado de um mundano discreto. Datam desse tempo os seus primeiros triumphos no mundo das letras eruditas e no scenario ambulante da diplomacia.

Depois, esta o arrebatou por completo. Levou-o, entre outras missões de destaque, aos Estados Unidos, como secretario de uma embaixada de amizade—que nas mãos habeis do sr. Lauro Muller foi o maior acontecimento internacional do continente, nesta quadra confusa e sangrenta em que, através das duas Americas, parecemos dispostos a reeditar aquelle «regimen classico de tropelias», que tem sido o desencanto dos nossos mais ingenuos endeosadores.

Mesmo assim, as letras amigas não o abandonaram. Premido pelos deveres tyrannicos da sua representação, dividindo-se entre a

imposição fraternal das festas officiaes e a redacção extenuante de centenas de telegrammas, o joven escriptor nunca deixou de reservar-lhes um curto momento de lazer. E não poucas vezes, no meio dos atropelos deliciosos da viagem, elle achou ensejo de nos mandar, sob um pseudonymo transparente, paginas vividas para o *Jornal do Commercio*, escriptas naquelle estylo pessoal, que nunca se disfarça, claro e breve, de rythmos brandos e idéas delicadas—ora traçando um perfil de marinheiro, em lucta com os elementos enfurecidos, ora fixando, com a magua artistica de um atheniense transplantado, uma dança macabra num *cabaret* tumultuoso de Nova-York, ora evocando o Adamastor, em face da tormenta, da prôa do *Minas*, a caminho do septentrião.

Ultimamente, solicitado pelas mil e uma frivolidades encantadoras do mundo, Helio Lobo pareceu-me fatigado, com esse ar de cansaço e de fartura que géra o sybaritismo, mesmo o de feição mais intellectual que mundana, e que

tão bem resumbra, modernamente, da symbolica figura do desolado, preguiçoso, inutil Jacintho. Dar-se-ia que o diplomata, seduzido pelos triumphos faceis e impessoaes da «carreira», começava a vencer o homem de letras, amigo da solidão fecunda e da belleza verdadeira? Alarmado, disse-lhe um dia, vagamente, o meu receio. Em resposta, elle franziu os labios num sorriso desolador, sorriso de infinita amargura, que exprimia, a meu ver, o tédio immenso de um transplantado, de uma alma que se retráe e se isola e se fortalece no meio de todas as evidencias illusorias da felicidade, no turbilhão luminoso e dispersivo da vida contemporanea.

Mas a verdadeira resposta, elle m'a deu agora com a publicação do seu ultimo livro—*Antes da Guerra*—primeiro da série que o illustre escriptor está compondo sobre a descuradissima historia da diplomacia imperial no Rio da Prata, e cujo valor é justo que me abstenha de salientar aqui, não só porque isso

exigiria estudo demorado, incompativel com a natureza destas linhas impressionistas, como tamben porque já o fizeram, sem disperdicio de gabos inexpressivos, os mestres da nossa critica. Desejo apenas frisar que o alto e querido espirito velava...

O joven trabalhador permanece intacto na sua fé silenciosa de benedictino. E se as suas mundanices, que, muitas vezes por dever de officio, o enervam, dão aos olhos alarmados de alguns companheiros a impressão de um sybaritismo irremediavel, nem por isso deve o suave e equilibrado espirito de Helio Lobo abandonar essas praticas amaveis —com que algumas pessoas de bom gosto se esforçam quasi heroicamente por socializar a vida no Rio—comtanto que vá, como agora, desaggravando a nossa historia, enriquecendo-a, arejando-a, polindo-a com as suas doutas pesquizas de observador meticuloso, o seu culto da belleza, e a sua indulgente, pura e serena visão de pensador.

Deus assim o conserve, com o seu monoculo

e a sua penna, para alegria dos que se divertem e orgulho dos que pensam.

1914.

BALTHAZAR PEREIRA

Affirmam telegrammas do Recife, neste final de anno essencialmente politico, que na chapa de deputados apresentada pela nova situação dominante figura, entre outros nomes consumidos por um ostracismo de vinte annos, o nome, por muitos titulos illustre, de Balthazar Pereira.

O raro espirito que vive dentro deste energico varão, desdobrando-se, com uma firmeza e uma serenidade sem artificio, em varios ramos de actividade intellectual, representa uma das personalidades mais interessantes do norte do Brasil. Balthazar Pereira—nome que o cosmopolitismo tumultuoso da Avenida difficilmente distinguirá no constante alvorecer e

desmaiar dos seus astros favoritos—encerra, na sua simplicidade perfeita e no seu fulgor desconhecido, uma dessas raras parcellas de resistencia nacional que só na provincia (mais arraigadamente no Norte) ainda conservam intacta a pureza primitiva. Com a sua penna fulgurante, com a sua arte inconfundivel, com a sua combatividade inquebrantavel, o amor da terra natal, ao serviço das mais nobres aspirações de uma collectividade menosprezada, emprestou a este grande batalhador a força soberana de uma legião. Balthazar Pereira foi, em Pernambuco, durante alguns annos, o melhor expoente das varias energias esparsas, que por instincto de solidariedade se congregavam angustiosamente em torno do mesmo idéal de redempção. O seu nome, com um largo prestigio em todas as camadas intellectuaes da cidade, chegou a valer por uma legenda.

E, comtudo, para conquistar esse posto incontestavel na sua formosa patria redimida, Balthazar Pereira não dispunha dessas quali-

dades que tanto seduzem a multidão, isto é, não era chefe de partido, nunca fôra á praça publica, com incandescencias de tribuno, explorar a virgindade dos espiritos incultos, nem estendera a sua acção, de uma pertinacia inaudita, para além da orbita juridica. Conquistou-o, para gloria do seu nome immaculado e honra dos seus innumeros adeptos, com um instrumento fragil e formidavel: a sua penna.

Este brilhante estylista, em cujas mãos a arte jornalistica perdeu a sua velha feição frondejante e pomposa, resumida no *artigo de fundo* e ainda hoje cultivada com desespero neste sonoro paiz de vates e oradores, fez da sua penna, sempre fortalecida da mais fina tempera literaria, a arma illustre, o florete fidalgo, a lança cavalleiresca, com que, ha quasi vinte annos, tem vindo desbravando e fecundando aquella querida terra de sonho e de heroismo. Della, mesmo no ardor das mais vehementes investidas, quando, não raro, o cavalleiro disfarçado se afunda, para repontar o capadocio original e integro, nunca se co-

nheceram excessos que abrissem chagas insanaveis nos melindres sagrados do adversario. O artista manteve sempre inconspurcada a pureza da sua arte.

Porque Balthazar Pereira—jornalista doutrinario, commentador alegre de textos capciosos, vigoroso iconoclasta de tyrannias mais ou menos elegantes, poeta satyrico, que lembra um Juvenal adoçado por Anacreonte e com applicações dos symbolos humanizados de La Fontaine, politico militante, homem de sociedade e homem de negocios—é, antes de tudo, um artista delicado. As melhores vibrações do seu espirito foram sempre vibrações do mais puro sabor artistico. E' incapaz de forjar uma satyra em calão. Tem, ainda no peior momento, quando o sangue freme de vingança diante do insulto vil, o recato superior do artista que não transige com a sua arte. Como jornalista, fez escola.

*

Filho de uma das mais antigas e nobres fa-

milias de Pernambuco, era natural que o amor do seu espirito e do seu coração se radicasse profundamente á terra do seu nascimento. Balthazar Pereira tem dado áquella terra todas as energias da sua vida. Na *Provincia*,—jornal de tradições politicas e literarias, que a maleabilidade do seu talento e a finura do seu gosto tornaram tão lida até no circulo dos proprios adversarios, — a sua actividade incansavel, durante quasi vinte annos, operou milagres, que se renovavam quotidianamente, sempre com uma feição nova, sem nunca fartar os seus leitores. Ahi, percorreu elle toda a escala do jornalismo contemporaneo, indo, triumphalmente, do artigo de fundo sobre finanças, sobre hygiene, sobre moralidade administrativa ou sobre pontos controversos de constitucionalismo, á satyra candente, viva e extensa, piparoteando diabolicamente por sobre as cabeças mais aprumadas do accacianismo besuntado de tyrannia, e, por instantes, fazendo-as rolar, desarvoradas, dentro da propria vacuidade e do proprio ridiculo. Bal-

thazar Pereira era, como geralmente se proclamava e reconhecia, a grande alma vivificadora daquelle jornal; deu-lhe toda a seiva do seu espirito; levou para elle os enthusiasmos febris da primeira mocidade, e só ha pouco, ao accumularem-se-lhe as desillusões, os cabellos brancos e a pobreza, abandonou temporariamente o antigo posto, mais, talvez, por solicitação da propria economia organica do que por arrefecimentos irresgataveis na sua fé de batalhador nativo.

Com um estylo todo seu, leve, diaphano, claro, scintillante, incisivo, inconfundivel, e uma percepção das cousas ligeira e facil, o grande jornalista pernambucano, realçado, além do mais, por uma conducta moral irreprehensivel, exerceu uma larga e legitima influencia no seu meio. A sua palavra, severa ou brincalhona, foi sempre acolhida com prazer em todas as rodas da culta capital do Norte. Havia nella a fé inextinguivel dos que combatem por uma fatalidade historica e o cunho superior de uma variada cultura litera-

ria. A vida de Balthazar Pereira, não ha negar, traça-se com duas palavras: politicamente, nasceram-lhe os primeiros dentes já quasi no ostracismo; e literariamente, se tem sido um perdulario, se ainda não quiz systematizar o seu trabalho, teve, em compensação, a fortuna de congregar em torno de si, e dirigir-lhe os primeiros passos, a toda uma brilhante geração de prosadores e poetas, que depois de 1900 sahiu do Recife para o triumpho na arte e na vida. Ao seu lado, recebendo delle, com as lições mais proveitosas, os estimulos mais desinteressados, bruniram as suas primeiras armas espiritos do porte de Celso Vieira, um dos maiores estylistas da nova geração intellectual do Brasil, cujo silencio é verdadeiramente imperdoavel num paiz onde ainda se escreve mal a lingua maravilhosa que adoptamos.

*

Houve um momento em que o infatigavel luctador, sósinho, com a sua fragil penna e a

sua bravura hellenica, synthetizou todo o esforço daquella gente em prol da sua nova emancipação politica e social. A situação dominante, acclamada de norte a sul, pela complacencia ingenua dos estranhos e pela myopia dos indifferentes, como exemplo de honestidade politica e perfeição administrativa, estendia os seus tentaculos macios por todos os ramos da actividade humana naquelle Estado, eternizando-se no poder. O desanimo invadira as hostes mais aguerridas da opposição, e as classes conservadoras, a grande força collectiva do Estado, experimentada e abatida pelos castigos medievaes, pelos tributos de sangue e de dinheiro, dobrava-se, melancolicamente, á imposição do seu destino. Muitos, acossados pela fome, e cujos serviços não podiam ser aproveitados em sua terra, emigraram, ou para esse fantastico celeiro de um novo mundo, que é o Amazonas, ou para os tormentos elegantes dessa curiosa agencia de empregos, que é a rua do Ouvidor. Balthazar Pereira, modesto, inamolgavel e viril, ficou, sósinho,

com a sua penna varonil e o seu obstinado mas consciente amor a Pernambuco. Sem desar para os raros luctadores que não desertaram, elle resumiu, em um momento, as energias civicas da sua terra. Era o centro intellectual das aspirações populares. A *Provincia*, illuminada diariamente pelo seu espirito fecundo e honesto, era a preclara columna de resistencia por onde Pernambuco respirava.

E' que a esperança, que para muitos é a felicidade, foi sempre a sua grande inspiradora. Creio que Balthazar Pereira nunca desesperou. Illuminava-o incessantemente uma fé inabalavel no destino da sua terra. Por isso, nunca a abandonou. Lembro-me que, ha menos de um anno, quando Pernambuco ainda parecia estar a um seculo do movimento que acaba de reintegral-o na Republica, pergunteilhe, na occasião de apresentar-lhe as minhas despedidas, se não pensava em applicar os restos do seu esforço em outro meio que não aquelle immenso e doloroso crepusculo oli-

garchico. Havia um sol benigno naquella já distante manhã de abril, e o gabinete de trabalho do grande jornalista repousava discretamente na claridade e doçura da sua solidão. Balthazar Pereira respondeu-me com uma firmeza serena: —Daqui não sahirei emquanto puder luctar por Pernambuco.

O luctador, que mal se esboça nestas linhas de saudação, e de quem se póde affirmar que foi, para a situação decahida, o adversario mais temivel—não se enganava: não lançou em terreno safaro a semente regeneradora. E agora, engrandecido pela esplendida victoria da causa fervorosamente advogada durante dois longos e tormentosos decennios, ahi vem como embaixador intellectual e politico da sua terra. A Camara dos Deputados, que é no Brasil, para os vivos, uma especie de pantheon nacional, ou o unico meio de que dispomos para sagrar e divulgar uma personalidade, por mais forte que ella seja, vae receber, com os novos elementos que lhe trazem promessas de sangue novo, este brilhante es-

pirito e este valoroso cidadão. Só este simples acontecimento, que para Balthazar Pereira tem apenas a vantagem de realçar a sua personalidade, nos faz pensar com alegria nos destinos da Republica, para cuja futura realidade o illustre pernambucano saberá continuar a desenvolver a prodigiosa actividade da sua clara intelligencia, servida por um caracter de antiga tempera e por um nobre e insaciavel desejo de perfeição.

1911.

RONALD DE CARVALHO

Este dilecto filho das musas, o mais novo e mais intelligente dos nossos companheiros, foi a ultima revelação de arte e de amizade, a que um destino amavel me fez consagrar as horas mais serenas, os mais doces cuidados de espirito e coração, antes de conhecer o «exilio profissional». E tão suave, bella e profunda foi a impressão que delle me ficou, que, máo grado a distancia geographica, o tempo vertiginoso, as influencias do mundo exterior, a nossa propria evolução mental e sentimental, penso nelle todos os dias, e estremeço de jubilo ao saber que o seu nome sobe de consagração entre os mais puros nomes da nossa terra. De mim, sem vangloria,

sei que não me tem esquecido.

Foi breve, mas feliz a nossa convivencia. Ainda estou a vel-o—como se fosse hontem, ao cahir da tarde, num socego de bibliotheca —com aquelle «ar de plumas e floretes que forrava o nosso ambiente de fidalguia polida e ironica piedade», aquelle ar de principe erudito, os olhos embebidos nas paizagens de sonho, a voz velludosa como um canto, as mãos aristocraticas traçando no ar as linhas invisiveis de uma esthetica, vibrante, subtil e equilibrado. Elle era ainda muito joven e já nos parecia—a mim pelo menos—o mais intelligente de todos nós: intelligente no sentido gœtheano de sabedoria; uma imaginação de artista capaz de fazer a Belleza nascer de si mesma, e uma capacidade de cultura, um espirito de selecção, uma faculdade assimiladora tão elastica, intensa e ductil ao mesmo tempo, que em sua presença nos esqueciamos, por vezes, da mocidade radiante do poeta, para ver um mestre ensinando.

Um dia, já iniciado na publicidade, elle me

appareceu, para m'os offerecer, com «os ouros, as rosas, os marfins, as cinzas» dos seus poemas. Era o seu primeiro livro, trazido de outros climas na alma adolescente, e por onde deslizavam as sombras silenciosas dos canaes de Bruges a morta. Por esse tempo, o delicado Rodenbach era o inspirador distante de uma especie de «brumismo» literario que teimava por se accommodar sob o tropico. Fóra dos circulos dos amigos e companheiros de cruzada artistica, o livro de Ronald de Carvalho foi recebido com um sorriso melancolico. Na critica indigena, os mais complacentes não quizeram ver nelle mais do que uma proeza sonora de menino prodigio. Mas, nesta nacional maneira de julgar, que tem sido nociva para muitos estreantes, estava, desta vez, implicitamente traçado um alto vaticinio. O novo poeta, se não se offendera com a indifferença da maioria, tampouco se dera por satisfeito com as affirmações extremamente lisongeiras, que só servem para consolar, na velhice, a tristeza dos genios fracassados.

A seguir—e sem olvidar a poesia, antes consagrando-lhe as mais activas das suas energias creadoras—Ronald de Carvalho ensaiava-se na prosa, como critico impressionista de livros, marmores e telas. Ainda ahi trahia um pensamento puramento occidental, se bem que na fórma, no brilho e movimento da linguagem, denunciasse o seu sentimento de brasileiro. Elle tinha ainda na alma, nos sentidos, a visão fascinante do mundo artistico europeu, desde os marmores heroicos que afagam as brisas do mar latino até á alegre formosura de uma vindima na Bretanha. Não era em vão que a sua adolescencia o surprehendera ás margens do rio Sena, da linha incomparavel do Louvre ás sombras pensativas do Luxemburgo; e que entre os muros de Versalhes a contemplação de tanta belleza accumulada, se lhe servira de lição politica, tambem o inclinara a perdoar a realeza, pelo esplendor de que havia sabido cercar-se. Talvez o espectaculo da vulgaridade em nossa terra, ferindo-lhe a sensibilidade, tornasse

mais frisante e intoleravel o contraste, e o levasse a buscar o seu filão de arte na evocação daquella grandeza passada.

Uma cousa, porém, o separava da maioria dos jovens escriptores e artistas viajados, e era que nos seus ensaios não havia sómente luxo de erudição. Naturalmente, a sua prosa resentia-se então de certa pompa, como um manto de santa que um exaltado sentimento religioso fizesse recamar de pedrarias preciosas. O seu estylo, o seu pensar, a sua attitude em face da vida nova, da verdadeira vida que para elle começava, davam já a conhecer ponderação e equilibrio, acuidade e gosto, apesar do intenso subjectivismo dos seus primeiros poemas. Se, por um lado,um vago idéalismo velava o seu pensamento, por outro lado, o estudo, a meditação, o contacto das realidades operavam nelle uma lenta, mas segura transformação de valores mentaes.

*

Foi então que nos separamos. Mas, espiritualmente, não nos perdemos de vista. As suas cartas, de quando em quando, eram a lembrança mais cara que me chegava da patria longinqua. E um dia, passados dois annos, quando a primavera me despertava do silencio hibernal com caricias de luz, verduras tenras e melodias sentimentaes, eis que o seu mais bello sorriso me vinha por meio do amigo ausente.

Era o prazer que me proporcionava a leitura do seu estudo sobre Dante. Com que legitimo orgulho eu via accentuarem-se as nobres tendencias do seu espirito na interpretação, em portuguez crystalino, da chamada «voz de dez seculos», o poeta-heróe de Carlyle! Depois, era o ensaio magnifico sobre Anatole France e a ironia contemporanea. Ronald de Carvalho, ainda seduzido pela cultura européa, definia-se, emfim, como escriptor. E o criterio universalista dos seus estudos, longe de in-

compatibilizal-o com os nossos problemas regionaes, como poderia parecer a julgadores apressados, era, ao contrario, uma garantia de exito para futuros emprehendimentos, como elle não tardaria em demonstrar.

Ao apparecer o seu livro *Poemas e Sonetos*, coroado pela Academia, a evolução da sua arte é já evidente. Através dessas paginas, onde a «Belleza silenciosa» se compraz na adoração de mundos interiores, e onde as tintas e os bronzes dos museus, as sombras e os repuchos dos parques enluarados, e as filas melancolicas dos choupos solitarios ainda exercem o seu encanto irresistivel; através dessas paginas, sente-se já, nos ventos do oceano largo, um ésto de floresta virgem. O poeta começa a sentir a poesia das nossas montanhas, não para endeosal-as como um adorno inutil ou perigoso, mas para penetrar-lhes o mysterio ardente e fecundo.

Verdadeiramente, a natureza brasileira, que é «uma pagina inedita do genesis», ainda não encontrou o seu poeta. No dia em que o feliz

predestinado—com uma orientação esthetica segura, com bastante genio e equilibrio nos seus surtos, nas suas evocações, numa perfeita disseminação pantheistica por essas montanhas e florestas de imprevista maravilha, conseguir apprehender e vasar em estrophes masculas e serenas o mysterio que lateja nessas aguas profundas, nesses rochedos orgiacos, nessas selvas delirantes—nesse remoto dia terá elle composto o poema americano. Porque, emquanto a paizagem que se vislumbra através da nossa arte escripta outra cousa não lembrar senão as nuanças, uma copia vaga da paizagem de além-mar, essa natureza magnifica, que é decerto o resumo épico da natureza americana, permanecerá na ausencia do seu vate legitimo, do seu noivo afortunado, continuando, porém, a receber, com impassibilidade granitica, as apostrophes vasias que lhe declamam, periodicamente, os seus incontaveis perlustradores.

Ronald de Carvalho dirige para ella os seus primeiros passos. Eis, na *Allegoria da ma-*

nhã, a sua primeira offerenda:

«Terra cheia de luz, para o teu esplendor
Ergo as mãos, num tremor de desejo e de gloria!
E na paz de um jardim mysterioso e pagão,
Onde passeia o sol como um velho pintor,
Numa ingenua canção dou-te a minha memoria,
E num beijo aromal, dou-te o meu coração.»

Depois, em *Maio ridente*, quando «as manhãs são mais leves e finas, e o céo é mais azul, e a agua mais transparente», adivinha-se uma especie de auto-convite:

«Cada canto de terra, onde vão, rumorosas,
As abelhas de braza, é um jardim! Cada galho
Uma festa aromal de cravos e de rosas,
E em cada flor reluz uma joia de orvalho!

Estrangeiro! vem ver estas florestas densas,
Onde, pelos grotões e pelas crespas mattas,
Ha columnas de bronze e cupolas immensas,
E um continuo tropel sonoro de cascatas.»

Por fim, em *Deante da vida*, alça-se triumphalmente o canto pantheista, que o espectaculo da grande natureza lhe suggere, num symbolo sagrado em que tudo se move e se funde, a dôr silenciosa do poeta e a alma sonora das nascentes, os fructos saborosos e

os pensamentos amadurecidos:

«Entre ondas voluptuosas de verdura
A floresta levanta os braços fortes,
Braços que estão, vergados, rebentando
Em flores vivas, em plumagens fartas,
E em fructos saborosos, que são como
Os pensamentos amadurecidos
Que sobem da humidade das raizes
Para o esplendor das frondes constelladas!

Tudo se move num rumor confuso:
Folhas e caules, sebes, trepadeiras;
Rios, que o sol escalda, e onde fulguram,
Entre rubros clarões de labaredas,
Joias, punhaes de fogo e espadas de aço;
Campos, que o vento agita e a luz transforma
Em mares empolados, onde rolam
Vagalhões de esmeraldas e safiras.»

Temos, assim, um poeta novo, de cultura universal, que sente e procura interpretar a immensa poesia da nossa indomada natureza, sem particularismos, sem plebeismos, sem idyllios ao pé das bananeiras, nem suspiros de sabiás. Porque, no entender de muita gente, ninguem póde ser poeta genuinamente brasileiro sem sacrificar á vulgaridade. Se a torre de marfim dos poetas não tivesse já perdido muito do seu prestigio com a invasão da mul-

tidão de incomprehendidos, Ronald de Carvalho, como outros, provaria que, sem sahir della, tambem se póde ser poeta nacional.

*

Mas o que, sobretudo, lhe dá direito a um applauso maior, é o seu nobilissimo trabalho de historiador e critico da nossa literatura. Não me cabe, certamente, e seria ocioso sequer tental-o, a tarefa de apreciar a sua *Historia da Literatura Brasileira*. Ella foi recebida com as honras que lhe eram devidas, e permanecerá nas nossas letras como um monumento airoso e forte. Desejo apenas congratular-me com o autor, pelo triumpho em que apparecem unidos, perfeitamente identificados, o seu e o nome do nosso paiz.

E não resisto a recordar aqui certa affirmação. Permitti-me dizer uma vez, com a maior singeleza, que no Brasil não se conhece devidamente a historia patria, não tanto porque o paiz não saiba ler, mas, principalmente, porque ainda não appareceu o predestinado que

soubesse escrevel-a. E' possivel que me enganasse. Essa affirmação, que não era uma simples *boutade*, valeu-me, decerto, alguns remoques; teve, porém, a sorte de ser acolhida e considerada por um dos nossos mais honestos e saudaveis escriptores, conhecido, aliás, por seu criterio amplamente optimista das nossas cousas.

Restringindo-a, agora, ao dominio da historia literaria, que é, naturalmente, uma das mais interessantes ramificações da nossa historia, observo que o livro de Ronald de Carvalho veio dar-me, de facto, alguma razão. Sem desdenhar da obra colossal dos seus predecessores—que foram, por assim dizer, os bandeirantes desse genero da nossa cultura, os desbravadores e fecundadores da nossa intrincada selva intellectual — assignala um dos mais autorizados criticos do joven historiador esta sua primeira originalidade: «entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional, é o primeiro que sabe escrever.»

E' que elle não possue sómente um estylo

«simples, claro, harmonioso.» Este predicado, realmente notavel entre nós, seria, por si só, insufficiente para grangear-lhe tão merecido louvor, se não tivesse por origem e apoio uma cultura de fundo humanista, larga, generosa, universal, uma visão mais dilatada e serena dos nossos destinos. Nem o «virus» polemista de uns, nem o dogmatismo literario de outros se notam, mesmo de longe, em Ronald de Carvalho, que, aliás, «não pôde, como ninguem poderá, esquecer a sua equação pessoal.» E assim, alargando-lhe os quadros e as perspectivas, imprimindo-lhe um aspecto mais humano que propriamente mental, elle nos deu uma grande synthese da nossa evolução intellectual.

Poeta, historiador e critico, este dilecto filho das musas foi, para mim, na minha patria, a ultima revelação de arte e de amizade, a que um destino amavel me fez consagrar os mais doces cuidados de espirito e coração. Devo-lhe horas de recolhimento e doçura. E ao vel-o, de longe, marchar para o templo

onde se consagram os luctadores do Idéal, dedico-lhe esta humilde offerenda, já que não posso beijar-lhe as mãos enternecidamente.

1921.

GLORIAS EXTINCTAS

ROOSEVELT

Esta pagina, escripta e publicada em 1913, é agora reproduzida neste logar como pequena homenagem á memoria do homem singular que a inspirou. De então para cá um grande drama convulsionou o mundo civilizado. A morte impediu que o incansavel luctador assistisse ao desenlace da tragedia sem igual. Mas no occaso desta vida interessante ha um resplandor de martyrio: alliado da primeira hora, quando o seu paiz ainda era officialmente neutro, elle deu á causa da justiça o sangue do seu sangue: tres de seus filhos, seguindo-lhe a palavra conclamadora, tombaram, como voluntarios, um morto e dois feridos, nos campos sagrados de França. O caso póde não ter uma importancia excepcional diante das muitas abnegações que a guerra produziu, ao lado de tanta acção execravel; mas é um remate digno de uma existencia de luctas.

A passagem do sr. Theodoro Roosevelt pelo Brasil foi um acontecimento tão excepcional, que não serviu apenas, como é commum aqui em casos analogos, para destacar, com as louçanias do costume, as excellencias do

nosso temperamento hospitaleiro. Este, como estava previsto, requintou em mimos de uma tal expressão glorificadora, que, apesar de renovados periodicamente, creio que desta vez ainda a ninguem saciaram e muito menos perderam em continuidade e bravura.

Deus assim nos haja por seculos e seculos, e graças lhe rendamos pela collaboração deslumbradora que, em taes emergencias internacionaes, patrioticamente nos prestam o altivo Corcovado, a edenica Tijuca e o crasso Pão de Assucar, cuja benemerencia suppre, a despeito da Avenida, as lacunas da nossa civilização adolescente.

O sr. Roosevelt, que é um dos homens mais curiosos do seu tempo, teve sobretudo a vantagem de despertar uma vasta curiosidade intellectual num paiz que precisamente não conta essa virtude illustre entre os seus dons primaciaes. Publicistas em evidencia, lerdos uns, ardegos outros, cathedraticos estes, irreverentes aquelles—todos se empenharam na tarefa superior de fixar a figura moral e intellec-

tual do infatigavel estadista em verdadeiros flagrantes da sua psychologia vertiginosa. Foi um esforço grandemente salutar para a cultura brasileira, por isso que conseguiu desviar, por alguns dias, do terreno dos interesses regionaes para o dos altos problemas humanos, isto é, de Itajubá para o Mundo, a nossa visão politica.

Deus assim nos conserve e nos aprimore a escassa fibra de pensadores incipientes, com esse bello ardor que só a mocidade sabe levar ás luctas espirituaes, e que é tão necessario ao triumpho definivo da razão como o raio de sol de que nascem igualmente flor e fructo.

*

Do sr. Roosevelt já se disse tudo para que o seu vulto se grave, dominadoramente, em nós que o queremos e admiramos. De cabotino trefego a archetypo da democracia americana, a perspicacia indigena fel-o percorrer toda a escala de definições. O sr. Roosevelt figura em todas as *vitrines*, com valores des-

iguaes, ao alcance de todos os espiritos. E esses contrastes, é sabido, só os inspiram e alimentam as indoles oceanicas, os *meneurs d'hommes,* as intelligencias centraes.

De uma individualidade assim victoriosamente discutida e affirmada, nada se póde dizer que já não tenha sido repetido. O sr. Roosevelt, filho de um paiz novo e forte, com todas as audacias da idade e todas as irregularidades da força exuberante, é o caso mais recente de integração das energias da sua raça, das suas virtudes, dos seus defeitos, das suas aspirações, dos seus destinos. A America do Norte está toda nelle, num resumo perfeito. O mesmo impeto varonil e racional para vencer os obstaculos, a mesma prodigiosa capacidade de acção, o mesmo desejo de expansão illimitada, a mesma apologia da resistencia physica e da bravura moral, o mesmo fundo idéalista, a mesma religiosidade no pensamento; um pouco de operario, um pouco de campeão, um pouco de sacerdote, um pouco de aventureiro; a mesma violencia infantil e o mesmo

ardente puritanismo, tudo isso que compõe e impulsiona e salienta o caracter norte-americano, está gloriosamente symbolizado na pessoa do sr. Roosevelt, em que ha tanto do moralista como do explorador, tanto de Washington como de Rockefeller. Filho da multidão mais caracteristicamente democratica, talhado para acompanhar e obedecer ás evoluções do sentimento popular, no fundo desta natureza de contrastes subsiste o feroz individualista, que aconselha o culto da personalidade, e que Emerson, individualista de outro genero, queria para personificação das democracias contemporaneas.

Estadista, escriptor, pacifista, evangelizador politico, explorador de sertões, o sr. Roosevelt é em tudo norte-americano, isto é, imprime a todos os ramos de actividade as alegrias da sua saude leonina e as razões da sua força victoriosa. E, em que pese á nossa indole sentimental, não será novidade avançar que este homem, que dignifica a especie, levou para a presidencia dos Estados Unidos, in-

conscientemente talvez, o darwinismo applicado á vida das nações.

O sr. Roosevelt não podia deixar de ser imperialista. Apenas, o seu imperialismo se distancia da doutrina commum, não só pelos meios de realização como porque visa o bem da humanidade, o aperfeiçoamento da especie. Não é, por exemplo, o imperialismo inglez (de que, aliás, descende em linha recta), que se insinua aos poucos, friamente, conquistando, palmo a palmo, hoje uma colonia barbara, amanhã uma nação historica, que sirvam de mercado para as suas industrias e ao mesmo tempo accrescentem o seu prestigio no decantado equilibrio europeu. Não. Elle é uma resultante do excesso de energia que caracteriza o povo norte-americano, e quando se expande é abertamente, sem reservas, sem hypocrisias, audaz e cavalleiresco, nitido, directo, com a cabeça erguida, falando alto. A abertura do Canal do Panamá, a que estão ligados verdadeiros interesses humanos, prova-o brilhantemente, apesar dos interesses ou direitos parti-

culares que feriu.

Temperamento de acção, o sr. Roosevelt não conhece o repouso. Durante a sua presidencia, que se notabilizou por muitos actos internos e internacionaes, elle ainda tinha tempo de pronunciar quasi tresentos e sessenta discursos por anno, nos quaes havia sempre grande somma de idéas praticas. Finda a sua missão, foi ás caçadas africanas e de lá redigiu correspondencias para os jornaes do seu paiz, inventando assim um emprego, nada commodo, é verdade, mas altamente pittoresco, para os presidentes que terminam o mandato. Depois, andou pela Europa, onde, com o mesmo estouvamento moço, um pouco turbulento, e a mesma fé de batalhador nativo, divertiu os scepticos da concordia internacional, evangelizando em politica para os estadistas encanecidos do *Foreign Office*, do *Quai d'Orsay* e da *Wilhelmstrasse*. Voltando á sua patria, fez-se novamente candidato á presidencia da Republica e, como a America do Norte é uma terra de opinião, subiu, na defesa da sua can-

didatura, á tribuna das conferencias: ahi recebeu um tiro, que só serviu para augmentar-lhe o vigor combativo. Vencido nessa campanha, em que teve por adversario a um homem como o sr. Wilson, fez constar, creio eu, que era candidato ao throno vago da Albania; mas, como os horizontes balkanicos se tornassem indefinidamente impenetraveis, eil-o que aporta ao Brasil numa radiante manhã de primavera, para examinar de perto as nossas brenhas e os nossos apinagés, trazendo-nos palavras, não de estrangeiro, mas de irmão que andasse longe da casa paterna aperfeiçoando-se e agora voltasse com os conselhos da experiencia e as effusões da saudade...

*

Nos paizes de inconcebivel scepticismo incipiente, como o Brasil, os inertes, os pacatos, os fatalistas, chamam a isto—cabotinismo... Santo cabotinismo, esse, que, com a mesma simplicidade com que no seu gabinete presidencial firma a paz entre a Russia e o Japão,

mata um leão no centro d'Africa!

Ah! permitta Deus que esse cabotinismo itinerante produza entre nós, e para nós, um milagre elementar e urgente: a reacção do bom senso!

PINHEIRO MACHADO

Pinheiro Machado era uma figura de tragedia. Faltou-lhe, por ventura, ambiente, como elle proprio o desejara, através de algumas das suas ultimas palavras, para o desenlace tragico da sua vida. Uma punhalada pelas costas, vibrada tranquillamente no saguão quasi deserto de um hotel cosmopolita, onde o grande luctador cedia o passo, por momentos, ao homem de sociedade, não era, certamente, a morte appetecida por esta existencia singular. Havia, na ante-visão do seu fim, o desejo nitido de um scenario condigno: ou o arremesso bellicoso, no desimpedido flammejante das campanhas, ou o sombrio esplendor do senado romano, com a tunica de Cesar recebendo,

sem uma dobra de pudor ou de covardia, todos os golpes do destino, ao envez de velar, no derradeiro instante, a face varonil, divinizada pelo soffrimento sem remedio, do mais perfeito dos heróes.

Faltou-lhe scenario. E, no ultimo momento, elle devia ter tido, num relampago de dôr, a consciencia deste fracasso. A palavra terrivel com que elle, ao cahir, fulminou o adversario desigual—«apunhalaste-me, canalha!»—exprime bem o maior, talvez o unico desespero desta figura de tragedia, tão viva, tão original, tão primitiva, como as que Shakespeare arrancou, ainda sangrando, da vida para o seu mundo de symbolos eternos. Digo—talvez o unico desespero—porque, temperamento de acção, nunca, decerto, Pinheiro Machado desesperou. Napoleão, na primeira manhã do seu desterro em Santa Helena, acordou com a mesma alma ingenua de heróe, capaz de emprehender novas campanhas. E' das indoles oceanicas o movimento ininterrupto.

*

No meio em que agiu, e, sobretudo, no momento politico e social para que concorrera, como chefe de partido, e pelo qual foi vencido, caracterizados por um personalismo ao mesmo tempo cynico e grotesco, Pinheiro Machado era, pelo menos, uma attitude capaz de impressionar ou de interessar a um espirito sensivel: impunha-se, antes de tudo, aos olhos de um contemplador sereno, pelo que havia nella de innegavelmente bello. O observador imparcial poderia descobrir neste meio e neste momento symptomas alarmantes de dissolução irremediavel, quando o que parece mais certo é que nos achamos em face de um abandono temporario das verdadeiras forças directoras da alma collectiva, um deserto de idéas generosas, propicio á effervescencia de paixões nocivas, mas passageiras. Como quer que seja, o observador desapaixonado, sem compromissos inconfessaveis, claro de intelligencia e limpo de coração, que não confunda ele-

gancia d'alma com cynismo diplomatico, que tenha tomado chá em pequeno, mas em cuja consciencia haja o necessario respeito pela consciencia alheia—esse annotador caridoso não póde deixar de se alarmar com o espectaculo das realidades que nos cercam, por maior que seja a sua natural indulgencia, sempre vigilante em attenuar os altos e baixos da nossa vida em conjunto.

E', na verdade, um espectaculo ao mesmo tempo triste e inquietador o que ora se nos offerece á visão fatigada nesta inclemencia do tropico. Com uma natureza hostil—por sua monstruosa exuberancia—que nos imcompatibiliza, de nascença, para as santas alegrias do trabalho e nos aggrava a myopia na justa apprehensão dos mais vulgares phenomenos brasileiros, os aspectos moraes da nossa vida, agora tão discutidos, perdem sempre em significação collectiva, em expressão de unidade nacional, o que ganham em extensão criminosa, em furia progressiva, os casos individuaes, sem filiação historica no passado, sem utilida-

de publica no presente, sem proveitosa projecção no futuro.

O Brasil, hoje em dia, é uma terra, por excellencia, de «casos». Tudo aqui degenera em «caso», seja uma simples sentença do Supremo Tribunal ou uma periodica façanha de cangaceiros politicos, seja a reproducção enfadonha de uma bandalheira administrativa ou um exemplo commum de senilidade amorosa. De tudo se faz uma larga, uma fecunda, uma exhaustiva discussão. E não será para escandalizar que amanhã a imprensa publique e commente, com alvoroços patrioticos e comburencias lyricas, o rol de roupas sujas dos senadores da Republica, de envolta com as lições pacientes e desaproveitadas dos nossos constitucionalistas e os graves e prudentes conselhos dos nossos banqueiros londrinos.

Não se procure, porém, através desta celeuma permanente, da ininterrupta successão desses «casos», comicos ou tragicos, vulgares ou expressivos, a chamada alma nacional. Esta, coitada, ninguem a ouve, nem sabe onde

paira e muito menos o que deseja. E' o que se póde chamar uma alma do outro mundo, porque, no meio de tamanha confusão, escapa á experiencia sensivel. Não existe, quasi. E não existe, como organismo vivo e racional, porque, quando muito, é ainda uma somnambula —nebulosa invisivel, distante, vagabunda, ameaçadora, de que tanto póde sahir um mundo como um monturo. De resto, para que exista uma alma nacional, immanente, centralizadora e ao mesmo tempo irradiadora de energias, superposta ás contingencias da absorvente expansão universal contemporanea, é mister que haja orientação nacional, caracter, unidade, cohesão, sequencia, continuidade historica, disciplina na cultura, numa palavra —idéal. E' no fogo sagrado deste sagrado logar commum que se temperam os povos, salvo aquelles que já nasceram insusceptiveis de aperfeiçoamento, como não é precisamente o nosso caso.

Qual o idéal que conduz actualmente a alma brasileira? E' sabido que esta pobre abstrac-

ção collectiva elegeu para seu guia supremo o arrivismo pessoal. Eis o seu unico idéal, inscripto nas bandeiras esfarrapadas dos seus partidos, omittido entre os artigos platonicos dos seus codigos. Phenomeno essencialmente americano, que as democracias subitaneas exaggeram, no arrivismo, aliás, não só ha muito de nobreza e heroicidade, pelos exemplos salutares que póde offerecer o esforço isolado do individuo, como está consagrada a propria lei scientifica de selecção natural. E' o darwinismo applicado á sociologia. Num meio liberto de castas seculares e dominadoras, improductivas, parasytarias, é o campo aberto a todas as ambições nobilitantes, a todas as legitimas e uteis capacidades de trabalho. Aquí, porém, pelo menos nos ultimos tempos, o arrivismo tomou a feição mais grosseira e perigosa: não é só o paraiso da incompetencia, é tambem a glorificação da canalha.

Como que desappareceram as mais elementares noções de moralidade e compostura. O arrivismo tomou, entre nós, a fórma de delirio

collectivo. Ha por todos os animos, mesmo os mais refractarios aos successos prematuros, uma pressa infernal de chegar e vencer. Chegar, a todo transe. Vencer, custe o que custar. E como o triumpho, ao menos segundo o entendem as impaciencias febris da nova geração, só na politica é que facilmente e impunemente se obtem, todos se precipitam na politica. Esta insaciavel concubina, verdadeira esposa da multidão, ahi está, devoradoramente, a consumir mocidades, dedicações, enthusiasmos, e a vomitar, ruidosamente, as mais respeitaveis reputações de enxovia.

Por exemplo, o ultimo Congresso da Republica, encerrado em dezembro de 1914, como indice de uma phase da existencia de um povo livre, que se quer dirigir por si, é positivamente alarmante. Foi assim que assistimos, ora com tristeza, ora com indignação, ora a estourar de riso, a varios casos fulminantes produzidos pela vertigem das alturas. Eram exemplares rebarbativos da fauna republicana, variegada e faminta, que o ultimo vendaval

politico, revelando-os á nação bestificada, deixara estonteados com a propria investidura. O historiador que passar sobre esse triste periodo da nossa vida legislativa, não encontrará esterilidade maior nem mais ausencia de compostura moral numa corporação de tanta influencia nos destinos da nação. Essa legislatura, oriunda de uma fermentação revolucionaria que se impoz, não tanto pela força dos seus iniciadores, mas, principalmente, pela covardia das suas victimas, teve a sorte dos fructos que nascem podres. Falhou em todos os sentidos. Diminuiu tudo em que tocou. Não serviu apenas para rebaixar o nivel intellectual do nosso parlamento: contaminou a sociedade, esporeada por ambições vertiginosas, da sua manifesta, evidente, alardeada falta de escrupulos. Assignalou-a, em summa, uma especie de suppressão de caracteres energicos, de sentimentos viris, e foi quasi uma bestificação da intelligencia e do bom senso.

Tres annos de rhetorica, de chateza, de subserviencia, de cynismo impavido, de arro-

gancia imbecil, de capadoçagem virulenta! Se se exceptuar um ou outro estudo isolado, o esforço quasi desilludido, sem repercussão immediata, de um solitario, como o sr. Carlos Peixoto, que é todo distincção, sobriedade e bom senso; se se não reviver a eloquencia prophetica do sr. Ruy Barbosa, que teve, muitas vezes, para a alma combalida da nação, o effeito das injecções de oleo camphorado num corpo agonizante—o que é que fica da acção perturbadora desses temperamentos antagonicos, uns scepticos, outros incultos, rarissimos luminosos, muitos opacos, estes inertes, aquelles esfusiantes, aquell'outros fundibularios? Fica, em geral, a impressão de que esse Congresso era talvez a unica collectividade politica que menos confiança devia transmittir aos seus concidadãos. Ninguem lhe bateria á porta sem arriscar, pelo menos, grande parte do seu patrimonio moral.

Momentos houve em que a impressão de um naufragio total chegou a ser perfeita. A tal ponto descera o nivel das consciencias com-

muns que se veio a reputar como expressão da felicidade, do saber, da gloria, da perfeição, o typo do deputado brasileiro... Não se comprehenderia um homem completo sem ser deputado no Brasil... em detrimento dos brasileiros que procuram no trabalho improbo e na verdadeira cultura nacional o caminho da perfeição. Todos se lembram do prolongado côro de applausos, do espanto enternecido e estrepitoso, e tambem do desapontamento irreprimivel, que envolveram a pessoa de Pinheiro Machado, quando elle, da tribuna do Senado, se proclamou um homem de probidade individual. Era assombroso. Tocava ao pathetico. Numa palavra: foi desse Congresso que sahiu, para ter curso em todas as rodas e exprimir o estado da alma brasileira no momento, o neologismo repugnante que equipara os homens ás femeas leiteiras dos estabulos, fecundas, pacientes, inoffensivas, e talvez offendidas com essa equiparação.

Nem uma idéa util, nem uma visão de estadista, nem um plano de trabalho, nem sequer

uma promessa de melhores dias nos legou esse gremio de fallidos. Se tentativas houve no sentido de encaminhar a acção do nosso parlamento de accordo com as nossas necessidades e aspirações, ninguem viu as bellas intelligencias do paiz, o expoente da sua mentalidade parlamentar sobresahir nesse gesto de affirmação nacional, tamanha era a algazarra partidaria, a discurseira sem grammatica, o delirar da incompetencia, a voracidade dos appetites, o conluio de todos os irresponsaveis, a conspiração de todas as immunidades!

Assaltou-nos, de vez, a ambição politica, rendosa e sem trabalho; e as nossas ambições tumultuarias transformaram o idéal politico do paiz numa especie de capadoçagem delirante. Antigamente, desde os homens magistraes da Independencia e da Regencia, politica era, neste paiz, escola de civismo. Hoje, graças ás subitaneidades do regimen republicano, é a glorificação da tripa forra. Então, os estadistas surgiam do apostolado das idéas e galgavam as eminencias depois de longo ti-

rocinio na vida publica. Agora, elles se improvizam na desordem e chegam, muitas vezes, aos logares de maiores responsabilidades technicas, virginalmente incultos, contando apenas com os recursos peculiares á imaginação latina. Joaquim Nabuco, que, além do mais, tinha pae alcaide, ao sahir laureado da Academia, foi iniciar a sua carreira como addido de legação. Na idade do automovel, que nos felicita, mancebos, que mal tiveram tempo de aprender a ler por cima, querem, geralmente, estrear como deputados, quando não subir logo para os ministerios. Rio Branco, antes de reconstruir geographica e historicamente o paiz, passou a maior parte da sua vida a pesquizar e estudar em archivos e bibliothecas da Europa. Hoje, de um pulo e numa apotheose mirabolante, o tenentismo sáe das fileiras para os postos de commando...

Dahi, o espectaculo de desorganização geral, tanto nos negocios publicos como nos costumes. Só uma questão nos interessa e reclama o nosso cuidado, visto que é a musa

inspiradora das nossas conveniencias particulares: a questão politica.

*

Neste meio e neste momento de confusão e tristeza, Pinheiro Machado tinha e conservava a alma ingenua dos grandes luctadores de vocação. Era uma força incoercivel, um movimento inconsciente, avultando e dominando, sobretudo, pela estagnação do meio em que se desenvolveu. A acção, nelle, caracterizava-se por uma especie de patriotismo e de republicanismo quasi delirantes. Era um patriota numa terra ou numa época de *blasés*. Era dos poucos, dos raros que na familia politica tomam o paiz a serio. Muita gente, sem duvida, não deixa de tomar o paiz a serio; mas toma-o a seu modo, commodamente, opportunamente, sem maiores sacrificios, através de palestras anodynas ou de arengas salvadoras. Elle, porém, era o patriotismo em acção, orientado para o mal ou para o bem, é discutivel, mas patriotismo em acção jámais descontinuada.

Assim, não podia deixar de trazer em continua irritação uma terra sem idéaes e sem outros interesses que não sejam os que asseguram a conservação individual. E, por mais paradoxal que isto pareça, não era dos campos oppostos do partidarismo politico, mas da grande massa dos indifferentes, que se lhe movia a maior hostilidade, a mais activa, a que o perdeu.

Em torno do seu nome rugia, incessantemente, um intenso clamor feito de applausos e de apodos. Por que? Póde-se comprehendel-o; justifical-o, nunca. Para comprehendel-o, basta considerar que as causas desse phenomeno, tão simples e logicas, estavam naturalmente, mesmo que as descurem os nossos panegyristas de momento ou as deturpem os nossos verrineiros profissionaes, na razão unica da sua força. Para justifical-o, seria mister admittir, o que parece impossivel, que só elle tinha, alimentava e impunha uma opinião no Brasil.

No meio incolor e vacillante em que se agita

e se esbate e se annulla a farandulagem irrequieta dos nossos estadistas de avenida, este homem se destacava pela sua tradicional dedicação aos chamados principios republicanos, pelo seu esforço em prol da organização do Poder nesta nossa indisciplinada terra de «subitaneidades transformadoras», pela sua inexcedivel coragem civica, pelo desassombro no assumir a responsabilidade dos seus actos, ainda os mais violentos, num regimen de irresponsabilidade generalizada como o nosso, pela sua combatividade serena e formidavel, e, principalmente, pelas suas raras e inilludiveis qualidades de commando. Porque Pinheiro Machado nasceu para commandar. A sua linha era a linha pura, energica, inteiriça, dos grandes dominadores.

O contraste permanente que esta figura de excepção offerecia na massa confusa e incaracteristica dos seus contemporaneos, era a razão mais segura para aquilitar do seu valor. Nenhum homem politico foi na Republica mais louvado e discutido, mais affirmado e

negado, mais prestigiado e combatido, do que elle. Os elogios, que eram muitos, e de cuja sinceridade não é licito agora duvidar, não raro tocavam pelas alturas hellenicas das apotheoses; e as censuras, que sempre foram em maior numero, e cujo ardor jámais arrefeceu, não poucas vezes raiavam pelas aggressões mais apaixonadas. Ora, do acceso, do vehemente, do quasi irreflectido dessas opiniões extremadas, é claro que resaltava, com um relevo singular e consolador para a nossa historia, a sua incontestavel valia. Os meios termos de humilhante complacencia, as meias tintas indecisas em que a covardia social, embora louvando, costuma disfarçar as suas restricções mentaes, é que se não compraziam com o feitio deste expoente raro da nossa minguada cultura civica. Quando se o elogiava, dava-se-lhe todo o elogio; quando se o atacava, ia-se até ao insulto. Dessa exaltação de paixões surgia a sua figura cada vez mais limpida e inteiriça.

Um dos traços mais caracteristicos da supe-

rioridade deste energico varão era a faculdade que elle tinha de fazer proselytos. Em torno delle enxameavam, no meio de ambições nem sempre confessaveis, dedicações expontaneas, que a sua bravura moral e a sua bondade crespa sabiam conservar tanto nos dias felizes como através de adversidades momentaneas. Era um centro de resistencia nacional, em que se iam apoiar muitas vontades sem rumo. Essa qualidade rara de inspirar e mantar fortes correntes de proselytismo, por si só bastaria para justificar o seu prestigio nas luctas exasperantes da politica brasileira. Os seus inimigos, que talvez nem soubessem por que o eram, descobriam constantemente nas suas palavras, nos seus actos, nas suas attitudes, toda a sorte de erros e prejuizos para os costumes politicos da nação. Faziam-n'o, muitas vezes, responsavel unico por todos os deslizes de uma situação. Sabiam-n'o com hombros de gigante, e, sem exame, sem trabalho, sem lealdade mesmo, atiravam-lhe para cima o peso morto em que se fundem

todos os vicios da massa anonyma.

Com este politico se observava ainda uma cousa extremamente curiosa. De vez em quando, armava-se contra o seu prestigio, nos porões do nosso barco politico, um movimento surdo de exterminio. Trabalhavam, subterraneamente, as invisiveis hostes demolidoras, e a quéda do Hercules se annunciava nos meios sorrisos satanicos que precedem os gritos desejados da victoria. Alguns amigos, com surpreza e pavor, chegavam mesmo a debandar. Mas a onda passava, e o seu prestigio se reaffirmava com um vigor mais limpido e tranquillo. E, o que é mais, na hora de maior perigo, quando os elementos se chocavam em verdadeira crise e a tempestade arrastava os homens e as suas ambições, era á sua sombra larga e firme que se iam acolher, não só aquelles que a elle estavam ligados pelo espirito ou pelo coração, por sentimentos partidarios ou por meros interesses pessoaes, mas os seus proprios inimigos, que ainda na vespera o combatiam.

Sabe-se que os artistas da Renascença, quando pintavam o diluvio, collocavam, numa promiscuidade niveladora, em redor da ultima montanha ainda não vencida pelas aguas, os animaes de instinctos mais irreconciliavelmente oppostos, as pombas e os chacaes, os lobos e os cordeiros, as féras mais carnivoras e as aves mais innocentes, como um consolo ou uma lição. Era o instincto de solidariedade que, em face do supremo perigo, a todos irmanava e reunia na «partilha da dôr». O symbolo adapta-se perfeitamente a este grande luctador. Os homens, trabalhados por continuas crises, appellavam para elle no peor momento; e a Republica, conduzida atabalhoadamente pelos homens, sabia que tinha nelle o seu melhor apoio. Elle era uma columna de resistencia nacional, apesar dos seus e dos erros alheios, que se reflectiam na sua pessoa com os perigos inevitaveis de um desdobramento da personalidade.

Tenho para mim que num paiz culto, organizado, consciente dos seus destinos, que, pa-

ra se deixar governar, exige primeiramente dos politicos idéas praticas, planos de governo, saber conciso, cultura seleccionada, Pinheiro Machado, com as suas poderosas qualidades devidamente aproveitadas, seria um grande estadista. Num paiz ou numa época de badamecos, como a em que vivemos, elle não podia ser mais do que foi: um domador de vontades hesitantes. Não foi, precisamente, um caudilho, no sentido e como se repete na imprensa e na tribuna, todos os dias: para isso, faltou-lhe, além de scenario, inimigos serios a combater—elementos que elle decerto ambicionara para cumprir, integralmente, o destino tragico da sua vida.

1915.

WILSON

Um jornalista europeu, de caracterização difficil, pois, nas suas chronicas postaes e telegraphicas, ora esfusia um humorismo macabro, de origem plebéa, ora se velam os conceitos com uma especie de ironia rebuscada e sybilina, ora se disfarça em tregeitos lastimosos o vago odio de uma vocação fracassada; um desses escriptores subitaneos, e mal educados, que a guerra e o bolchevismo desviaram de profissões mais sanguineas, teceu uma sinistra humorada, com reminiscencias de Edgar Pöe, sobre a primeira reunião do Conselho Executivo da Sociedade das Nações. Na sumptuosa Sala do Relogio, do Quai d'Orsay, resplandecente de embaixadores, animada pe-

lo nobre idéal de concordia humana, e onde a figura de Edward Grey, com a sua cegueira commovente e as suas palavras de esperança, tinha qualquer cousa de religioso, a negligencia dos famulos permittiu ao profissional do chiste algumas tristes piruetas. A falta de sympathia, ou antes, o medo de não parecer sufficientemente critico aos seus leitores, não lhe deixou ver naquella assembléa—sumida entre attitudes comicas ou falsas—mais do que uma pobre sombra, uma sombra quasi intrusa, a desolada sombra de Wilson.

Eis aqui um pequenino episodio, entrevisto apenas pela fantasia do jornalista compadecido, e que, entretanto, synthetiza a opinião corrente sobre a situação actual de quem foi, na grande guerra e na hora da paz, a voz mais autorizada, a maior força espiritual, a palavra de mais elevado intento, o verbo de acção mais decisiva, a brotar dos labios sorridentes de um homem. Wilson é hoje considerado geralmente um vencido, sobretudo por aquelles que, attrahidos e subjugados pelas successi-

vas, vertiginosas correntes intellectuaes e sentimentaes do nosso tempo, praticam o saturnismo politico ou literario em sentido inverso: os descendentes a devorar os ascendentes. Victorioso, objectivamente, no campo da lucta, é, paradoxalmente, entre vencidos e vencedores, o unico grande vencido. Pelo menos, na apparencia.

Como expressão de uma consciencia juridica na guerra, como expoente dos seus aspectos moraes, a obra doutrinadora de Wilson, para a maioria, devia terminar com o ultimo tiro de canhão: preenchidos os fins idéaes para que fôra incessantemente acclamada, cumpria aos artifices materialistas da victoria a liquidação laboriosa—talvez injusta, irremediavelmente imperfeita, pela extensão e complexidade da tarefa—do conflicto mundial. No parlamento britannico, quando o novo alliado, fremente de sagrada colera, surgiu no horizonte turvo da guerra com uma arma poderosa e uma palavra de justiça, alguem teve o desassombro de declarar que o papel do Presi-

dente dos Estados Unidos era a consagração dos principios pelos quaes se batiam os Alliados, até então envoltos em muitas sympathias, mas—pela diversidade dos seus proprios destinos, pelos antagonismos indisfarçaveis de todos elles—sem a autoridade moral bastante para manter ou impôr a pureza da sua missão. E se nessa declaração, hoje esquecida, havia um recurso da sabia diplomacia ingleza para lisonjear o novo companheiro de armas num momento critico da guerra, havia tambem, implicitamente, por antecipação, uma sentença da Historia.

*

Não é impossivel demonstrar que, a despeito do chamado espirito imperialista dos Americanos do Norte, do seu ruidoso jubilo patriotico e da mil vezes repetida affirmação de que foi o seu concurso que decidiu da victoria—attitude decerto jactanciosa, para não dizer descortez, mas, em todo o caso, desculpavel num povo joven, que ainda não tinha tido uma

participação brilhante na historia universal—; não é muito difficil demonstrar que, apesar do surto bellicoso do seu paiz, a grande obra de Wilson, já doutrinando, já inspirando, dirigindo, completando o maior esforço militar de que ha exemplo, foi sempre, acima de tudo, uma obra de paz. Elle não foi á guerra pela guerra, mas por um dictamen imperioso, terminante, decisivo, da sua consciencia de professor e de jurista. Os seus actos de politica externa, desde que elle subiu á presidencia dos Estados Unidos, trahiam já um alto pensamento pacifista; e, comquanto, na apparencia, de resultados nullos ou contrarios, máo grado a má fé dos que os desvirtuaram na sua applicação e a irreverencia profissional dos que os cobriram de chufas, delles será inseparavel o germen fecundo dessa nobre aspiração. Wilson, sem desattender os interesses vitaes do seu povo, procurou sempre, em politica internacional, sobrepôr aos interesses americanos os idéaes humanos.

No inicio do seu governo, e com a collabo-

ração efficiente do chanceller Bryan, que iniciara uma série de tratados pacifistas com diversos paizes, a America do Norte emprehendia uma tentativa de caracter pratico, em vista de uma concordia mais humana do que continental. Era ao seu influxo que se abriam novas perspectivas de entendimento entre os homens. E não tardou que esse grande idéal humanitario, fecundando corações, vencendo preconceitos, illuminando consciencias, fosse conquistar preselytos mesmo fóra dos centros officiaes.

Quando o millionario Carnegie, ao recolher-se ao regaço materno da nobre Escossia, collocou alguns dos milhões ganhos na America ao serviço da paz universal, houve um tal regosijo nas almas bem intencionadas que, transbordando do continente inteiro, foi encher de novas esperanças o velho e cansado scepticismo europeu. Encontrava, emfim, o antigo sonho de espiritos humanitarios um braço bastante generoso, em fórma de cornucopia, para executar, praticamente, o que não passara até

então da cabeça devaneadora de apostolos de gabinete. Organizava-se o serviço da paz, tão poderosamente apparelhado, como se organiza na America um *trust* ou se constroe uma ponte sobre um trecho do oceano. Era ainda o Novo Mundo que ia triumphar, com o seu arrojo incoercivel e a sua formidavel visão pratica das cousas, na solução de problema de tamanha transcendencia, até ahi tratado, geralmente, como inesgotavel inspirador de malabarismos literarios, em conferencias internacionaes.

Devo confessar, sem fingimento de especie alguma, que não desamo completamente a guerra, não tanto por amor da belleza heroica—que esta se extingue lamentavelmente com o surto dos canhões de quarenta e dois centimetros, dos submarinos e dos gazes asphyxiantes—mas pela razão mesma da sua utilidade pratica ou pela imposição das leis economicas que regem actualmente o mundo. Acho-a tão necessaria e muitas vezes decisiva para a vida das nações, como de uma ra-

pida contenda bellicosa póde depender a felicidade de certos individuos. Na guerra, a victoria de uma nação, segundo a causa defendida, affirma-a definitivamente no conceito universal, patenteia-lhe a vitalidade, accelera-lhe a marcha evolutiva, installa-a condignamente na Historia; e da derrota de outra, quando espesinhada em seus direitos, brota naturalmente o desejo de reconquista, a lição para o futuro, o orgulho da propria desgraça, salvo, claro está, naquelles paizes que já nasceram insusceptiveis de aperfeiçoamento, como não seria difficil encontrar.

Os exemplos de maior valia são recentes. Da sangueira do Extremo Oriente o Japão sahiu, acclamado e rutilante, para se alistar entre as principaes Potencias; e a Russia, absolutista e temida, voltou cabisbaixa, tropega e silenciosa, entre as imprecações dos seus filhos rebellados e os motejos das platéas internacionaes, para votar uma constituição e dar ao seu exercito instructores estrangeiros. A convulsão posterior, a anarchia actual do ex-

tincto imperio, o seu desmembramento contagioso, se é uma consequencia funesta e immediata da guerra, é porque, sem duvida, pelas condições excepcionaes da alma slava eleita para a grande provação, mais do que um problema de politica interna, entranha e focaliza a mais formidavel questão social que o mundo ainda presenciou. Que era a Allemanha antes de 70? Um agglomerado confuso, lyricamente fantasista, todo «besuntado de metaphysica», que nas mãos ferreas de Bismarck se transformou nesse colosso que era uma das maravilhas praticas do nosso tempo e agora expia o crime monstruoso a que foi arrastada pela febre de grandeza, no deslumbramento da sua civilização materialista ou no delirio brutal de querer fazer da guerra, segundo Frederico, a maior das suas industrias nacionaes. E quem não reconhece hoje o bem que até certo ponto foi para a França o desastre de Sedan? A grande nação, com um passado de glorias militares, até então sem fundos revezes que a retemperassem para novos sacrificios,

soube tirar da sua quéda todos os ensinamentos; e tal é hoje a sua força, tão sabia e generosa a sua energia, tão bello e commovedor o espectaculo do seu rejuvenescimento, que, ha pouco, sangrando, como nunca, nos campos de batalha, salvou a civilização de que ella é o espelho mais crystalino. Victor Hugo, que sonhou com os Estados Unidos da Europa, dizia «não haver guerras justas; quando muito, ha guerras sympathicas». Mas a verdade é que, tanto na vida dos individuos como na das nações, ninguem chega a ser Julio Cesar antes de ter conquistado as Gallias.

Entretanto, se é innegavel que a força governou e ha de governar o mundo, não é menos exacto que a razão cada vez mais se esforça para assegurar o equilibrio dos povos, aperfeiçoando-os no culto do direito. A paz é uma aspiração secular do espirito humano, e se o seu advento definitivo ainda é para muitos uma utopia, nem por isso devemos encaral-a com descrença, porque, assim como a guerra, racionalmente feita, serve para attestar as vir-

tudes de um povo, ella representa um esforço da intelligencia em favor da humanidade. Em todos os tempos, os espiritos que conduzem o pensamento humano, têm-se occupado della como de uma das condições essenciaes á função de viver. Não devemos querer, por impossivel, o seu dominio absoluto, acabando com todas as rivalidades historicas e suffocando as emulações naturaes entre as gentes novas que anceiam por se affirmar; mas desejal-a activa, organizada, vigilante, exercendo-se como um orgão indispensavel ao funccionamento geral do apparelho humano, agindo com a possivel regularidade dentro das possibilidades humanas. E certamente para esse resultado é que tendem os seus melhores servidores.

A par de muitos obreiros idoneos, cada qual o mais notavel na sua especialidade e mais devotado na sua tarefa, a Fundação Carnegie dispunha, não só de ouro, mas de duas ou tres intelligencias centraes para guial-a, pela palavra, neste mundo de descrentes, que outros fortaleceriam pelo exemplo. Nos Estados Uni-

dos da America, James Brown Scott constituia-se a primeira columna espiritual do grande edificio. Na Europa, d'Etournelles de Constant installava succursaes de propaganda, onde o mais humilde serventuario era, em regra, um sabio em materia de dereito internacional. E através dos dois mundos—novo Paulo de Tarso illuminado, não pelo clarão metaphysico de Damasco, mas pelo ouro concreto de Carnegie—Bacon, numa peregrinação memoravel, abria, com o seu verbo christão, um sulco profundo na descrença universal da harmonia entre os homens.

Verdade é que em torno dessa larga evangelização, essencialmente americana, alguem sorriu... Mas, ainda nesse sorriso, se se estylizavan ironias, não fermentava nenhum amargor. Era um commentario subtil, uma nota perdida de instrumento apparentemente malicioso, sublinhando um côro imponente e repleto, emergindo graciosamente das massas orchestraes de uma symphonia. Nada mais. Apenas, a arte, que parece ter perdido todos os

antigos enthusiasmos creadores, porque vive actualmente de retoques, recorrera ao novo manancial para sobre elle produzir, com secreta volupia, a irisação da luz sobre as espumas...

Emfim, a paz, o velho sonho, a velha utopia, o ambicionado impossivel, a paz universal, chegava ao ponto modernissimo da sua organização pratica e definitiva. Adoptavam-se os processos mais racionaes para o perfeito funccionamento desse complicado apparelho sentimental. Para longe as ultimas duvidas; para longe os derradeiros empecilhos. A possibilidade da paz no mundo sahia dos vergeis floridos da eloquencia internacional para o terreno solido das demonstrações irrefragaveis. O gabinete vinha de ser substituido pelo laboratorio... Que digo eu? A Fundação Carnegie, para muita gente, era assim como uma empreza de confraternização politica entre as nações. O serviço da paz começava a ser feito com a mesma regularidade mecanica com que se dirige uma usina. A paz, em summa, pare-

cia um *trust* absolutamente americano!

Foi isso ha pouco tempo, e a humanidade, enternecida, desoppressa, confiante, repousou sobre os primeiros louros da incomparavel conquista. O que a velha Europa, com o seu passado de guerras, com as suas profundas rivalidades historicas, não podera dar-lhe, dava-lh'o a joven America, com as suas forças virgens, exuberantes, liberalissimas, com o seu ouro generoso, o seu humanitarismo pratico, a sua sciencia sem preconceitos. Quanta doçura nos corações! Quanta claridade nos espiritos!

E eis que para logo essa pobre humanidade despertou, desilludida, quasi humilhada, a um appello de guerra. Era a ameaça de uma guerra—e guerra entre duas nações americanas! Por que? Causas profundas, longinquas, obscuras... Uns marinheiros de navio de guerra estrangeiro que desembarcam num porto interdicto, uma lei marcial que se cumpre, uma reclamação que se protella, um *ultimatum* que se repelle—e os Estados Unidos, com os seus

couraçados, que fumegam pela costa mexicana, e o Mexico, com os seus caudilhos, que se encarniça contra os norte-americanos... E logo depois—misera humanidade!—dois principes que tombam, sob o revolver de certo estudante vesanico, em Serajevo, e o Velho Mundo que desaba, sob uma tempestade de fogo e sangue, na mais horrenda das carnificinas... Por que? Causas profundas, longinquas, obscuras... *Eclats explosifs*, como diz, resignado, um illustre pacifista.

*

Mas, ainda ao rebentar a catastrophe mundial e, sobretudo, nas proximidades do seu angustioso desenlace, foi no estadista americano que a causa da paz encontrou o mais devotado apostolo e o arbitro de maior autoridade. Ao influxo da sua palavra, escudada na força dos seus exercitos libertadores, ruiram os imperios mais poderosos, e de instituições medievaes nasceram sociedades com a posse de si mesmas, soberanas no seu direito popu-

lar, senhoras dos seus destinos nacionaes. Elle era ao mesmo tempo o triumphador mais acclamado e o pacificador mais requerido. Para recebel-o, todo o Paris dissipou as nevoas de uma das suas manhãs de outomno ao calor do mais gentil dos seus sorrisos. Victoriaram-n'o enternecida, emocionante, literalmente, como só Paris sabe fazel-o. Elle era ou delle se dizia ser a gloria mais serena no doloroso transe que findava.

Entretanto, já nesse ambiente de paz, já nesse alvorecer de esperanças, que de tantas dôres se nutrira, velhos egoismos o espreitavam, para envenenar-lhe a obra humanitaria. A generosidade americana, de terras exhuberantes e de immensos oceanos, esbarrava desde logo com a dureza do egoismo europeu, polido mas vigilante, irreductivel, estratificado pelos seculos, em estado de perfeita crystalização. E não tardou que o mundo testemunhasse o empallidecer da sua estrella—a estrella que apontara aos homens o caminho de uma nova redempção. Foram dias de grande anciedade.

E quando, por fim, quasi aturdido pelo clamor dos interesses em conflicto, a que até um poeta celebre juntara uma das suas mais vehementes objurgatorias lyricas, elle se fez novamente aos mares, rumo da patria, não poucos, talvez, dos mesmos labios que se haviam desabotoado, para elle, em sorrisos de carinho, suspiraram, mesmo a distancia, num desafogo das entranhas:—*Il s'en va, heureusement...*

Hoje, apagado, enfermo, não passa de uma sombra, como diz o facil jornalista. Muitos o negam e quasi todos o deploram, como a um illustre fracassado. Corporação legislativa que em toda a parte excerce, mais ou menos tenazmente, as funcções de «junta de coice», o proprio Senado do seu paiz, dando á missão politica um sentido, por assim dizer, mais biologico do que humano, empenha-se em mutilar o que elle conseguiu salvar do naufragio dos seus famosos «quatorze mandamentos». Destes, visivelmente, o que resta? A liberdade dos mares? Soceguem os piratas. O direito de cada povo decidir dos seus destinos? As armas

responderão. Visivelmente, como uma luz alentadora na tristeza e confusão da hora presente—ultimo sonho, talvez, do pacificador, imagem de Dulcinéa a sorrir, piedosamente, no leito mortuario de D. Quixote—resta a Sociedade das Nações.

Não se trata, porém, de uma allucinação gloriosa. Já agora, pelo menos momentaneamente, todas as vozes pessimistas devem emmudecer; e se é certo que a Wilson toca o destino reservado aos que se antecipam, profunda e arriscadamente, ás idéas dominantes no seu tempo, não é menos exacto que, por imposição mesmo dos multiplos, immediatos, inseparaveis interesses em jogo, o problema da solidariedade universal, de que a Sociedade das Nações é a modalidade politica, começa a perder o simples caracter de utopia. Estamos no limiar de um mundo novo, e para elle nos leva, irresistivelmente, um puro idéalista — que já não passa de uma sombra...

Janeiro, 1920.

LONGE DA GLEBA

O BRASIL NEGADO
TRES VEZES...

Este artigo, destinado, em castelhano, ao *A B C*, de Madrid, deixou de ser ahi publicado, entre outros motivos faceis de comprehender, pelos dois seguintes: 1°) a direcção do periodico declaurou não ser solidaria com as opiniões dos seus collaboradores; 2°) o escripto, segundo a mesma direcção, é extenso de mais para as dimensões do jornal, cujo maior espaço é dado, frequentemente, ás chronicas de touradas, aliás bem escriptas.

Senhor Director do *A B C:*

Leitor dos menos desattentos, e não de todo inintelligente, do vosso conceituado periodico, tenho visto, com a tristeza que em mim sempre desperta um deslize entre homens superiores, que alguns dos vossos illustres collaboradores, e dos mais destacados, quando sahem das alturas liberrimas das idéas ou das opiniões

para o terra-a-terra dos factos, se deixam trahir, lamentavelmente, pela sua honrosa incapacidade para as cousas vulgares desta nossa pobre vida quotidiana. Quem nasceu para viver e fulgurar na risonha camaradagem das nuvens, não deve arriscar-se ás asperezas, ás vezes inopinadas, do nosso baixo mundo; e ainda que nesses breves e caprichosos contactos com a prosa da vida observe, como escriptor, a arte de bem dizer preconizada pelos mestres classicos, desde Horacio até Boileau, denota, na maioria dos casos, uma falta de elegancia mais moral do que intellectual, uma especie de *gaucherie* que num homem de pensamento é sempre lastimavel. Verdade é que os deuses, antigamente, desciam, com frequencia, a confabular com os mortaes; mas para evitar maiores contrariedades, o faziam sempre sob um disfarce qualquer: os lendarios bosques de Hellenia ainda falam das incursões de Jupiter e outros deuses menores, disfarçados ora em pastores, ora em animaes, para misteres absolutamente humanos...

Mortal, como sou, e necessitando, portanto, de nomes ou de motivos elevados e invulneraveis para a admiração da minha modesta intelligencia e para o amor do meu humilde coração, confesso que um deslize de homem superior me causa tristeza e desencanto—a tristeza que nasce da verdade offendida, o desencanto que vem de uma admiração menosprezada. Tenho aqui assignalados, desde que comecei a ler o vosso diario, tres casos concretos, vivos, typicos dessa falta de pudor profissional com que um homem de penna não deve jámais transigir. Todos elles são produzidos, ao que parece, por escriptores de «idéas», a proposito de «factos». Não se trata dos chamados juizos ligeiros da reportagem anonyma, mas de affirmações de publicistas com a responsabilidade que lhes empresta, pelo menos, um grande orgão da opinião hespanhola. Os dois primeiros, já antigos para a vida vertiginosa da imprensa moderna, ainda que chocantes e difficeis de aturar, passaram em silencio e em silencio desappareceram; e não valeria a pena resusci-

tal-os agora se o terceiro, o de hoje, mais crepitante, mais vivaz, mais desenvolto, não acabasse por me inspirar certo vexame ou um justo movimento de impaciencia.

I

O primeiro caso foi assim: era um escriptor que daqui partia, em pleno inverno, num bello barco e em plena guerra submarina, para o longinquo e prospero Rio da Prata. Uma bandeira neutral protegia-o, excepcionalmente, contra as emboscadas de Tirpitz, e a communidade de idioma, sentimentos e interesses dos paizes de seu destino, dava-lhe grandes alentos. Atrás de si ficava a Hespanha, rica e pacifica; longe, do outro hemispherio, sorria-lhe a Republica Argentina, pacifica e rica; e de permeio, o oceano, e dominando a immensidade do oceano, onde não se vislumbrava nem uma vela espavorida, o pavilhão auri-rubro da Hespanha, agitado por não sei que indiscretos sôpros de vingança. O quadro era verdadeiramente emocionante. O escriptor, que ia, sem

duvida, descobrir novos mundos, aproveitava os ocios de bordo para commover-se com essas perspectivas de grandeza.

Mas eis que a proximidade da linha equatorial, o calor, a melancolia infinita dos horizontes, lhe quebrantam o fecundo enthusiasmo. O nosso homem começa a suffocar. Foi-se-lhe a bella veia improvisadora. As tertulias do tombadilho, antes animadas, enlanguecem e murcham. E como o calor não lhe suggere outra cousa, do fundo da sua memoria fatigada, em fragmentos, em vagas noções de geographia recreativa—verdadeiros caprichos de cartographo—lhe vem a idéa peregrina de estar navegando nas costas do Brasil. E' sobre as nossas costas invisiveis o seu tédio immenso desaba.

Nessa altura, para não deixar escapar a occasião, o viajante das letras entretece—de collaboração com um portuguez, seu companheiro de viagem—algumas variações pungentes sobre o velho thema do calor brasileiro. E', talvez, o primeiro acto positivo da sua litera-

tura de propaganda do calor nacional no estrangeiro. E', decerto, em consequencia dessa intelligente propaganda que a noção que geralmente se tem do Brasil na Europa é a de um paiz grandissimo em territorio, que produz muito café, e onde faz muito calor. Quanto a este glosadissimo calor, o certo é que delle não fazemos nenhum monopolio, e quando o fizessemos, não seria motivo de lastima ou de reproche, porque, segundo um grande naturalista, sendo o homem o unico animal que não tem pello, parece haver sido creado para viver nos tropicos. E se do café temos quasi o monopolio, é porque, até para encher e deleitar a bocca de todos os maldizentes, produzimos quatro quintas partes da producção mundial.

Depois, o suarento publicista arrisca-se a affirmações mais genericas, mais deprimentes. Longe, muito longe, a quasi mil milhas de distancia, está uma terra formosa, oriente do Novo Mundo, sentinella avançada da joven civilização americana. Pois, através de tão larga distancia, o illustre viajante não vê se-

não *los negros de Pernambuco*. Occorrencia lamentavel—e que, entretanto, em nada prejudica a reputação de um escriptor, antes lhe conquista novos leitores.

O máo veso das generalizações na literatura de viagens já está sufficientemente desacreditado. Em todo o caso, é triste constatar que o ignorante ou o maldoso desconhece ou occulta que em Pernambuco ha alguma cousa mais do que negros. Elle devia saber, como escriptor, como visitador de povos, como observador de civilizações, que Pernambuco, por sua historia, por sua cultura, é talvez a terra mais antiga da America do Sul, após o descobrimento. Antiga no sentido cultural.

De um modo geral, póde dizer-se que em todo o continente americano, o Brasil é o paiz de cultura mais antiga, no sentido classico ou academico. Fomos, politicamente, uma excepção no Novo Mundo. Por um acaso historico, a que Napoleão não é estranho, o Brasil foi, durante quasi um seculo, a séde de uma Monarchia oito vezes secular. D. João VI, ao

trasladar para o Rio de Janeiro o throno dos Braganças e o mais selecto da aristocracia portugueza, teve, como um dos seus primeiros cuidados, o de fundar bibliothecas, museus, academias, cujas cathedras foram, na sua maioria, confiadas a professores mandados vir da Europa. Isto, se de alguma fórma retardou o desenvolvimento das nossas possibilidades economicas, deu-nos, em compensação, uma sensibilidade mais fina, uma virtuosidade mais accentuada, o gosto dos puros idéaes. Esta cultura, continuada de geração em geração, foi legada pelo ultimo Imperio á Republica e tem sido mantida sem solução de continuidade, antes ampliando-se pelo fundo idéalista da nossa mentalidade e elevação de pensamento, que virtualmente motivou, em Agosto de 1914, o gesto do nosso parlamento, protestando, antes de todos os neutros, contra a invasão da Belgica, como já determinara, em 1866, o protesto do nosso governo contra o bombardeamento da cidade commercial de Valparaiso pela esquadra da Hespanha.

Nessa linhagem historica, Pernambuco occupa um dos primeiros logares. Desde os tempos coloniaes, a sua cultura espiritual e o seu progresso material se desenvolvem parallelamente. As idéas de liberdade politica e religiosa, o culto das sciencias juridicas e sociaes, o gosto das bellas letras e das bellas artes, acompanham a expansão das riquezas do seu solo, com um esplendor que ficou assignalado nas chronicas do tempo. Para lá emigraram, lá se estabeleceram, lá fructificaram em familias e bens, tres das mais puras aristocracias européas: uma aristocracia hollandeza, uma aristocracia italiana, uma aristocracia portugueza. A côrte do Principe Mauricio de Nassau; os Cavalcanti de Florença, que Dante celebra em seu poema; os Albuquerque de Portugal, que Camões louva nos *Lusiadas*— todos elles, que não eram aventureiros vulgares, se radicaram em Pernambuco, deram-lhe o seu sangue, sulcaram-n'o com a sua intelligencia, e hoje revivem em seus descendentes, orgulhosos do seu passado. Entretanto, o

illustre itinerante—que, felizmente para elle, não tocou em porto algum do Brasil—não consegue ver em Pernambuco mais do que uma grande mancha, um denso formigueiro de negros.

II

Mas vamos ao segundo caso. Este, se bem que desgarre inconcebivelmente da verdade, é mais pittoresco. O seu autor cultiva o humorismo, um pouco acido, de velha marca peninsular. A's vezes, em logar de risos sãos—desses que veem das profundidades da alma e espalham em torno a sua crystalina alegria—o que elle consegue apresentar são verdadeiros esgares, são casquinadas insidiosas, como que nascidas do ventre. Como quer que seja, vae procurando nesses movimentos quasi inconscientes da sua actividade cerebral um derivativo para as suas fundas nostalgias de emigrado, aggravadas por um germanophilismo que não prima por defender corajosamente a Allemanha, mas por atacar, a pro-

posito de tudo, os Alliados, o que é uma das modalidades do ser germanophilo. E' uma maneira singular de illudir-se a si mesmo. De bom grado deixal-o-ia em paz com as suas vulgares humoradas, se, como agora, o não encontrasse seriamente desavindo com a verdade historica.

Esse escriptor, que escreve do Chile e possue, seguramente, um largo circulo de acção e influencia entre os leitores de Hespanha e America, encontrou, nas suas peregrinações literarias através do Pacifico, certo sabio japonez, que se lhe apresentou minusculo e sorridente, ao serviço de uma missão scientifica norte-americana, estipendiada philantropicamente pelo millionario Rockefeller. O medico japonez, como os seus companheiros de jornada humanitaria, estava dedicado á descoberta e extincção de certas enfermidades tropicaes, que infeccionam aquellas paragens. E entre os seus grandes serviços á humanidade soffredora, descriptos e louvados pelo escriptor, contava-se este: elle havia acabado

com a febre amarella no Rio de Janeiro. Lamentavel equivoco, difficil de admittir num escriptor publico, num informador da cousa publica, collaborador de um grande periodico, e que, entretanto, não impediu que elle continuasse a illuminar o cerebro dos seus leitores, com o applauso unanime das gentes.

Cabe-me aqui estranhar que esse outro tópico da febre amarella no Brasil ainda não tenha cansado a certos publicistas estrangeiros. Não ha muito, um grande orgão de Hespanha publicava uma noticia sobre o que elle chamava, com abundancia de titulos, *un caso interesante de fiebre amarilla en el Brasil.* Lida a referida noticia, não se atinava com o que ella pretendia demonstrar, falta que não é de admirar no jornalista, visto como a propria sciencia se via alli embaraçada para explicar o «caso interessante», não querendo ou não podendo affirmar se o virus foi contrahido durante a viagem a bordo do *Araguaya*, em que embarcara a victima em Portugal, ou em um dos dois primeiros portos de escala desse barco

em meu paiz. A mim me quer parecer que, como essa noticia nada conseguia provar, e tendo ainda em conta a sua flagrante inopportunidade, ella só podia surtir um effeito: alimentar no animo das pessoas ingenuas ou desattentas, que, em geral, só lêem das informações jornalisticas as epigraphes vistosas, a idéa de que o Brasil ainda é dominado pela tyrannia dessa praga.

Não nego que em meu paiz haja casos de enfermidades contagiosas, como é notorio que em capitaes muito adiantadas da Europa o typho e a malaria, e mesmo a variola, ainda fazem victimas numerosas. O mais elementar respeito á verdade obriga a dizer que, sendo o Brasil um paiz immigratorio e, por sua extensão, da maior variedade de climas, de condições mesologicas diversas; e que, havendo, entre as massas de immigrantes que lá aportam, muitos que têm da hygiene pessoal uma noção por demais primitiva, estamos expostos a que, em alguns dos nossos centros mais populosos, nos invadam, uma vez por outra,

certas molestias infecciosas, que são immediatamente combatidas e extinctas. O que, apesar de tudo, me custa comprehender é que por aqui ainda se fale, com certo luxo de detalhes, com abundancia de informes de propaganda, cuja applicação seria muito mais proveitosa ao desenvolvimento das nossas mutuas relações economicas; o que não posso comprehender é que por aqui ainda se dê a casos isolados de doenças contagiosas no Brasil a importancia ou o tristemente famoso prestigio de que durante muito tempo nos cercou a praga do *stegomya fasciata*.

Tudo isto seria perfeitamente comico se não fosse, ao cabo, irritante e até prejudicial á nossa reputação. Mas, voltando ao sabio japonez e seu espirituoso descobridor, devo confessar que não creio que haja em Madrid, que haja em toda a Hespanha um medico que estude e acompanhe a marcha da sua sciencia no mundo inteiro, ao qual seja estranho o nome do sabio brasileiro que ha quinze annos se cobriu de gloria, eliminando da capital do seu

paiz o celebre virus que por tanto tempo foi para nós um estribilho humilhante. Em todos os centros scientificos do mundo contemporaneo, em Berlim como em Buenos Aires, em Paris como em Nova York, o nome de Oswaldo Cruz não é o de um intruso, cioso de reclamo, mas o de um marco definitivo; e se ao germanophilismo distante desse humorista lhe apraz um detalhe typico, posso accrescentar que Oswaldo Cruz foi o sabio laureado com o primeiro premio no Congresso de Demographia e Hygiene, realizado em Berlim ha doze annos. Desgraçadamente, os homens de sciencia, como os medicos, são pessoas bastante atarefadas para se occuparem de alimentar e dirigir a opinião publica; esta vive, geralmente, a cargo dos profanos, que, como acabamos de ver, commetem, ás vezes, não só cincadas risiveis, mas injustiças desoladoras.

III

Vamos, agora, ao terceiro caso. Este é mais

grave, mais complexo. Não se lhe póde oppor sómente um simples desmentido, porque sáe, de alguma sorte, do dominio dos factos conhecidos para o campo accidentado das idéas, para o terreno escorregadio das opiniões. Talvez por isso mesmo é que me animo a abordal-o. Trata-se de um artigo do sr. J. M. Salaverria, publicado ha pouco no *A B C*. O sr. Salaverria é o que se póde chamar, sem favor, um escriptor de idéas. Através dos seus escriptos, elle tem, pelo menos, a apparencia de um homem de pensamento. Mas, como homem de pensamento, de pura elevação intellectual, parece desconhecer essa virtude essencial nos escriptores do seu porte—a generosidade—a faculdade de comprehender e admirar, sem a qual não ha superioridade critica possivel, a generosidade, emfim, que, mesmo negando, reduzindo, sublinhando, acaba por seduzir. Falta-lhe um pouco da bondade de Platão, da sympathia de Carlyle, da indulgencia de Anatole. E' um caso de solidão mental, sem um grande surto de belle-

za. O sr. Salaverria se mostra insensivel a certos aspectos, talvez os mais bellos, da vida.

Não é a primeira vez, aliás, que esse publicista viajado, autor da *Paizagem Argentina*, escolhe o Brasil para alvo dos seus *pinchazos*. Póde dizer-se mesmo que elle se alista entre certos escriptores conhecidos que, depois de terem visitado a Argentina e de a elogiarem a proposito de tudo, não descuram de dizer mal do Brasil, sem proposito algum, e dizendo sempre tolices. Ninguem lhe contesta o direito de critica. O sr. Salaverria é um escriptor, um sociologo (ás vezes, escrevendo, elle parece mais um professor), e póde espraiar-se, á vontade, sobre os assumptos que se lhe antolhem. O que, porém, não se lhe deve desculpar é que, em certos casos, a sua honestidade unilateral de escriptor publico se possa prestar a interpretações verdadeiramente penosas. Não ha muito, num dos seus artigos sobre a guerra—que o seu compatriota e confrade Alberto Insúa classificou impiedosamen-

te de «lugubres»—o autor do *Poema do Pampa*, comparando a Entente a uma sociedade commercial ás portas da fallencia e salva do desastre pelo genio mercantil dos Estados Unidos, encampadores das suas acções desvalorizadas, disse, jocosamente, que o Brasil entrara para os negocios dessa firma com «alguns discursos».

Deixemos de lado essa triste monomania de attribuir um baixo intuito de commercio a todas as acções humanas, ainda as mais elevadas. Effectivamente—em que pese ás repetidas declarações de Chefes de Estado, de Primeiros Ministros, de commentadores officiaes e officiosos, de diplomatas alliados, sempre gentis e mestres na arte de agradar, sobretudo num momento em que escasseia gente com direitos incontestaveis á sua gratidão—nós nada fizemos, materialmente, pela victoria commum. O nosso concurso foi insignificante ou nullo, a julgar por certos historiadores apressados da catastrophe geral. Parece mesmo, segundo elles, que só entrámos na guerra para fazer

negocios, e, ainda assim, como socios de industria. Comtudo, o sr. Salaverria foi menos severo: deu-nos, humoristicamente, o papel de discursadores.

E, sem talvez o suspeitar, o penetrante escriptor, installado na sua cathedrasinha do *A B C*, com a sua autoridade de seleccionador de valores, nos reconheceu um dos mais nobres papeis na grande guerra. Sim, fizemos alguns discursos, mas o mundo inteiro já se pronunciou sobre a transcendencia dessas orações indeleveis. De uma, pelo menos, são conhecidos os formidaveis resultados. Foi a conferencia de Ruy Barbosa em Buenos Aires. Chamaram-lhe a Sentença do Juiz. Ella traçou novo rumo ás consciencias timoratas ou hesitantes. Ella influiu na attitude decisiva da America. Synthetizando a opinião livre do seu paiz sobre a sentença do membro do Tribunal Permanente de Haya, está o «acto do Presidente da Camara dos Deputados da Argentina, que, declaradamente, se absteve de comparecer ao embarque do Embaixador, para se achar pre-

sente, no momento, á sessão daquella assembléa, e, deixando, como deixou, a presidencia, dar-lhe, na mais commovente das allocuções, os agradecimentos da sua nação, por haver elle escolhido a tribuna argentina, para advogar as idéas, que dalli advogara». A Camara Franceza «consagrou solennemente com a designação de «data historica» a do dia em que o Congresso Brasileiro votou a publicação dessa conferencia nos seus annaes». Commentando-a, no seu editorial de 13 de Abril de 1917, recordava o *Temps* estas palavras do discurso immortal: «Entre os que destroem a lei e os que a observam, não ha neutralidade admissivel. Os tribunaes, a opinião publica e a consciencia não são neutros entre a lei e o crime.» E accrescentava: «Estas palavras, pronunciadas ha dez mezes, nos traziam por *antecipação o echo da mensagem do Presidente Wilson*. Ellas punham em plena luz o problema juridico e moral, que os nossos exercitos diligenciam resolver com o seu sangue. *Ellas fixavam as metas do futuro.*» Mais que

tudo isso, porém,—diz o proprio Ruy Barbosa,—ha a mensagem que os cidadãos dos Estados Unidos residentes na Europa dirigiram ao Presidente Wilson, em Outubro de 1916, e estampada no mesmo *Temps*, a 27 desse mez. Nella, além das referencias á acção generosa do Brasil, emprestando o seu apoio moral á causa dos Alliados, encontram-se, a um tempo, esta consagração e este appello: «Já que nos não pertenceu essa iniciativa, sigamos, ao menos, esse exemplo, e uma vez que nos não foi dado assignalar uma data historica com o nosso protesto, *creemos uma data duplamente historica por effeito da nossa solidariedade com essas idéas*».

Sabe, de resto, o sr. Salaverria, como toda a gente medianamente culta, que nunca houve uma época transcendental na historia da humanidade, que não fosse assignalada por grandes discursos, seu expoente intellectuale, não raro, sua sentença moıal. A eloquencia—já foi dito—com ser uma força da natureza, é uma arma contra a tyrannia. Todos os gran-

des movimentos politicos, sociaes, religiosos, têm na eloquencia o seu instrumento inicial, a clava poderosa no combate pela realização das suas idéas de reforma. No mundo antigo, é a palavra de Demosthenes, combatendo os projectos ambiciosos de Felippe da Macedonia, que queria reduzir a Grecia á servidão. Roma, quando decidia dos destinos do mundo, ouviu a Cicero, a mais brilhante expressão da consciencia juridica do seu tempo. A Revolução Franceza foi precedida e influenciada por famosos oradores. E uma das mais bellas paginas do Christianismo, contra as tentações deste mundo, é o Sermão da Montanha. E', pois, uma gloria excepcional a que nos cabe neste espantoso cataclysmo da Historia, onde se nos reconhece o papel de maximo expoente intellectual, oppondo a força imponderavel das consciencias constituidas no culto da justiça á tyrannia dos que só se louvam na força bruta.

Mas voltemos ao seu artigo de agora. Nesse artigo, sobre *El arte del reclamo*, irrita-o

que um aviador chileno empolgue a população de Madrid com os seus vôos maravilhosos, e que os aviadores inglezes saiam de Londres e venham, através da nevoa, como mensageiros de paz, aterrissar, serenamente, em Cuatro Vientos. Elle parece desconhecer, quer como homem, quer como escriptor, que nesses grandes vôos ha, pelo menos, aquillo a que alguem chamou a «esthetica do perigo». Porque ahi não vê mais que reclamo. O sr. Salaverria detesta o reclamo—o que é altamente louvavel—ainda que mostre adorar secretamente o exito, que lhe foge. Ser-lhe-ia, talvez, agradavel ter a existencia ruidosa de D'Annunzio, mas se contenta com a *aurea mediocritas* em que vive.

Onde, porém, o sr. Salaverria se revela verdadeiramente zangado e curioso, a distribuir *bordoadas de cego* em varias nações reclamistas e inescrupulosas, entre as quaes apparece a Italia como um bando de salteadores, numa ampliação monstruosa da Serra Morena; onde o gentil ensaista se manifesta

mais interessante, ao menos para mim, é ao querer, ironicamente, que a Hespanha se aliste entre essas nações de propagandistas e *cabotins*. (O sr. Salaverria parece ter a obcessão das propagandas). Porque—«de otro modo seguirá su Patria expuesta a que le tributen una sonrisa de desdén los mulatos del Brasil.» Porque—«lo necesario hoy, para que los mulatos brasileños no nos desdeñen, y tambien para que las naciones de fauces muy bien dentadas nos tengan en consideración, es hacer ruido, gesticular, ponerse en primera fila, anunciar mucho y sonar las cartucheras sobre el cinturón.» Porque—só assim, «todos los calceteros de Tarrasa desearán entonces ser españoles, y los mestizos del Paraguay hablarán de la Madre Patria.» Comprehende-se aqui a condescendencia do sr. Salaverria, collocando os «mestizos del Paraguay» onde deviam figurar, pela terceira vez, os «mulatos brasileños». E' que a estes, pelas fatalidades da Historia, nunca lhes será dada a honra, a que, aliás, não aspiram, de chamar a Hespa-

nha «la Madre Patria».

Eu quero, christãmente, e já que os sentimentos christãos são do agrado do sr. Salaverria, tirar o piedoso escriptor da afflicção em que se encontra. Quero tranquillizal-o quanto á opinião que do seu bello e nobre paiz têm os «mulatos brasileños». Mas, antes disso, cumpre-me dizer ao sr. Salaverria que falar de negros e mulatos nesse tom desdenhoso já está fóra de moda entre as pessoas de bom gosto, além de revelar, no escriptor, certa falta de elegancia moral e, no homem, uma ausencia de piedade christã, tão bem cultivada pelo autor da *Arte del reclamo*. A guerra veio demonstrar, entre outras virtudes insuspeitadas, que os negros não são tão despreziveis como ainda se pensava: elles tambem verteram, em horas criticas, o seu sangue abundante e generoso e com este ajudaram a vencer os ultra-brancos, os extra-louros, os super-civilizados barbaros da Germania. São, pois, credores, senão de respeito, ao menos de gratidão, virtude commum entre certos irracionaes.

Quanto aos mulatos do Brasil, que tanto receio e desprezo inspiram ao nobre escriptor, occultar a sua existencia seria uma puerilidade soberanamente ridicula. Toda a gente que leu um compendio barato de geographia e historia, como o sr. Salaverria, sabe que os ha, em quantidade, na America. O que nem toda a gente sabe, quer ou póde explicar, são as causas do seu apparecimento no Novo Mundo. O negro, arrebatado das costas occidentaes da Africa para as fazendas americanas, mais do que uma fatalidade geographica, foi uma fatalidade sociologica da época; e, com o negro, o mulato, producto do cruzamento, attesta, em ultima analyse, a incapacidade ou a insufficiencia colonizadora dos povos que conquistaram aquellas terras. No Brasil, exterminado, por assim dizer, o elemento indigena pelos chamados conquistadores brancos, a quem minguava o apregoado puritanismo saxonio e sobrava o gosto pelo cruzamento, este havia de dar-se entre elles e os seus servos africanos. A solução foi menos esthetica, sem

duvida; mas, diante do irremediavel, é mais humana. Foi mesmo, até certo ponto, mais intelligente. Previu a eliminação total, embora lenta, do factor africano, através de caldeamentos successivos, ao contrario do que succede nos Estados Unidos, onde, existindo a separação, coexistem duas raças eternamente inimigas.

Se esta succinta explicação não satisfaz as exigencias epidermicas de certas pessoas, então se poderia accrescentar que deve haver um pouco mais de cuidado ao falar de mestiços, com repugnancia, por estas plagas morenas da Peninsula, na composição de cujo typo ethnico actual, pelo menos em algumas regiões, entraram, como se sabe, varios typos que não provinham, todos elles, da chamada raça aryana. Tanta culpa tem o Brasil de possuir mestiços como a America de ser «um continente estupido», segundo a expressão fulminante do sr. Pio Baroja, num livro que se vendeu muito, e que algumas pessoas tomaram a serio. Porque, se a mestiçagem no

Brasil, como em outros paizes americanos, não prova mais que a deficiencia dos seus colonizadores, a estupidez da America é apenas uma projecção da Europa, que, como se repete quasi diariamente, lhe transmittiu o melhor da sua cultura.

E agora, para terminar, direi ao sr. Salaverria que os mulatos brasileiros—que, em geral, sabem ler e escrever, conhecem um pouco de historia e não são inteiramente destituidos de senso esthetico—têm pela gloriosa Hespanha a admiração que ninguem, conscientemente, lhe póde recusar. De um, por exemplo, sei que, mais ou menos attingido pelas agudas vistas ethnologicas do sr. Salaverria, cêdo aprendeu a admirar, através da sua literatura, ao nobre paiz que actualmente o hospeda. E hoje que o conhece melhor e começa a amal-o com essa ternura peculiar aos eternos enamorados da Belleza, se alguma restricção põe na sua humilde mas sincera admiração, é a de lamentar que elle, o paiz cavalleiresco, creador de civilizações, não ti-

vesse aproveitado os seus sessenta annos de dominio nominal no Brasil-colonia, para deixar na sua patria raizes mais profundas. Póde o sr. Salaverria ficar certo de que, sem necessidade de reclamos e de cabotinismos, os mulatos brasileiros saberão sempre admirar a grande Hespanha, abrangendo nessa admiração a sua gentil pessoa e sua formosa obra.

Cadiz, Maio de 1919.

INDICE

MESTRES E AMIGOS

GLORIAS EXTINCTAS

LONGE DA GLEBA

A' revisão deste livro,
impresso no estrangeiro, escaparam
alguns erros de facil correcção.